



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

ENTRE TRANSGRESSÕES E CONSENSOS: A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E  
ESTÉTICA NO CASO DA TELENOVELA “LADO A LADO” NO ÂMBITO DO  
DEBATE SOBRE AÇÕES AFIRMATIVAS NO ANO DE 2012

SÃO CARLOS  
2017



Universidade Federal de São Carlos

ANA CAROLINA SIANI LOPES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ENTRE TRANSGRESSÕES E CONSENSOS: A RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E  
ESTÉTICA NO CASO DA TELENOVELA “LADO A LADO” NO ÂMBITO DO  
DEBATE SOBRE AÇÕES AFIRMATIVAS NO ANO DE 2012

Ana Carolina Siani Lopes

Bolsista CAPES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos parciais para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdemir Miotello

Coorientadora: Profa. Dra. Rosângela Ferreira de Carvalho Borges

SÃO CARLOS  
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ana Carolina Siani Lopes, realizada em 13/03/2017:

Prof. Dr. Valdemir Miotello  
UFSCar

Profa. Dra. Rosângela Ferreira de Carvalho Borges  
UFSCar

Profa. Dra. Camila Caracelli Schemm  
UFFS

Profa. Dra. Isabel Ferin Cunha  
UC

*Dedico este trabalho a todos aqueles e aquelas que lutaram (e ainda lutam) contra a monologização dos sentidos em favor da efetiva liberdade do povo negro.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Valdemir Miotello pela confiança, paciência e entusiasmo constante para com o tema deste trabalho. Por “traduzir” os pensares bakhtinianos em suas aulas e orientação, com amorosidade e humanidade.

À minha coorientadora, a Profa. Dra. Rosangela Ferreira de Carvalho Borges pela generosidade e amizade, por acreditar no meu potencial, pelos conselhos e trocas, por dividir comigo as inquietações frente aos tempos difíceis que se avizinham, por ser um exemplo como pesquisadora e militante.

Ao Grupo de Estudo dos Gêneros do Discurso (GEGe) pela acolhida amorosa, pela renovação das forças e dos olhares outros a cada reunião e colóquio.

À Profa. Dra. Camila Caracelli Scherma e à Profa. Dra. Isabel Ferin Cunha pela disponibilidade e generosidade em aceitarem contribuir com este trabalho, pela leitura atenciosa e sugestões tão válidas para a melhoria do texto, tanto em ocasião do exame de qualificação, como na defesa desta dissertação. Ao Prof. Dr. Hélio Márcio Pajeú e ao Prof. Dr. Nivaldo Ferraz por aceitarem ser suplentes da banca de arguição.

Aos amigos que fiz na UFSCar e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), os que se encontram por perto ou longe, por dividirem comigo as dores e delícias da pós-graduação e da vida adulta: Roger, Nicole, Camila Boschilia, Camila Torrezan, Dionísio, Dulce, Letícia, Wesley, Pâmela e Manolo.

Ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB/UFSCar) e à equipe do Curso de Aperfeiçoamento em Relações Étnico-Raciais, pela oportunidade de trabalho e de contribuição com esse projeto de mudança social. Sem essa oportunidade de trabalho não poderia ter me mantido nos primeiros meses do mestrado.

À Nida, Janice e Deivison por confiarem no meu trabalho como revisora de textos, fortalecendo essa rede de ajuda e apoio entre irmãs e irmãos negros que resistem na academia.

À Profa. Dra. Janaína Damaceno Gomes, uma das primeiras pessoas que leram o projeto de pesquisa desta dissertação, pela inspiração que emana de seu trabalho docente e militância.

Ao Danilo Lima, companheiro de luta no Coletivo Nacional de Juventude pela Igualdade Racial (CONAJIR/UFSCar) pelas minhas primeiras formações políticas no âmbito das relações raciais brasileiras, me mostrando outros olhares e outras narrativas que me permitiram compreender a minha própria vida.

Ao Junior, Jéssica e Vanessa, secretários do PPGL, pela atenciosidade ao esclarecerem minhas dúvidas. Aos professores do PPGL pela contribuição para com a minha formação como linguista desde minha graduação no Bacharelado em Linguística, pela perspectiva comprometida com a diversidade e heterogeneidade dos olhares sobre a linguagem.

Ao meu melhor amigo e companheiro Wellington Siqueira por dividir a vida comigo e as angústias acadêmicas e da militância, por acreditar em mim mais do que eu mesma, por ser o meu porto seguro e me ajudar com minha ansiedade, pelos debates sobre identidade, cafés e consultoria sociológica sobre o pensamento marxista.

À minha irmã e melhor amiga Fernanda Siani, pelo suporte do dia-a-dia, por me fazer rir e me animar sempre.

À Lolita por me adotar como sua humana e me fazer feliz.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal para o Ensino Superior (CAPES) pela bolsa de estudos e financiamento a esta pesquisa.

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo compreender as potenciais relações entre a telenovela “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) e os embates e discussões sobre Ações Afirmativas que ocorreram na mídia brasileira no ano de 2012, impulsionados pelo julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF) acerca da inconstitucionalidade do sistema de cotas raciais, aplicado pela Universidade de Brasília (Unb) e alvo de uma ação movida pelo Partido Democratas (DEM). Desta forma, a pesquisa buscou compreender em que medida a novela e seu discurso poderiam estar relacionados e reverberando as vozes desse debate, uma vez que a mesma teve como eixo narrativo o período pós-abolição da escravidão e os conflitos acerca da inserção da população negra na sociedade de classes do início do século XX; período muito rememorado no debate midiático para ressaltar o prejuízo histórico e a marginalização sistemática do negro no Brasil. Assim, partimos da hipótese de que tanto na vida como na arte foram produzidos discursos sobre o racismo e as desigualdades raciais da sociedade brasileira. Como alicerce teórico para a constituição de tal compreensão, nos ancoramos nos estudos do Círculo de Mikhail Bakhtin (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009; BAKHTIN, 2010; BAKHTIN, 2011; VOLOCHÍNOV, 2013; BAKHTIN, 2014;), estabelecendo um diálogo com a perspectiva dos Estudos Culturais sobre a mídia (MARTÍN-BARBERO, 1997; KELLNER, 2001; STAM, 2010; HALL, 2010; NEWCOMB, 2010), o que nos deu condições de pensar a comunicação de massa em seu caráter dialógico e como um terreno conflituoso constituído tanto por valores hegemônicos como por valores dissidentes. Isto posto, tomamos o cotejo de textos como um caminho metodológico (BAKHTIN, 2011), no intuito de compreender os enunciados produzidos em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) em relação aos dizeres midiáticos da discussão sobre cotas raciais de 2012, tendo em vista a responsividade da telenovela como enunciado e considerando-a como uma obra de arte que se emprenha de sentidos em sua relação com a dimensão extra-verbal mais ampla (VOLOCHÍNOV, 2013). Deste modo, buscamos a reconstituição dos fios ideológicos do discurso sobre a inclusão racial na telenovela, com o objetivo de compreender em como estes podem se constituir em consenso ou transgressão em relação aos embates da vida.

**Palavras-chaves:** Telenovela; Mídia e comunicação de massa; Discurso; Racismo e Desigualdade Racial;



## ABSTRACT

This paper aimed to understand the potential relationships between the telenovela "Side by Side" (Rede Globo, 2012) and the clashes and discussions about Affirmative Actions that occurred in the Brazilian media in the year 2012, driven by the judgment of the Supreme Federal Court (STF) on the unconstitutionality of the system of racial quotas, applied by the University of Brasília (Unb) and the target of a lawsuit filed by the Democratic Party (DEM). In this way, the research sought to understand to what extent the novel and its discourse could be related and reverberating the voices of this debate, since it had as its narrative axis the post-abolition period of slavery and the conflicts about the insertion of the black population in the class society of the early twentieth century; period well remembered in the media debate to highlight the historical prejudice and the systematic marginalization of black people in Brazil. Thus, we start from the hypothesis that in both life and art discourses were produced about racism and the racial inequalities of Brazilian society. As a theoretical foundation for the constitution of such understanding, we anchor ourselves in the studies of the Circle of Mikhail Bakhtin (BAKHTIN, 2009; BAKHTIN, 2010; BAKHTIN, 2011; VOLOCHINOV, 2013; BAKHTIN, 2014), establishing a dialogue with The perspective of Cultural Studies on the media (MARTÍN-BARBERO, 1997; KELLNER, STAM, 2010; HALL, 2010; NEWCOMB, 2010), which gave us conditions to think mass communication in its dialogical character and as a terrain confronted by both hegemonic values and dissenting values. In order to understand the statements produced in "Side by Side" (Rede Globo, 2012) in relation to the mediatic statements of the discussion on racial quotas in 2012, we have taken the text as a methodological path (BAKHTIN, 2011), in order to understand the statements produced in "Lado a Lado" (Rede Globo, 2012) in relation to the mediatic statements of the discussion on racial quotas in 2012, considering the responsiveness of the telenovela as a statement and considering it as a work of art that takes on meaning in its relation with the broader extra-verbal dimension (VOLOCHINOV, 2013). In this way, we seek the reconstitution of the ideological threads of the discourse on racial inclusion in the telenovela, in order to understand how these can constitute a consensus or transgression in relation to the conflicts of life.

**Keywords:** Telenovela; Media and mass communication; Speech; Racism and Racial Inequality;

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1: Capa da revista Veja, edição de junho de 2007 .....</b>	<b>47</b>
<b>Figura 2: Anúncio televisivo de “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012).....</b>	<b>77</b>
<b>Figura 3: Cena da telenovela “Duas Caras” (Rede Globo, 2007) .....</b>	<b>84</b>
<b>Figura 4: Cena da telenovela “Viver a vida” (Rede Globo, 2009) .....</b>	<b>85</b>

## SUMÁRIO

<b>Primeiras palavras: da questão de pesquisa e do lugar em que falo .....</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo I: Mídia e racismo.....</b>	<b>27</b>
<b>1.1 Comunicação de massa e as lutas pelos sentidos.....</b>	<b>27</b>
<b>1.2 A grande mídia brasileira e a negação das desigualdades raciais.....</b>	<b>43</b>
<b>Capítulo II – Vida e arte na telenovela .....</b>	<b>52</b>
<b>2.1 Da estética: vida e arte na constituição da telenovela brasileira .....</b>	<b>52</b>
<b>2.2 A telenovela “Lado a Lado”, as relações com o passado, presente e futuro do Brasil .....</b>	<b>69</b>
<b>Capítulo III – As ações afirmativas no Brasil .....</b>	<b>87</b>
<b>3.1 A luta contra o racismo e as Ações Afirmativas no Brasil .....</b>	<b>87</b>
<b>3.2 Das transformações na vida às transformações na arte.....</b>	<b>94</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>104</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>107</b>

## **Primeiras palavras: da questão de pesquisa e do lugar em que falo**

Podemos dizer que a relação entre a vida e a arte sempre foi objeto das inquietações humanas. Afinal, sempre se questionou: a vida imita a arte ou a arte imita a vida? É tomando este primeiro questionamento como norte que o presente trabalho teve como objetivo examinar as potenciais relações entre a telenovela “Lado a Lado”, produzida e exibida pela Rede Globo de Televisão entre os anos de 2012 e 2013, e o debate sobre Ações Afirmativas e cotas raciais ocorrido no Brasil no ano de 2012.

Desse modo, pretendi compreender os discursos presentes na referida telenovela, que teve como principal eixo narrativo para sua história o início do século XX (com primeira fase ambientada no ano de 1903), contexto de recente abolição da escravidão no Brasil; cotejando-os com as discussões e embates que ocorriam na mídia brasileira em 2012, impulsionadas pelo julgamento realizado pelo Supremo Tribunal de Justiça (STF) acerca de uma suposta inconstitucionalidade das políticas de Ações Afirmativas, o que culminaria na emergência de dizeres sobre o prejuízo histórico e marginalização sistemática da população negra, bem como sobre as desigualdades raciais existentes entre negros e brancos.

Assim, lancei mão da telenovela brasileira, gênero durante muitos anos negligenciado em estudos e trabalhos acadêmicos, para compreender o cenário social e político do debate sobre a inconstitucionalidade das iniciativas de reserva de vagas em universidades públicas brasileiras segundo critérios sociais e raciais, exercida até então de maneira descentralizada e por meio de programas e conselhos internos em algumas instituições federais e estaduais, o que culminaria, ainda em 2012, na aprovação da Lei Nº 12.711, que prevê a obrigatoriedade da reserva de vagas para estudantes indígenas, pretos e pardos<sup>1</sup> em estabelecimentos federais de ensino superior e técnico, com cumprimento a partir de 2013, após a decisão unânime do STF pela constitucionalidade das políticas de Ações Afirmativas.

Levando em conta este cenário e me colocando na escuta da arte para compreender esse pedaço da vida e do mundo, me ancorei nos estudos de Mikhail Bakhtin (1895-1975) e seu Círculo, filósofo da linguagem e teórico da cultura, mobilizando, sobretudo, suas reflexões acerca da relação entre a ética e a estética e elementos como o caráter dialógico e ativo-responsivo do discurso e da interação verbal, perspectivas que podemos dizer que

---

<sup>1</sup> Segundo a classificação por cor da pele, a partir de autodeclaração, adotada pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). Assim, a palavra “negro” refere-se a uma identidade política proposta no âmbito da luta antirracista, compreendendo a população afrodescendente, isto é, sujeitos com a cor da pele preta ou parda.

percorrem todas as obras do grupo; porém, chamo atenção para as que foram fundamentais para a compreensão que busquei construir (BAKHTIN, 2010; VOLOCHÍNOV, 2013; BAKHTIN, 2014; BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009; BAKHTIN, 2011).

Tomando cuidado com determinadas conexões e desconexões, também busquei erguer uma ponte entre os estudos bakhtinianos e os estudos culturais em comunicação e mídia (MARTÍN-BARBERO, 1997; KELLNER, 2001; STAM, 2010; HALL, 2010; NEWCOMB, 2010), a fim de travar um contato, ou melhor, um diálogo, que enriquecesse a compreensão, pensando que os mesmos nos fornecem importantes reflexões ao pensarem a própria comunicação de massa como um processo ativo. Neste aspecto, ressalto o principal ponto de convergência e os avanços do próprio pensamento bakhtiniano, se pensarmos na ideia de uma audiência e compreensão ativa e criadora, e nas relações entre as instâncias do oficial e não-oficial, na questão da hegemonia e das resistências.

Desta maneira, alargando meu arcabouço teórico e tomando a arte para compreender a vida, considero a telenovela enquanto produto de uma indústria cultural, principal mercadoria de exportação e carro chefe da produção de um conglomerado empresarial multimídia de entretenimento; assim, tive o intuito de apreender os valores e discursos que estão ali em jogo, que podem vir a ser fixados, reiterados e/ou ressignificados. A telenovela “Lado a Lado”, uma vez mobilizando o contexto do Brasil pós abolição da escravidão e a problemática da inclusão do negro na sociedade, de que maneira apresenta esse cenário que tanto foi rememorado e mencionado no debate de inconstitucionalidade das cotas raciais? A obra apresenta rupturas e resistências em seu discurso?

Quais as relações entre a vida e a arte neste caso específico? Em que pontos ambas se tocam ou em que medida ambas estão relacionadas? A telenovela “Lado a Lado” responde ao que está em jogo na vida? Neste aspecto, vale ressaltar aqui a importância do estudo realizado por Araújo (2000), sobretudo sobre as telenovelas que retrataram o regime escravocrata e de luta abolicionista, que me permitiu pensar o gênero em suas representações do que foi a escravidão no Brasil e o protagonismo negro neste tipo de narrativa, contribuindo também para a identificação das mudanças ocorridas desde então. É importante destacar aqui também a pertinência da noção de gênero do discurso (BAKHTIN, 2011) e da discussão sobre a relação entre a infraestrutura e a superestrutura presente em Bakhtin [Voloichinov] (2009), reflexões que me possibilitaram pensar no percurso histórico da própria telenovela, que responde a um conjunto de regras específicas e a um funcionamento próprio do gênero,

evitando estabelecer uma relação mecanicista ou de causalidade entre a esfera da vida e a da arte.

Isto posto, posso dizer que busquei compreender se na telenovela ecoam vozes que nos remetam ao debate de Ações Afirmativas, no tocante à desigualdade racial brasileira, pensando em como operam o mesmo e o diferente, o discurso hegemônico e a resistência, sempre tendo em nosso horizonte a noção de enunciado como esfera já impregnada pelas possibilidades comunicativas do dialogismo (STAM, 2010).

Com esse estudo acredito poder contribuir para os estudos sobre mídia e comunicação, levando em conta o complexo cenário atual de proliferação de novas tecnologias no contexto de uso das redes sociais, e das chamadas “mídias ninjas” e alternativas, bem como as mídias independentes ligadas a entidades e coletivos de movimentos sociais, que a cada dia mais abrigam o ativismo e militância de diversos grupos sociais que por meio de suas reivindicações provocam “rachaduras” nas produções culturais da mídia brasileira tradicional; o que torna impossível não pensarmos em um interlocutor ativo e criador, e a comunicação de massa em seu caráter dialógico. Isso sem contar que a própria telenovela brasileira se estabelece no país como uma obra aberta por excelência, com sentidos e valores extrapolados para além da tela da televisão, impulsionando discussões, debates e polêmicas nacionais (LOPES, 2003), demonstrando sua potencialidade enquanto objeto de estudo para se compreender a vida e as relações sociais.

É pertinente ressaltar a contribuição para os estudos linguísticos no âmbito do pensamento de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, cujas reflexões nos permitem o alargamento do próprio fazer científico, geralmente encarado em uma chave positivista, possibilitando uma compreensão da vida e a perseguição à relação de alteridade, à relação Eu-Outro, materializada nos signos e palavras e que está relacionada à pluralidade de vozes; corroborando para uma melhor compreensão do próprio debate racial brasileiro, que tanto abriga suas especificidades e funcionamento discursivo próprios de nossa história e passado, uma vez que o imaginário social brasileiro é fortemente constituído pelo mito da democracia racial, dentro do qual se acredita em uma convivência harmônica entre negros e brancos, cujo o discurso de negação da existência de racismo é uma constante, sobretudo reiterado pela grande mídia brasileira.

Por esse motivo, entre os muitos caminhos e interesses acadêmicos que eu poderia aqui elencar e que me levaram ao objeto de pesquisa que escolhi aqui compreender, acredito

que o fundamental seja minha trajetória na universidade e o tortuoso caminho de me reconhecer enquanto negra neste espaço, bem como em outras esferas da minha vida.

Filha de mãe branca e pai negro, a minha autodeclaração ou pertencimento étnico-racial sempre foi uma questão nebulosa e até então nunca refletida. As minhas experimentações do “racismo cordial”, aquele mais sofisticado, sutil e simbólico, dos pequenos gestos do cotidiano, dos olhares, das expressões da língua, das relações raciais no meu bairro de periferia de Ribeirão Preto - que por sua vez possuía uma cor e uma classe bem definidas, uma vez que raça e classe no Brasil são clivagens intrínsecas e filtros reprodutores de desigualdades nas oportunidades de acesso por si só - e da minha criação, em sua maior parte dentro de minha família materna branca e de descendência italiana, eram sentidas, mas nunca nomeadas como tais por mim. Racismo cordial como o enunciado pela personagem Isabel em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012), em uma cena que conta a Laura, sua melhor amiga sobre a discriminação que ela e “seu povo”, palavra sempre utilizada pela protagonista para se referir a sua família e amigos, sofrem por serem negros: “O olhar que ela me deu [...] quando eu lembro me vêm tantos outros olhares na cabeça [...] olhares que eu recebi, que meu pai, tia Jurema, todos nós, a vida inteira [...] e tanta gente, Laura” (REDE GLOBO, 2012)<sup>2</sup>.

Essas situações somadas ao ensino e ambiente escolar propagaram em mim, bem como na maioria, senão em toda a população afrodescendente brasileira, a associação de narrativas tristes, sempre ligadas ao sofrimento do processo de escravização, até como única parte da história contada e valorada assim pelos “vencedores”, e elementos éticos e estéticos pejorativos, materializados na palavra e no signo, a serem relacionados a história do negro na formação do país, um resultado de práticas racistas naturalizadas e com sentidos construídos historicamente decorrentes de quase quatro séculos de escravização. Quase toda pessoa negra no Brasil, senão todas, sofre com amostras de um racismo velado, porque é naturalizado no campo das representações simbólicas da negritude, quando não de casos mais explícitos, como o caso das injúrias raciais<sup>3</sup>, e do extermínio sistemático da juventude negra e pobre pela violência policial.

Ainda são comuns no vocabulário brasileiro expressões linguísticas como “serviço de preto”, “inveja branca”, “cabelo ruim”, “cabelo duro”, “cabelo bombril” em referência ao cabelo crespo, ou ainda “da cor do pecado”, “não sou tuas negas”, entre tantas outras, bem como a sutilezas de representações simbólicas como a imagem da “mulata”, como por

---

<sup>2</sup> Cena exibida em 26/11/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2262334/> > Acesso em novembro de 2016.

exemplo a figura da Globeleza<sup>4</sup> difundida pela Rede Globo na época do carnaval, padrões morais e éticos relacionados à figura do negro ainda visto e significado como “preguiçoso”, “malandro” sob suspeita e mais propenso a criminalidade e ao trabalho braçal, ou ainda em áreas como o esporte e esfera artística; o corpo da mulher negra hiperssexualizado ou ainda para o trabalho doméstico, lugar reforçado pelas produções culturais no imaginário social, o padrão de beleza eurocêntrico e branco, e a conseqüente rejeição da estética negra, “demonização” de religiões de matriz africana, uma vez a sociedade brasileira moderna constituída por um ideal de branqueamento, fortemente difundido no início do século XX, ideologia que durante os primeiros anos da República brasileira gozou de um estatuto de oficialidade, em que a miscigenação era vista como caminho para apagar as manchas da escravidão a partir de um melhoramento da raça, fazendo emergir designações como “moreno/a”, “mulato” que funcionam como eufemismos e atenuações das origens negras, visto que o signo “negro” adquire sentidos negativos, sendo usuais enunciados como “você é uma negra bonita, pois tem traços finos”, “você nem parece negro”, entre outras colocações consideradas socialmente como elogios.

Sobre este aspecto, é possível tomarmos o que nos diz Bakhtin [Volochínov] (2009) acerca da dialética interna do signo:

Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009, p. 48).

Em vista disso, é possível pensarmos que nas relações entre grupos sociais como negros e brancos, compreendendo uma tentativa de “monologização” dos signos ideológicos pelo grupo dominante, relação na qual o branco ocupa um espaço de poder, produzindo um silenciamento e apagamento das vozes sociais dissidentes. Apesar das relações raciais no

---

<sup>4</sup> “Globeleza” é o nome dado a cobertura jornalística do carnaval brasileiro realizado pela Rede Globo de Televisão no Brasil. A palavra também se tornou um signo, ao se referir a imagem de uma mulher negra nua que aparece nas vinhetas da cobertura dançando samba desde 1991, fazendo parte do imaginário social brasileiro ao representar a imagem da mulher negra como “mulata do carnaval”. Durante a finalização deste trabalho, com veiculação das propagandas do carnaval já iniciadas em janeiro, 2017 já ficou marcado com uma mudança realizada na propaganda. A bailarina negra Érica Moura aparece vestindo trajes típicos dançando além do samba, axé, maracatu e frevo, ao lado de outros dançarinos, representando a diversidade das tradições de carnaval do país. Disponível em < <https://www.facebook.com/pg/RedeGlobo/videos/> > Acesso em janeiro de 2017.



Brasil se mostrarem complexas e com um funcionamento discursivo específico, e hoje em dia o racismo persistir por meio de uma produção sofisticada e sutil de sentidos constituídos historicamente, é evidente que falar de racismo e da existência de desigualdades entre negros e brancos já é por si só mobilizar um assunto em disputa, um verdadeiro tabu em nossa sociedade, cujo o processo de miscigenação serve de respaldo ideológico para o silenciamento das vozes do grupo social discriminado pelo grupo no poder. Esse movimento de apagamento dessas vozes é fortemente promovido pela grande mídia brasileira, no caso do debate sobre cotas raciais, como veremos mais adiante.

A universidade, por sua vez, em toda potencialidade de acepção desta palavra, muito embora acredito que ainda tenhamos muitos passos pela frente para o alcance de uma maior diversidade neste espaço, tendo em vista o percentual da população negra (pretos e pardos) no país, entre outras minorias políticas, foi um lugar propício para minha inserção no debate racial brasileiro, ainda mais se levarmos em conta o fato da própria UFSCar estar entre as instituições de ensino superior pioneiras na implantação de políticas de Ações Afirmativas. Como beneficiária dessas próprias políticas em meu ingresso na graduação, apoiei-me durante minha trajetória naqueles com a mesma vivência e mesma história que as minhas.

Assim, percebo a relação de alteridade, a relação Eu-Outro, como constitutiva de minha identidade negra, sobretudo em espaços como a universidade pública que até então não tinham sido feitos para a população negra e pobre brasileira. Assim, destaco a minha posição de constante resistência nesse espaço, e de driblar a constante sensação de sempre estar a alguns “passos” atrás daqueles que sempre tiveram o ensino superior como algo já dado e para o qual foram preparados a vida inteira. Tentar encontrar essa força para não desistir e, sobretudo, tentar compreender o que significava estar ocupando aquela vaga na universidade, me levaram ao movimento social negro, por meio da militância em coletivos da UFSCar, como o Coletivo Nacional de Juventude pela Igualdade Racial (CONAJIR) e o Café das Pretas. Participando desses grupos, pude acompanhar as discussões na conjuntura política do ano de 2012, no cenário do debate de Ações Afirmativas e sanção da Lei de Cotas Nº 12.711.

Não poderia deixar de mencionar aqui a minha participação no curso de extensão “Cinema negro, fotografia e políticas de representação”, ministrado pela Profa. Dra. Janaína Damasceno Gomes em 2014, no âmbito das Atividades Curriculares de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPEs / UFSCar). No referido curso pude refletir sobre as práticas de representação do negro em meios audiovisuais como o cinema, a publicidade, televisão e fotografias autorais e institucionais. Ainda em ocasião das discussões realizadas na ACIEPE,

tive contato com o documentário “A negação do Brasil” (2000) realizado por Joel Zito Araújo e fruto de seu estudo sobre o percurso da representatividade negra nas telenovelas e dramaturgia brasileiras, que constitui a publicação “A Negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira” (ARAÚJO, 2000).

Assim, posso considerar o trabalho de Araújo (2000) e meus interesses pessoais, como uma pessoa “noveleira”, consumidora de telenovelas desde as brasileiras às mexicanas, como fatores instigadores para a escolha do gênero discursivo como objeto de pesquisa, sobretudo, dentro da questão da representatividade negra nas mídias e produções culturais, pauta muito cara às discussões do movimento social negro na luta antirracista.

Destaco também o importante papel da disciplina “Linguagem, Cultura e Mídia”, realizada em 2014 e ministrada pela minha coorientadora, a Profa. Dra. Rosangela Ferreira de Carvalho Borges, cujas discussões foram fundamentais para idealização do presente trabalho. Neste espaço, tive a oportunidade de contato com uma abordagem interdisciplinar da comunicação midiática, pensada em seu princípio dialógico, a partir dos estudos bakhtinianos, e sob um mapeamento das perspectivas dos estudos das teorias da comunicação, com destaque às discussões sobre processos de mediação e de construção de identidades.

Portanto, para além de descrever o percurso pelo qual cheguei ao objeto de pesquisa que procurei compreender neste trabalho, gostaria de evidenciar aqui o lugar do qual falo, sobretudo, minha posição não só enquanto pesquisadora, mas também como militante e estudante negra beneficiária das políticas de Ações Afirmativas. Posição essa que me faz um sujeito também atuante, vivenciando esse objeto de um lugar único e singular, uma vez que está intimamente relacionado e atado às minhas vivências e ao meu existir-evento no mundo (BAKHTIN, 2010).

Assim, acredito também ser importante descrever o olhar que adoto no presente trabalho de pesquisa, levando em conta os embates e desafios do fazer científico dentro das Ciências Humanas e da Linguística, e da própria visão do que pode ser considerado científico, também como uma maneira de justificar e defender uma posição dialógica enquanto pesquisadora.

Portanto, tomando as reflexões presentes em Bakhtin (2011), podemos pensar o campo dos estudos em ciências humanas como “as ciências do espírito” (BAKHTIN, 2011), tendo em vista que seu objeto é a interação entre dois espíritos, dois sujeitos, podemos dizer: o que estuda e o que é estudado, o cognoscente e o cognoscível, respectivamente. Assim, o autor

confronta essa perspectiva com o que seria o objeto e a sua relação com o pesquisador dentro do campo das ciências exatas e naturais:

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma coisa e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico (BAKHTIN, 2011, p. 400).

Dessa maneira, o autor defende que o conhecimento construído sobre o homem, tido enquanto sujeito, só pode ser dialógico, uma vez que o mesmo é um ser que fala e enuncia. Neste sentido, as ciências exatas e naturais seriam monológicas, praticadas a partir de um monólogo, isso porque, dentro desses campos, se procede a uma “coisificação” do sujeito, o sujeito é olhado como coisa muda e o pesquisador emite os enunciados sobre o mesmo, buscando uma observação que gere afirmações únicas, e com potencial de serem replicáveis; um modo de fazer ciência, podemos dizer, que ainda resguarda uma maior legitimidade, constituindo-se como palavra verdadeira, autorizada, neutra, imparcial e impessoal, e única explicação da vida.

É interessante notar, de acordo com a discussão empreendida por Bakhtin (2011), que o próprio mundo e a realidade das coisas, os elementos que podemos considerar propriamente como “coisas”, isto é, objetos inorgânicos e inanimados, bem como acontecimentos e fenômenos físicos também são atraídos para a vida, podendo ser compreendidos em seu caráter dialógico, a partir do instante em que temos duas consciências miradas para os mesmos, sujeitos que as contemplam e produzem discursos e sentidos acerca desses objetos e acontecimentos. Em outras palavras, todas as coisas do mundo possuem um “potencial de sentidos”, sempre podem ser introduzidas no contexto de palavras, signos e sentidos: “*Coisas prenhes de palavras*” (BAKHTIN, 2011, p. 402, grifos do autor). Uma vez dialogizado, o mundo material é valorado, ideologizado, discursivizado, passa a significar e a ser objeto de interações verbais, torna-se como um Outro para mim.

Assim, sobre o real, temos vozes e é com essas vozes que temos contato, e é por meio delas que compreendemos a realidade. A realidade é apreendida por meio do discurso, pela linguagem, na mediação que a língua exerce entre o Eu e o mundo. Trabalhar com essa

perspectiva permite compreender que a própria realidade como instância povoada por signos e sentidos, e que não existe independentemente do sujeito contemplador e pesquisador, significa porque se situa na inter-relação entre duas consciências, na relação entre sujeitos (Eu-Outro). Como adverte Bakhtin (2011), essa ordem dos sentidos e de valorações não é capaz de mudar os elementos materiais do mundo, mas se configura como algo que vai além, podendo interferir nos significados e sentidos de acontecimentos, isso se pensarmos nos objetos de uma ciência exata ou natural, por exemplo.

Como destaca Amorim (2001), ao abordar a perspectiva bakhtiniana na pesquisa em ciências humanas:

Não há objeto científico que não seja discursivo, isto é, mediatizado pelo texto. Em qualquer domínio, o objeto de pesquisa é *objeto falante* e, neste sentido, não pode ser mudo. Nas ciências humanas, o objeto é não somente falado e atravessado pelo texto, mas ele é *texto*. Texto a explicar e a interpretar, ele é *objeto falante* (AMORIM, 2001, p. 187, grifos da autora).

Isto posto, podemos dizer que o pesquisador em ciências humanas trabalha com o Outro, isto é, com outros sujeitos socialmente organizados e produtores de textos, enunciados e discursos. Diante disto, o sujeito a ser estudado e apreendido discursivamente e textualmente não pode ser captado em toda a complexidade da sua vida, que se encontra em constante movimento, não podendo ser explicada e fixada por uma verdade universal e replicável, uma vez que o próprio sujeito como um ser expressivo e falante “é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2011, p. 395).

Neste sentido, é interessante destacar aqui a delimitação proposta por Bakhtin em “Para uma filosofia do ato responsável” (2010) sobre a verdade *pravda* e a verdade *istina*<sup>5</sup>:

É um triste equívoco, herança do racionalismo, imaginar que a verdade [*pravda*] só pode ser a verdade universal [*istina*] feita de momentos gerais, e que, por consequência, a verdade [*pravda*] de uma situação consiste exatamente no que esta tem de reproduzível e constante, acreditando, além disso, que o que é universal e idêntico (logicamente idêntico) é verdadeiro por princípio, enquanto a verdade individual é artística e irresponsável, isto é, isola uma dada individualidade (BAKHTIN, 2010, p. 92)

---

<sup>5</sup> No russo, podemos dizer que ambas as palavras “pravda” e “istina” se referem ao conceito de “verdade”, com uma diferenciação de que a primeira diz respeito a uma verdade universal, consolidada por meio do estabelecimento de leis universais; já a segunda está relacionada a noções como “validade” e “justiça”.

Aqui, bem como ao longo de todo o ensaio, Bakhtin (2010) nos apresenta e demonstra os desdobramentos e implicações de se compreender um objeto por meio de uma verdade *istina*, isto é, tendo como norte a existência de uma verdade universal, constituída de acontecimentos e eventos gerais e repetíveis, dentro de um modelo abstrato e teórico de leis universais e conceitos. Como bem sintetiza Geraldi (2012):

A verdade-istina é aquela que se obtém por sucessivas abstrações; são verdades construídas no interior de uma teoria em que se constrói um modelo abstrato de explicação de um objeto. A verdade-pravda é aquela do mundo da vida, relativa ao acontecimento em si e às percepções que dele fazem os sujeitos envolvidos. Não resulta da abstração que exclui singularidades, mas ao contrário da adição continuada de elementos de tal modo que a verdade-pravda pode ser uma num momento, e outra noutro momento posterior em que se acrescentam novos elementos para formular um juízo de valor (aqui, de valor de verdade) (GERALDI, 2012, p. 25).

É importante salientar que Bakhtin (2010) não descarta a potencialidade de explicação de um objeto por uma verdade *istina*, porém tece uma crítica às correntes de pensamento que a concebem como única explicação válida. É importante compreender também que ao longo de “Para uma filosofia do ato responsável”, a reflexão de Bakhtin (2010) corrobora para a defesa de uma não separação entre os campos da vida, da ciência e da arte. Isso porque somos seres humanos unos e todas essas instâncias, vida, ciência, arte, etc., se unem dentro de nós, não há uma separação. Na vida não há um recobrimento ou isolamento desses âmbitos, a ciência é apenas uma das respostas e explicações para o mundo.

Desse modo, tomando a verdade *pravda* como a verdade de cada relação única e assim, diferente em cada momento, uma vez que é constituída pelas diferentes percepções dos sujeitos acerca de um acontecimento, podemos pensar na relação de responsividade que estabelecemos com o mundo enquanto pesquisadora, no ato de compreensão de um objeto, isto é, o ato responsivo, a atitude responsiva do sujeito perante o mundo: uma vez que não podemos estar fora da vida, temos um não-álibi, devemos responder por meio de um processo de compreensão que se mostre ativo, responsável. Cada evento ou acontecimento na vida é único e singular, e o Eu, uma vez sujeito singular e único, ocupa também um lugar único e singular no mundo e possui um determinado horizonte, logo, vivencia e compreende o dado de maneira única: “Compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na

singularidade do existir-evento: o que pressupõe a minha participação responsável, e não a minha abstração” (BAKHTIN, 2010, p. 66).

A experiencição que faço do meu dado se torna única e não se iguala a nenhuma vivenciada por qualquer outro sujeito, pois também estabeleço perante ele um tom emotivo-volitivo, isto é, atribuo a ele valores e sentidos, não sendo possível explicar essa relação somente por índices e categorias abstratas:

Tudo isso com que tenho a ver, me é dado em certo tom emotivo-volitivo, já que tudo que me é dado como momento do evento, do qual eu sou participante. Se eu penso num objeto, estabeleço com ele uma relação que tem o caráter de um evento em processo. Na sua correlação comigo o objeto é inseparável da sua função no evento. Mas esta função do objeto na unidade do evento real que nos abarca é o seu valor real, afirmado, o seu tom emotivo-volitivo (BAKHTIN, 2011, p. 86).

Diante disto, podemos dizer que a relação entre pesquisador e objeto se dá em caráter de um evento em processo, no qual o sujeito pesquisador se torna participante, e a função do objeto está intimamente relacionada ao tom emotivo-volitivo, a valoração. Em outras palavras e como já mencionado: as coisas do mundo não existem independentemente de mim, fora dos sentidos e valores que atribuo às mesmas.

É importante frisar que adotar a verdade *pravda* não nos faz caminhar a um subjetivismo relativista ou para eventuais explicações psicológicas que possam estar presentes na contemplação do pesquisador. Como Bakhtin (2011) argumenta, trata-se de um fato de sentido, isto é, trata-se de se proceder a uma “personificação” do objeto, de perseguir a relação de alteridade (Eu-Outro) ali presente, de povoá-lo com vozes outras que o constituem: “Todavia, a personalização não é, de maneira nenhuma, uma subjetivação. O limite aqui não é o *eu*, porém o *eu* em relação de reciprocidade com outros indivíduos, isto é, *eu e o outro, eu e tu*” (BAKHTIN, 2011, p. 407, grifos do autor).

Diante do que posso refletir até aqui, não podemos falar do alcance de uma precisão, exatidão ou da demonstração de uma relação de identidade ( $a = a$ ) em termos científicos dentro das ciências humanas, isso porque, tendo em vista a potencial infinitude de sentidos que podem ser produzidos pelos sujeitos e apreendidos por meio da linguagem e do discurso, “[...] aqui só se pode descobrir as possibilidades e a realização de uma delas. O repetível e o não repetível” (BAKHTIN, 2011, p. 375). No entanto, pode-se buscar uma compreensão

profunda do objeto, fazendo emergir as vozes outras que o habitam e reconstituindo a cadeia infinita de enunciados que a ele estão relacionados. Dessa forma, segundo Bakhtin (2011):

Não pode haver um sentido único (um). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode existir realmente em sua totalidade. Na vida histórica essa cadeia cresce infinitamente e por isso cada elo seu isolado se renova mais e mais, como que torna a nascer (BAKHTIN, 2011, p. 382).

Levando em conta que os sentidos de um texto não estão prontos nem acabados, ou seja, não são os primeiros ou últimos, mas em vez disso, fazem parte de uma complexa e infinita rede de possibilidades, resguardando toda a sua historicidade, a compreensão profunda do mesmo e de seu discurso pode se dar no seu cotejo deste com outros textos. Sobre este aspecto, é interessante notar que o próprio processo de interpretação e de leitura de um texto já envolve um correlacionamento e estabelecimento de relações entre textos, isso porque, “cada palavra (cada signo) do texto leva além dos seus limites” (BAKHTIN, 2011, p. 400).

Tomando essa pista metodológica do cotejo encontrada em Bakhtin (2011), podemos compreender o processo de compreensão aqui como ativo e criador, pois dá sequência à criação do autor, vai além, atualizando os sentidos de um texto e dando-lhe novos contextos, uma vez que passa a ser pensado a partir de um contexto novo (o meu atual). Ainda sobre a compreensão, Bakhtin (2011) nos diz:

É impossível uma compreensão sem avaliação. Não se pode separar compreensão e avaliação: elas são simultâneas e constituem um ato único integral. O sujeito da compreensão enfoca a obra com sua visão de mundo já formada, de seu ponto de vista, de suas posições. Em certa medida, essas posições determinam a sua avaliação, mas neste caso elas mesmas não continuam imutáveis: sujeitam-se à ação da obra que sempre traz algo novo” (BAKHTIN, 2011, p. 378).

É importante pontuar que compreensão e avaliação em Bakhtin (2011) tomam o mesmo significado, referindo-se a uma procura por sentido, interpretação, um alargamento e aprofundamento. Aqui, a compreensão pode ser tida como o próprio ato responsivo e valorativo, de atribuição de juízos de valor e, podemos dizer, como um gesto metodológico próprio para a pesquisa. Neste sentido, é possível ainda diferenciarmos a compreensão da

ideia de explicação, isto porque, a compreensão enquanto processo ativo, não seria uma simples passagem da linguagem do Outro para minha própria, antes trata-se do Eu se colocar como participante da cadeia comunicativa.

Desse modo, podemos perceber que a noção de compreensão não pode ser dissociada da avaliação pelo sujeito, pois a atualização dos sentidos do texto também ocorre sob influência da visão e das posições desse sujeito. Portanto, utilizar o cotejo de textos como opção metodológica de compreensão de um objeto significa lançar o texto ao diálogo vivo, mais do que isso, é lançá-lo novamente à rede de comunicação viva:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientamos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de ‘oposição’, só possível no âmbito de um texto (mas não do texto e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido). Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite) (BAKHTIN, 2011, p. 401).

Como compreende Bakhtin (2011), cotejar aqui não é opor textos e seus elementos abstratos e intratextuais, estabelecendo um contato mecânico e técnico entre eles; em vez disso, trata-se de um encontro dialógico, pois em seus horizontes e por detrás dos mesmos se colocam em contato sujeitos, suas realidades extratextuais, posições ideológicas e projetos de dizer. Ainda a respeito do cotejo, Geraldi (2012) chama a atenção para a possibilidade de reconstrução da rede de enunciados, aos quais o texto principal pode responder, concordar, polemizar, se contrapor:

Dar contextos a um texto é cotejá-lo com outros textos, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento da origem (GERALDI, 2012, p. 33).

Tendo em vista o objetivo de dar contextos ao texto principal, podemos considerar o cotejo como uma maneira de captar e compreender os próprios acontecimentos e situações concretas que engatilham os enunciados, levando em conta que os sentidos do discurso nos



levam além das fronteiras do verbal, remetendo sempre a uma realidade extralinguística, significando como significa somente porque está vinculado e atado à vida (VOLOCHÍNOV, 2013). É na vida que temos a interação entre sujeitos, ponto de partida para se proceder a um estudo bakhtiniano, o encontro entre o eu e o outro, um espaço de lutas ideológicas, embates, relações conflituosas e de contradição, terreno constituído pela pluralidade de vozes e de posições. Ter o cotejo como gesto para clarear a própria vida implica pensar o texto como um lugar de interação, espaço de alteridade, uma vez que sempre é produzido pelo Eu para o Outro.

Adotar uma perspectiva dialógica como cientista e pesquisadora implica não ser indiferente ao Outro, à singularidade do meu objeto e às vozes que o constituem; mais do que isso, envolve integrar o mundo da vida ao do fazer científico, espaço sempre tão asséptico e de relações mecanicistas. Logo, há de se considerar como tônica o próprio diálogo, os embates e as lutas como constituídos sempre por dois eixos de sentidos, dois polos, duas consciências, olhando para o mundo como multiplicidade e como constituído pela ação humana responsável.

Considerando essa “lente” bakhtiniana e como primeiro passo para a realização do cotejo entre as materialidades verbais da vida e da arte, lancei mão da noção de “reposta”, compreendendo os enunciados produzidos no âmbito de “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) como potenciais respostas aos acontecimentos na vida, buscando a relação entre enunciação e a realidade extra-verbal do discurso. Assim, o debate sobre Ações Afirmativas se mostrou como um “gancho” para o recenseamento dos discursos sobre racismo e desigualdades raciais, temática que também pudemos compreender nos discursos produzidos na telenovela.

Deste modo, tive acesso aos 154 capítulos da telenovela “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) disponibilizados pela Rede Globo de Televisão na plataforma digital Globo Play<sup>6</sup>, na qual recentemente a emissora vem disponibilizando diariamente as produções de sua programação diária, bem como alguns produtos transmitidos nos anos mais recentes. Assistindo aos capítulos da telenovela, selecionei os enunciados, presentes na forma de cenas,

---

<sup>6</sup> Com lançamento em 2015, a Globo Play como plataforma digital dá acesso aos conteúdos produzidos pela emissora em seus diversos segmentos como telenovelas, programas humorísticos e de variedades, telejornais, minisséries, etc. Os usuários podem se tornar assinantes da plataforma, a partir do valor de R\$ 12,90, o que permite ter acesso aos conteúdos na íntegra, isto é, sem ser dividido em trechos e intercalado por propagandas. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/> > Acesso em março de 2017. É possível também ter acesso ao conteúdo das produções televisivas da Rede Globo por meio da plataforma “GShow”, em que cada telenovela, por exemplo, possui um domínio digital, com informações sobre a trama, elenco, figurino, curiosidades, trechos dos capítulos, etc., no caso da presente pesquisa, foi utilizada em um primeiro momento a plataforma “GShow” e posteriormente a plataforma Globo Play, dada a qualidade do material no que diz respeito ao áudio e vídeo. Disponível em < <http://gshow.globo.com/novelas/lado-a-lado/> > Acesso em março de 2017.

que fossem mais representativos de uma produção discursiva sobre racismo e desigualdade racial.

Já na esfera da vida, o recenseamento dos textos midiáticos sobre o debate de cotas raciais, optei por estabelecer como recorte temporal o intervalo entre o dia primeiro de janeiro de 2012 e o dia 8 de março de 2013, o início do ano de 2012 pelo evento do julgamento no STF já estar sendo discursivizado, previsto na agenda política do país; e a data de 08 de março de 2013, por se tratar da transmissão do último capítulo de “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012). Assim, identificando neste cenário político e midiático a produção de discursos sobre o racismo e as desigualdades raciais, os textos sobre o debate de ações afirmativas foram coletados a partir do mecanismo de busca digital do “Google”, com o recorte temporal supracitado e a partir do seguinte conjunto de palavras-chaves: “ação afirmativa” + “racismo” e “cotas raciais” + “racismo”.

Por conseguinte, o presente trabalho se encontra organizado nos seguintes capítulos e seus respectivos temas, expandidos a partir de subseções: o capítulo 1 abarca as reflexões sobre a mídia e a comunicação de massa, se ancorando na perspectiva dialógica da mídia e da comunicação, entendendo a compreensão por parte das audiências como um processo ativo, permeado tanto por forças hegemônicas como de resistência. Assim, o capítulo também abarca reflexões acerca das relações entre a instância midiática e a reprodução e sustentação de estruturas racistas, sobretudo, ao levar em conta a negação do racismo operada pela grande mídia brasileira no contexto do debate de Ações Afirmativas;

O capítulo 2 busca compreender a relação entre vida e arte como constituinte do gênero telenovela brasileira, tendo em conta sua matriz cultural como o melodrama teatral, e sua permeabilidade à atualidade desde sua gênese, compreendendo esse funcionamento em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012), e investigando suas relações com o presente e com o debate racial brasileiro.

Por fim, o capítulo 3 versa sobre o contexto social e político do ano de 2012 e suas mudanças sociais, sobretudo no que se refere a aprovação das políticas de Ações Afirmativas, e a proeminente agenda política do país no que se refere à desigualdade racial, levando em conta as lutas históricas do movimento negro, procurando compreender em medida as transformações da vida podem contextualizar a arte.

## Capítulo I: Mídia e racismo

*“Até o mais devoto crente e praticante do apartheid não pode, em última análise, separar-se da ressoante resposta negra à supremacia branca”*

*(Robert Stam)*

*“[...] Quando a polícia e os jornais falam que a capoeira é bandidagem é porque é coisa de preto”*

*(Zé Maria, “Lado a Lado”, Rede Globo, 2012)*

Inicialmente, podemos considerar os estudos da comunicação, assim como a própria noção de comunicação, como um campo marcado pela interdisciplinaridade, dada a própria complexidade deste objeto – podendo ser material e imaterial, temporal e atemporal, e envolvendo fatores biológicos e sociais, naturais e culturais – assim, suas investigações foram constituídas por diferentes ciências e perspectivas, bem como por diversos modelos comunicativos. Assim, nas páginas que se seguem, busquei compreender as relações entre os meios de comunicação de massa e o racismo no Brasil, partindo do fato de que as primeiras ideias sobre a comunicação foram utilizadas no gerenciamento do espaço público respaldadas na forte difusão do racismo científico do início do século XX e, tomando o contexto brasileiro, compreendendo a grande mídia como (re)produtora de clivagens e de difusão do mito da democracia racial, sobretudo na negação da existência de desigualdades raciais.

### 1.1. Comunicação de massa e as lutas pelos sentidos

É importante ressaltar que a comunicação sempre foi objeto de investigações e estudos, um interesse do homem desde a Antiguidade; porém, é a partir do estabelecimento do regime capitalista moderno no século XIX, com a invenção dos sistemas técnicos básicos, corroborando com as necessidades do livre comércio, que surgem estudos com o objetivo de compreender a realidade influenciada pelos meios de comunicação, com noções fundadoras de uma visão de comunicação, sobretudo a ideia de comunicação como fator de integração das sociedades humanas (MATTERLART, 1999; TEMER, 2005).

Podemos destacar nesse período a invenção da prensa mecânica, do telégrafo e da fotografia, acarretando em um aumento da tiragem de livros, consolidando-se como um produto cultural a ser consumido em maior escala, e uma maior circulação de informações. Além disso, com o estabelecimento de fábricas de maior porte, e emergência de uma sociedade industrializada, iniciada com a Revolução Industrial na Europa ainda em fins do século XVIII, temos o surgimento da problemática da sociedade de massa, fomentando críticas às condições do homem em meio ao massivo, às multidões e aglomerações urbanas. Nesse aspecto, é preciso ressaltar o crescimento das cidades e os processos de urbanização, aliado ao grande fluxo populacional do campo para a cidade, tido enquanto um processo de massificação, sendo a comunicação vista como um meio de gestão da massa, das multidões nas cidades, frente aos sentimentos de insegurança e temor a uma desintegração social a partir de revoltas populares, uma vez que a multidão passa a ser vista como um perigo a ordem, pois é concebida como impulsiva e volúvel (MATTERLART, 1999; TEMER, 2005).

Em meio a essas transformações, temos o desenvolvimento e proposição de uma sociologia positivista por meio dos trabalhos de Spencer, e posteriormente na figura de Augusto Comte. Esta ciência positiva das sociedades humanas tratava-se de um estudo científico dos fenômenos e fatos sociais, perspectiva que posteriormente influenciaria os estudos de Émile Durkheim. Este último se debruçará sobre a questão da ordem, postulando que a divisão social do trabalho, antes mesmo de efeitos econômicos, acarreta efeitos morais, sendo o bom funcionamento da sociedade procedente do cumprimento das funções socialmente desejadas pelos diferentes setores da sociedade. No contexto desse pensamento, a comunicação passa a ser considerada enquanto um elemento de organização dos espaços econômicos, sendo utilizada para estruturar o trabalho coletivo nas fábricas. As pesquisas dentro dessa perspectiva são marcadas pelo empirismo, objetivismo e determinismo. Neste aspecto, é estabelecida uma continuidade e equivalência entre sociedade e organismo humano, entre a ordem social e a ordem biológica, tendo a comunicação a função de distribuir e regular informações, potencializando a qualidade do funcionamento do corpo social (TEMER, 2005).

Esse modelo de “biologização” do social se torna senso comum ainda no fim do século XIX e passa a caracterizar os sistemas de comunicação como agentes do desenvolvimento, progresso e civilização. Essa ideia de sociedade enquanto organismo social, um *continuum* do organismo natural que obedece leis fisiológicas de desenvolvimento progressivo é consolidada por meio das ideias darwinistas de evolução, e em meio à sociedade industrial de massa, acarreta na emergência de ciências de mensuração humana para o controle da massa.

Esses estudos passam a produzir nomenclaturas e classificações para identificação de sujeitos e seus perfis e suas tendências à criminalidade, que serão utilizadas por juízes, policiais e médicos para normatização da massa, a partir de políticas de higiene pública, projetos de reurbanização e reorganização do espaço público, sobretudo tendo por base ideais fundamentados nos princípios da eugenia<sup>7</sup>. Nesse âmbito de investigação destacam-se estudos como a antropometria de Bertillon, biometria e eugenia de Galton, e a antropologia criminal de Lombroso; bem como os trabalhos de Gustave Le Bon que teoriza sobre a psicologia das massas, e tem o fator racial como elemento principal para hierarquizar civilizações e povos tidos como inferiores (MATTERLART, 1999).

Segundo Muniz Sodré (1999), Darwin, Gobineau, Spencer e Le Bon se destacam como vozes fundadoras do racismo no século XX<sup>8</sup>, e essa perspectiva marcada sobretudo por uma ideologia de modernização e do progresso ganha adeptos entre os intelectuais brasileiros, contribuindo para a consolidação da ideologia do embranquecimento e da eugenia. Assim, no contexto brasileiro, essa influência se reverte em um pacto simbólico de rejeição aos traços não-brancos, alimentando teorias de superioridade racial e um desejo de apagar as origens africanas do povo brasileiro, marcando a mudança do racismo de dominação, com a abolição

---

<sup>7</sup> A eugenia enquanto palavra e área de estudos foi proposta em 1883 pelo pesquisador Francis Galton (1822-1911) e se referia às investigações acerca dos agentes de controle social que poderiam melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações humanas. Galton era primo de Charles Darwin e é influenciado pela teoria evolucionista da seleção natural no mundo animal, a partir da publicação da obra “A origem das espécies” de autoria de Darwin em 1859, e que é posteriormente transposta para os pensamentos sobre a sociedade, no âmbito da corrente do darwinismo social, desenvolvida por Spencer. Assim, a eugenia se debruçava sobre o aperfeiçoamento e empobrecimento da espécie humana, a partir da identificação de características consideradas degradantes ou impuras, sendo essa doutrina refletida em leis de imigração restritivas, práticas de eutanásia e esterilização de alguns grupos sociais, leis de autorização e regulação para casamentos entre casais considerados saudáveis, etc. Essa doutrina ganha adeptos sobretudo em países como a Alemanha e os Estados Unidos no início do século XX, com a emergência e criação de sociedades eugênicas compostas pela elite intelectual nacional.

<sup>8</sup> É importante compreender a noção de racismo, bem como a ideia de raça, como conceitos modernos, com origem no início do século XX. Assim, no período anterior de colonização europeia, podemos entender que a dominação do homem europeu sobre outros grupos étnicos se dá através das diferenças de credo religioso e baseada no criacionismo, na relação entre o Eu e o Outro significado como diferente, o europeu e as outras etnias colonizadas. Portanto, o racialismo e o racismo, isto é, a ideia de divisão dos seres humanos entre raças superiores e inferiores, surge enquanto um conceito biológico institucionalizado a partir do século XX, a partir do discurso legitimado das ciências naturais e biológicas. No mundo contemporâneo, sobretudo em decorrência dos horrores produzidos pelo nazismo alemão no período de extermínio e genocídio étnico a partir do Holocausto no contexto da Segunda Guerra Mundial, trata-se de um consenso entre estudiosos a abolição da noção de raça enquanto fato biológico, sendo considerada a existência de raças, somente em referência a existência de uma raça humana. No entanto, a noção de raça e de racismo pode ser entendida como construções sociais, como nos diz Hall (1997a; 1997b), um signo vazio que por não possuir elementos ou atributos essenciais pode ser contextualmente significada, sendo o racismo um tipo de discurso. Assim, há de se considerar, sobretudo no Brasil, que a relação entre negros e brancos é construída sob os sentidos ligados a noção de “raça”, sendo significada a partir de características fenotípicas no âmbito do racismo científico, considerando que os efeitos produzidos por esse discurso como constituintes de relações ainda hoje racializadas, reproduzidas por diversas instituições sociais.

da escravidão, para um racismo de exclusão, um discurso doutrinário que se reflete na medicina, antropologia e a educação, e que desemboca no incentivo da imigração europeia como nova mão-de-obra para a industrialização e inclusão na sociedade de classes brasileiras, e defesa da miscigenação como melhoria da raça e atenuação da distância entre a pele clara e a pele escura (SODRÉ, 1999).

Com os processos de expansão da urbanização ainda em curso, e a consolidação do capitalismo industrial e da sociedade de consumo, o que realça ainda mais a necessidade de uso dos meios de comunicação de modo mais eficiente em função da necessidade de maior circulação de informações, transporte de bens de consumo e produtos industrializados, além da disputa por consumidores; empresas e governos destinam investimentos para a pesquisa de formas mais eficientes de comunicar suas ideias como, por exemplo, os Estados Unidos que, após a crise de 1929, incluem a comunicação em seu projeto de retomada econômica, reconhecendo a área como um elemento importante no desenvolvimento de planos racionais e progresso social (TEMER, 2005).

Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), cresce ainda mais a importância dos meios de comunicação, uma vez que os mesmos passam a ser utilizados em uma dimensão política, se mostrando como importantes veículos propulsores de sentimentos de sustentação econômica e de ideais nacionalistas, como em meio ao nazismo o fez o governo alemão por meio de suas propagandas em defesa da supremacia da raça ariana, baseadas nos conhecimentos produzidos a partir do racismo científico e dos ideais da eugenia, tendo os veículos de comunicação como o cinema, livros, teatro, música e rádio um papel central na emergência de uma consciência racial e identidade nacional.

Nesse contexto, surgem os que são considerados como primeiros esforços de proposição de um modelo de estudo crítico sistematizado e organizado sobre os meios de comunicação de massa e acerca da Indústria Cultural<sup>9</sup>, realizados por um grupo de intelectuais marxistas, no âmbito do que se denominou como Escola de Frankfurt, compondo estudos dentro de um paradigma crítico radical. Empreendendo estudos dos meios de comunicação como uma

---

<sup>9</sup> Termo proposto por Adorno e Horkheimer (1947), que diz respeito a um sistema de produção em larga escala de bens culturais e da arte. Nesse sentido, cinema, rádio, revistas constituem uma indústria, na qual a arte é transformada em mercadoria, aliada aos interesses do capitalismo. Essa indústria cultural possui uma padronização de seus produtos, criando necessidades em seus consumidores, tentando encobrir a realidade, banalizar e esvaziar a arte, que pode perder seu caráter revolucionário e crítico, e transferir os valores das classes dominantes para as classes dominadas. Pela lógica do entretenimento e da diversão, a indústria cultural tenta impedir uma reflexão crítica por parte do seu consumidor, fazendo-o suportar o trabalho nas fábricas e esquecer por algumas horas a exploração, oferecendo-lhe produtos que não têm nenhuma relação ou ligação cultural com a sua vida cotidiana.

crítica ao capitalismo, esses autores podem ser enquadrados dentro da tradição da esquerda alemã, com suas bases na dialética hegeliana, com a noção de contradição como motor da história, e suas reflexões sobre a cultura desenvolvidas no bojo da filosofia clássica; com o intuito de romper com as explicações simplistas da tradição empirista, muito embora a crítica nessa corrente esteja ligada a um fator economicista, conjugando os pensamentos de Marx e Freud, com perspectivas dentro da filosofia da cultura, ética e psicologia (TEMER, 2005).

É importante salientar que a questão central para essa tradição de estudos trata-se da noção de alienação, considerando-se a produção dos meios de comunicação de massa como alienante, uma vez que o trabalhador não tem ligação cultural com esses produtos. Há de se considerar que permeia nessas reflexões a ideia de uma transmissão de valores culturais e ideológicos de uma classe social dominante para uma classe dominada pela indústria cultural, o que impede, dadas as condições contraditórias necessárias para tal, como a já mencionada crise que ocorria nos países ocidentais e democráticos nas décadas de 1920 e 1930, a revolução socialista:

Os teóricos críticos analisavam todas as produções culturais de massa no contexto da produção industrial, em que os produtos da indústria cultural apresentavam as mesmas características dos outros produtos fabricados em massa: transformação em mercadoria, padronização e massificação. Os produtos das indústrias culturais tinham a função específica, porém, de legitimar ideologicamente as sociedades capitalistas existentes e de integrar os indivíduos nos quadros da cultura de massa e da sociedade (KELLNER, 2001, p. 44).

Para Adorno e Horkheimer (1947) a difusão desses valores pela indústria cultural determina os mercados consumidores:

Quanto mais firmes se tornam as posições da indústria cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive suspendendo a diversão: nenhuma barreira se ergue contra o progresso cultural (ADORNO, HORKHEIMER, 1947, pg. 135).

Desse modo, nessa corrente os valores se impõem ao interlocutor, que se apresenta de forma passiva, não participando do processo de produção ou negociando esses valores, apresentando uma visão unilateral dessa indústria, como produtora de conteúdo e mercadorias, e também de identidades e consumidores. Embora dialogue com a experiência

do nazismo na Alemanha, esse pensamento ultrapassa a Europa, exercendo influência nas Américas, e tendo como principais autores Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin<sup>10</sup>.

Nas décadas de 1960 e 1970, a noção de receptor como produtor do sentido da mensagem começa a ter mais espaço, sobretudo na Inglaterra, na qual se vê a emergência de um paradigma culturalógico, cujas bases teóricas se aproximam daquelas mobilizadas pelos autores do paradigma crítico, porém ancorado em pensadores considerados neo-marxistas como Althusser, Bordieu, Bakhtin, Sartre, Goldman, Gramsci, etc. Partindo da questão do desenvolvimento do capitalismo, e levando em conta que a produção industrial de bens culturais tem um efeito pernicioso sobre as formas culturais tradicionais, seja a cultura da elite, seja a cultura popular, essa linha de pensamento concebe a cultura enquanto um sistema de comunicação, sendo a própria comunicação um espaço no qual a cultura se desenvolve. Assim, a comunicação aqui é vista como uma instância complexa, na qual a mídia funciona como aparelho de difusão de ideologias, reproduzindo a ordem social dominante. Desse modo, nessa perspectiva, busca-se compreender em que medida a cultura de massa intervém sob a estrutura e vida social dos indivíduos (TEMER, 2005).

Assim, os denominados Estudos Culturais britânicos surgem no contexto dos anos 1960 como um modelo multidisciplinar de estudos críticos acerca da cultura, concebendo-a como um elemento sócio-histórico, no interior de uma teoria da produção e reprodução social, sendo as formas artísticas e culturais os principais espaços de reprodução das opressões sociais ou da emergência de resistências, contestações e luta contra a dominação em clivagens como raça/etnia, gênero, classe e nacionalidade (KELLNER, 2001). Por esse motivo, é importante pensarmos no contexto sócio-histórico de emergência da disciplina, momento em que a teoria marxista se mostra insuficiente, tendo seu modelo de classes esgotado em vista do fortalecimento de diferentes movimentos sociais identitários. A esse respeito, podemos citar rapidamente: a proliferação dos meios de comunicação de massa como a televisão, surgindo a possibilidade da imagem em movimento em cada residência; movimentos sociais de raça, gênero e sexualidade, movimentos de contracultura e revoluções culturais; independência de

---

<sup>10</sup> Como adverte Martín-Barbero (2009), é importante situar o pensamento de Walter Benjamin na esteira da Escola de Frankfurt, porém se faz necessário mencionar seus avanços no que diz respeito a pensar a própria recepção e a experiência das massas. Nesse sentido, Benjamin nos traz reflexões sobre o surgimento de uma nova sensibilidade das massas, um novo tipo de percepção, no contexto das novas técnicas, como o cinema e a fotografia, que podem conjugar atividade crítica e prazer, uma vez que perante o recolhimento da burguesia, em seu interior e em formas de arte ditas superiores, a cidade se torna um espaço de encontro dos oprimidos.



colônias no continente africano e surgimento dos estudos pós-coloniais; todos esses fatores acarretando em um descentramento da identidade do sujeito, demonstrando uma insuficiência do modelo marxista de classes sociais:

Em outras palavras, o foco dos estudos culturais britânico em qualquer momento foi mediado pelas lutas da conjuntura política da época, e seu principal trabalho foi então concebido na forma de intervenções políticas. Seus estudos de ideologia, dominação e de resistência, e política cultural orientaram os estudos culturais para a análise das produções, práticas e instituições culturais dentro das redes existentes de poder, mostrando como a cultura oferecia ao mesmo tempo forças de dominação e recursos para a resistência e a luta. Esse foco político intensificou a ênfase nos efeitos da cultura e no uso que o público fazia das produções culturais, o que possibilitou estudar de maneira extremamente produtiva o público e a recepção, assuntos que haviam sido negligenciados na maioria das abordagens textuais à cultura (KELLNER, 2001, p. 55).

Além disso, a despeito de abordagens anteriores, como a realizada pelos intelectuais da Escola de Frankfurt, os Estudos Culturais rompem com classificação entre cultura superior e inferior, se debruçando sobre formas culturais como televisão, cinema, música popular. Nesse ponto, é válido lembrar aqui da posição da Escola de Frankfurt de categorização da produção cultural em cultura inferior e superior, compreendendo a cultura superior como um potencial espaço de possíveis subversões e contestações artísticas, uma vez que a mesma era voltada para outro público, a classe dominante. Neste aspecto, esse modelo de análise se mostrou insuficiente, uma vez que segundo Kellner (2001):

[...] precisamos pensar na possibilidade de se detectarem momentos críticos e subversivos nas produções da indústria cultural assim como nos clássicos canonizados da cultura superior modernista que a Escola de Frankfurt parecia privilegiar como lugar de contestação e emancipação artística. Ademais, é preciso fazer a distinção entre a codificação e a decodificação das produções da mídia, reconhecendo que um público ativo frequentemente produz seus próprios significados e usos para os produtos da indústria cultural (KELLNER, 2001, p. 45).

Levando em conta essa mudança de paradigma, impulsionada pelos acontecimentos já mencionados e pela emergência de novos paradigmas e perspectivas - e um adendo meu: não é exagero pensar, pelo objetivo cada vez maior de legitimação de certos modelos sociais pela

mídia e pela indústria cultural de conseguir mais adeptos aos seus valores e ideologias, fato que demonstra que talvez seja prudente pensar também de onde advém a diferença, a resistência, e certas contestações, lembrando que nem sempre o que pode parecer resistência de fato - Ferin (2006) sintetiza:

[...] esta investigação vai incidir no que as audiências, ou melhor, no que cada um dos receptores faz com os conteúdos veiculados pelos *media*. Esta nova orientação, ou paradigma, cria a ideia de audiências ativas, capazes de autonomia e de escolhas, não só dos conteúdos disponibilizados, mas também dos usos e apropriações quotidianas desses conteúdos e produtos, contrapondo-se, assim, à ideia de audiências passivas, sujeitas à tirania dos *media* todo-poderosos. Para os autores que integram esta corrente de estudos, os *media*, e sobretudo a televisão, não são a causa da cultura, mas são um texto onde estão presentes e emergem indicadores de cultura(s) e história(s) anteriores (FERIN, 2006, p. 9, grifos da autora).

Portanto, levando em conta o atual contexto de proliferação, expansão e difusão das novas tecnologias da mídia e da informática, salvo que estas também instauram seus próprios sistemas de controle e de regulação da informação (KELLNER, 2001), torna-se impossível não pensar a comunicação de massa em seu caráter dialógico. Em vista disso e considerando os próprios meios de comunicação de massa uma arena de lutas, na qual estão em embate diferentes valores, discursos e grupos sociais, é pertinente observar essa relação por meio de um olhar bakhtiniano, estabelecendo uma ponte com o que pensaram alguns estudiosos da cultura.

Como salienta Hoggart (1973), é preciso considerar a existência de distinções no interior de uma mesma classe, como no caso do próprio proletariado: “É lícito procedermos a generalizações no que se refere às atitudes características do proletariado, o que não implica que todos os indivíduos dessas classes pensem ou procedam dessa maneira em relação ao trabalho, ao casamento ou à religião” (HOGGART, 1973, p. 27). Neste sentido, torna-se necessário e proveitoso em certa medida, desvencilhar-nos de uma visão pessimista que concebe os meios de comunicação de massa como os algozes da manipulação, meros transmissores dos valores das classes dominantes para as classes dominadas, como em uma via de mão única. Como propõe Douglas Kellner (2001),

Portanto, enquanto a cultura da mídia em grande parte promove os interesses das classes que possuem e controlam os grandes conglomerados dos meios

de comunicação, seus produtos também participam dos conflitos sociais entre grupos concorrentes e veiculam posições conflitantes, promovendo às vezes forças de resistência e progresso. Conseqüentemente, a cultura veiculada pela mídia não pode ser simplesmente rejeitada como um instrumento banal da ideologia dominante, mas deve ser interpretada e contextualizada de modos diferentes dentro da matriz dos discursos e forças sociais concorrentes que a constituem [...] (KELLNER, 2001, p. 27).

Neste ponto podemos tomar a noção de ideologia e de signo ideológico em Bakhtin [Volochínov] (2009), que se destaca de uma abordagem marxista primeira que considere a ideologia enquanto um “véu” que encobre a realidade. De acordo com Ponzio (2016), a ideia de ideologia nos estudos bakhtinianos está relacionada a práxis do sujeito, a uma tomada de posição, logo, se refere a um ponto de vista valorativo. Os acontecimentos da vida, os fenômenos físicos e os objetos naturais tornam-se signos quando recebem um valor, se tornando objeto da produção de discursos, na interação entre sujeitos e compondo o sistema de valor de um certo grupo e horizonte social. Assim, o signo como tal é sempre ideológico e os interesses de um grupo social ganham expressão por meio da ideologia, por meio da valoração presente no signo. Por este motivo, devemos considerar não só a existência de uma ideologia dominante, oficial e hegemônica, representante dos interesses de uma classe que se encontra no poder, bem como ideologias não-hegemônicas que constituem o signo ideológico, uma vez que o mesmo é plurivalente, e em seu âmbito se contrastam índices de valores contraditórios. Bakhtin [Volochínov] (2009) destaca que dentro de uma mesma comunidade os diferentes grupos sociais fazem uso da mesma língua, de um mesmo código de comunicação, assim, no signo se desenvolvem valores sociais diferentes, sendo o mesmo uma arena de lutas entre grupos sociais diferentes. A atribuição de um valor já é constituída em uma relação de alteridade, na relação com os outros valores e sentidos, logo a valoração presente no signo ideológico, ainda que em ocasião de um silenciamento e abafamento de vozes outras e não-hegemônicas, já compreende outros valores em disputa, pois expressa uma tomada de posição pelos sujeitos.

As diferentes ideologias em disputa no interior do signo enquanto diferentes visões de mundo e diferentes modos de interpretação da realidade não são uma simples expressão da realidade concreta e da vida, bem como distorcem e refratam essa relação. O signo ideológico como elemento constituído tanto pela oficialidade das vozes dominantes, logo pelos sentidos de um grupo dominante, que o fazem pertencer a um sistema ideológico institucionalizado, também se encontra em circulação nas interações verbais cotidianas e, nessa relação com a

vida podem ocorrer rachaduras e as mudanças do sentido. Daí que Bakhtin [Volochninov] (2009) percebe o material verbal como objeto para melhor visualizarmos as mudanças e deslocamentos ideológicos que ainda não tomaram formas nos sistemas ideológicos mais desenvolvidos e oficiais, que ainda não tomaram a instância da superestrutura.

Tomando a perspectiva bakhtiniana de superestrutura e ainda sobre a noção de ideologia, as duas ideias também estão relacionadas a todo um conjunto de sistemas sócio-ideológicos institucionalizados e compostos por tipos relativamente estáveis de signos, isto é, uma superestrutura constituída social e historicamente como a arte, o direito, a religião, a ciência, a educação, a moral, a mídia, a cultura, etc. A realidade concreta em que se dão os intercâmbios e interações verbais, por sua vez, trata-se da infraestrutura, na qual os signos ideológicos são constituídos em relação com a superestrutura. O material verbal e o signo se localiza nesse entremeio, na relação dialógica entre a infra e a superestrutura, sendo seus valores e sentidos constituídos a partir dessa vinculação.

Os sistemas ideológicos que compõem a superestrutura compreendem a ideologia oficial, e uma vez em relação com a infraestrutura, se consolidam a partir das ideologias do cotidiano. Assim, a ideologia do cotidiano diz respeito à psicologia do corpo social, isto é, aos discursos produzidos no dia-a-dia, que podem coincidir ou não com os valores da ideologia oficial. A ideologia do cotidiano dá o tom da ideologia oficial, pois os produtos ideológicos institucionalizados estão em constante relação com a vida, inclusive, se mantêm vivos em seus sentidos nas valorações das trocas cotidianas, dentro das avaliações e compreensões feitas pelos sujeitos, sendo contextualizados pelo cotidiano, uma vez que sua produção se encontra atada com uma dada época e nos limites de um horizonte social. O material verbal, portanto, serve como suporte material para a ideologia oficial, bem como para a ideologia do cotidiano, nos diferentes tipos de intercâmbio entre os sujeitos, constituído tanto pelas vozes dominantes, quanto pelos valores dissidentes, uma arena de luta na qual podem ser encontrados os sentidos que ainda não tomaram a esfera da superestrutura.

Para pensarmos nessa relação, podemos considerar o signo e palavra “negro”, bem como a negritude, como exemplo. Como já mencionado, a história contada pelo grupo dominante, na figura primeira do colonizador, transformada em narrativas oficiais e institucionalizadas, refletidas no sistema educacional, no sistema jurídico, nos padrões estéticos adotados pela indústria cultural e pela mídia relegou a essa identidade, bem como à cultura africana, e no contexto brasileiro à cultura afro-brasileira, sentidos e valores negativos, sobretudo nos países multirraciais que sofreram a colonização europeia. Por esse motivo, foi e

continua sendo uma das principais pautas dos movimentos sociais negros a ressignificação dessa identidade, sendo o que mais se destaca com essa proposta o movimento “Black Power” com emergência nos Estados Unidos, nos anos de 1970, como motes como o enunciado “*Black is beautiful*”<sup>11</sup>.

Tomando o contexto brasileiro, é preciso considerar que com a assinatura da Lei Áurea em 1888 que estabelecia o fim formal da escravidão, e ainda com a difusão do racismo científico no início do século XX, que pregava a superioridade dos brancos sob os negros, o negro ainda continuou sendo desumanizado e considerado menos evoluído. E uma vez saindo das senzalas para as ruas, sem a oportunidade de trabalho devido ao projeto de substituição da mão de obra escrava pela mão de obra assalariada, formada em sua maioria por imigrantes europeus, o negro no Brasil passa a ser significado como “preguiçoso”, “vadio”, e até mesmo como “criminoso”, uma vez que era temida sua revolta pela elite nacional, sendo que desse período advêm expressões como “serviço de preto”, “pretisse”, “amanhã é dia de branco”, entre outras. Com o processo de marginalização de sua cultura a partir da criminalização da capoeira e de cultos das religiões de matriz africana, e com as dificuldades de conseguir um emprego formal, essa exclusão sistemática do negro se reflete em fatores que vão desde a perseguição policial até em enunciados de classificados de empregos, comuns ainda nos anos de 90, que requisitavam candidatos com uma “boa aparência”. Além da falta de instrução e educação formal, teriam que competir com os imigrantes que recebiam incentivos do Estado para a sua vinda e fixação no Brasil, sendo incluídos na sociedade por meio de contratos de trabalho, como uma medida que corrobora com as políticas de embranquecimento da população e modernização do país, que tem a Europa enquanto um modelo a ser seguido de modernidade. Neste sentido, é válido lembrar que a própria abolição formal da escravidão, posterior à proibição do tráfico de escravos a partir da Lei Eusébio Queiróz (1850), e à Lei do Ventre Livre (1871) que tornava livre os filhos de mulheres escravas, só acontece como reflexo desse ideal da modernidade. Portanto, a luta pela liberdade é construída ainda dentro do regime escravocrata, se refletindo tanto nas fugas das senzalas e resistência contra castigos, bem como na formação e articulação dos quilombos.

Por este motivo, é preciso pensar o próprio movimento negro no Brasil de maneira ampla e como um conjunto heterogêneo de entidades e pautas, que se unem em certa medida

---

<sup>11</sup> De tradução livre como “Negro é lindo”. Podemos considerar o movimento Black Power como uma das ramificações do movimento de direitos civis empreendido pelos negros norte-americanos a partir dos anos 60, que tinha como principais pautas o fim de leis de segregação racial e reconhecimento de direitos fundamentais como o voto.

em reivindicações de medidas para a promoção da igualdade racial, na forma de políticas compensatórias como as cotas raciais, e políticas de valorização da população e da cultura afro-brasileira. Assim, podemos considerar o negro em movimento e em luta já desde a sua resistência e insubmissão contra o regime escravocrata, em um primeiro momento no intuito de luta pela liberdade e pelo status de ser humano, nesse caso, contra o valor de não-humano conferido à população africana escravizada, vista enquanto mercadoria. Em continuidade, a luta negra se fez em tempos pós abolição por meio de revoltas pela melhoria de suas condições de vida em acontecimentos como a Revolta da Chibata, considerada como uma revolta negra contra as condições de trabalho que envolviam o pagamento de salários e castigos físicos contra os marinheiros negros, tendo como manifestantes em sua maior parte os sujeitos afrodescendentes, manifestação abordada em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012); até a emergência da imprensa negra, sobretudo nos grandes centros como as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, e os primeiros movimentos organizados e mais institucionalizados no início nos anos 30, como a Frente Negra Brasileira se destacando devido ao número de membros e expansão no Brasil.

Pensando nessas tentativas de criação de narrativas outras e sentidos concorrentes como discursos de resistência negra e também como antecedentes históricos para o atual contexto das redes sociais como o Facebook, Twitter, YouTube e os já mais antigos blogues, ou ainda para a emergência de mídias alternativas, ou no âmbito da luta negra antirracista, as mídias negras, algumas como desdobramentos de coletivos e ongs já existentes ou como espaços colaborativos entre militantes e sujeitos negros como o Portal Géledes, Blogueiras Negras, Correio Nagô, etc. que podemos considerar como descendentes da imprensa negra, as reivindicações da população negra ganha outros espaços, assim como novos tipos de dinâmicas e regularizações. Isto posto, podemos perceber o quão relevante é pensar nos diferentes usos e consumos das produções culturais, assim como os diferentes tipos de produção e os diversos desdobramentos que as mesmas acarretam na sociedade e vice-versa, principalmente se levarmos em conta que as redes sociais coordenadas pelos seus usuários estão em constante diálogo com os meios de comunicação de massa, digamos mais oficiais ou tradicionais. A alternância entre os produtores e consumidores se faz de maneira mais simultânea, muito embora, a partir de um olhar bakhtiniano, possamos considerar a compreensão e consumo das produções culturais por si só como processos ativos por parte do interlocutor, desde a leitura de uma obra literária até o ato de assistir a uma telenovela.

Neste seguimento, tomando essa noção de audiência ativa e a plurivalência do signo ideológico, e levando em conta que todas as relações sociais em todas as esferas da atividade humana se dão por meio do uso da língua(gem), temos em Bakhtin (2011) que essa utilização se efetua por meio de enunciados, na modalidade oral ou escrita, concretos e únicos, provenientes dos integrantes da atividade verbal. Dessa forma, “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2011, p. 262, grifos do autor). O autor ressalta a vasta heterogeneidade dos gêneros do discurso, chamando a atenção para uma diferenciação existente entre gêneros primários e gêneros secundários. O primeiro tipo corresponde aos gêneros do cotidiano, simples, da situação de comunicação imediata. Já o segundo tipo diz respeito aos gêneros mais complexos, que se dão em contextos mais formais, com códigos relativamente mais complexos ou “evoluídos”. Alguns gêneros primários são incorporados por determinados gêneros secundários como, por exemplo, a telenovela que possui em seu interior diferentes gêneros primários como a conversa, o bilhete, a carta, etc., característica que Bakhtin (2011) compreendia no interior do romance. Neste ponto de vista, o estudo cultural propõe uma análise que não fique refém dos limites de um texto, mas que procure saber como o mesmo faz parte de sistemas de produção textual, “e de que modo vários textos fazem parte de sistemas de gêneros ou tipos de produção e têm uma construção intertextual” (KELLNER, 2001, p. 42).

Pensando essa proposta e a ideia de intertextualidade com Bakhtin [Volochínov] (2009), primeiramente podemos conceber a noção de diálogo em um sentido amplo, como um motor para todos os tipos de comunicação verbal. Nesse caso, qualquer que seja o tipo de comunicação produzida no interior de uma dada comunidade, a mesma parte do Eu para o Outro. A palavra serve de ponte e mediação na relações entre sujeitos, logo, desde a conversa cotidiana, até a obra literária, bem como as produções culturais que conhecemos como o cinema, as telenovelas, as peças publicitárias, as notícias de jornais, a revista em quadrinhos, e até mesmo os trabalhos científicos, as leis e documentos oficiais, enfim, todos os tipos de comunicação verbal partem de um sujeito a outro sujeito, um dos motivos pelo qual a estrutura da enunciação é sempre sociológica, uma vez que a mesma se molda de acordo com a nossa relação com o interlocutor (VOLOCHÍNOV, 2013). Portanto, um diálogo sempre compreende pelo menos dois participantes, um dos princípios pelos quais também sob um determinado signo ideológico ou palavra se confrontam valores diferentes.

Seguindo por essa constatação, temos condição para nos atentarmos para o caráter dialógico da enunciação. Bakhtin (2011) compreende o enunciado como “*real unidade* da comunicação discursiva” e ressalta o fato de que os mesmos comportam em si

[...] ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta” (BAKHTIN, 2011, p. 297, grifos do autor).

Desta forma, todo enunciado, seja um gênero do discurso complexo ou simples, se relaciona com outros enunciados produzidos antes dele, se relacionando com vozes outras, com outros projetos de dizer, advindos de outros sujeitos e suas diferentes posições ideológicas e lugares sociais, marcadas ou não linguisticamente, apresentando diferentes graus dessa heterogeneidade constitutiva do “processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 271). Partindo dessa característica dialógica do enunciado, Bakhtin (2011) nos chamará atenção para o caráter ativo-responsivo do mesmo, em relação à compreensão por parte do interlocutor:

Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prehe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Deste modo, o filósofo entende a compreensão como um processo ativo, no qual o ouvinte (também falante) age, trabalha sobre o que lhe é ofertado. Nesta continuidade, o autor critica o que chama de “ficção”, o esquema comunicativo linear e insuficiente proposto por algumas teorias linguísticas no século XIX: locutor-mensagem-receptor. Assim, podemos ter a compreensão no mesmo sentido de avaliação e valoração, isso porque, compreender



também é atribuir valores, e a partir daí ressignificar e criar novos sentidos, indo além dos limites de um texto.

Portanto, o enunciado uma vez fazendo parte de uma complexa rede ou cadeia de comunicação, não será possível determinar a sua origem e nem fim, na medida em que continua reverberando e gerando respostas futuras, até mesmo de efeito retardado: “Os gêneros da complexa comunicação cultural, na maioria dos casos, foram concebidos precisamente para essa compreensão ativamente responsiva de efeito retardado” (BAKHTIN, 2011, p. 272). Robert Stam (2010) defende a pertinência dos conceitos bakhtinianos para se pensar as políticas culturais dos meios de comunicação de massa. Segundo o autor:

Dentro de uma abordagem bakhtiniana, a mídia de massa pode ser conceituada como uma “rede complexa de signos ideológicos” situada no interior de ambientes múltiplos – o ambiente gerador dos meios de comunicação, o ambiente gerador ideológico mais amplo, e o ambiente gerador socioeconômico – cada um com as próprias especificidades (STAM, 2010, p. 333).

Dessa forma, o autor demonstra como é preciso pensar a mídia como uma rede complexa, constituída por diferentes instâncias, demonstrando mais uma vez a insuficiência de pensar uma relação direta entre locutor e receptor. Ainda em Stam (2010), o autor se debruçará na análise da televisão e da sua programação: “Uma abordagem bakhtiniana veria a programação de televisão como uma ‘enunciação situada’. Por definição, como ‘enunciação’, ela está impregnada com as possibilidades comunicativas do dialogismo, mas como situada, ela é contingente, histórica, permeada tanto pela hegemonia quanto pela resistência” (STAM, 2010, p. 334). Assim, as vozes dominantes também se constituem pela relação que estabelece com as vozes marginais, aqueles silenciados e abafados pelos grupos dominantes, uma vez que o valor é sempre de caráter interindividual, pois se estabelece na relação de alteridade entre os diferentes grupos sociais de uma comunidade.

Tomando essa perspectiva, podemos pensar a comunicação de modo dialógico, enquanto um espaço permeado por conflitos, por disputas ideológicas entre grupos sociais e sujeitos, intenções, marcado por uma dada época e espaço:

Nada disso deveria ser considerado para ignorar a tentativa, por parte dos grupos dominantes de, consciente ou inconscientemente, impor um sentido, restringir a prática e a interpretação, enquadrar os termos do processo de comunicação e seu conteúdo, ou de manipular o acesso à capacidade

interpretativa. A tentativa é constante. Mas presumir, a partir desse reconhecimento, que a tentativa é sempre bem sucedida seria perder o essencial da crítica de Volochinov [Bakhtin]. A linguagem (a comunicação) é, ao mesmo tempo, material e social. Portanto, é mutável. Produtores e usuários, escritores e leitores, transmissores e receptores podem fazer diversas coisas com a comunicação que não tinham sido pretendidas, ou planejadas ou, na verdade, desejadas (NEWCOMB, 2010, p. 367).

Por este ângulo, é sensato lembrar da constante tentativa de dominação e monologização e homogeneização das vozes na comunicação de massa pelos grupos dominantes. No entanto, vale lembrar que todos os grupos sociais de uma dada comunidade fazem uso da mesma língua, e que portanto, a palavra é, ao mesmo tempo, própria e alheia do sujeito, podendo reverberar e gerar respostas diversas, uma vez que a mesma já lhe pertence, cai no mundo e se molha em outras águas (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009). Nesta sequência e retomando a proposta dos Estudos Culturais, podemos pensar que a palavra ou os textos da mídia remetem sempre aos conflitos sociais, aqueles que estão fora do texto:

[...] as situações locais, nacionais e globais dos nossos dias são articuladas entre si por meio dos textos da mídia; esta, em si mesma, é uma arena de lutas que os grupos rivais tentam usar com o fim de promover seus próprios programas e ideologias, e ela mesma reproduz discursos políticos conflitantes, muitas vezes de maneira contraditória. Não exatamente o noticiário e a informação, mas sim o entretenimento e a ficção articulam conflitos, temores, esperanças e sonhos de indivíduos e grupos que enfrentam um mundo turbulento e incerto (KELLNER, 2001, p. 32).

Relacionando-se com este pressuposto, Volochínov (2013) chama atenção para o fato de que a palavra ou a enunciação estabelece uma relação com a situação extraverbal que a encadeia quando se emprenha de valores e apreciações, necessitando da vida para fazer sentido: “Surge da situação extraverbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito. E mais, a vida completa diretamente a palavra, que não pode ser separada da vida sem que perca seu sentido” (VOLOCHÍNOV 2013, p. 77). Logo, essas apreciações e valores dizem respeito ao acontecimento da vida, sendo a estética inseparável da ética, uma vez que a palavra não pode ser tomada isoladamente, pois “não pode ser verdadeira, nem falsa, nem atrevida, nem tímida” (VOLOCHINOV, 2013, p. 77).

O enunciado é marcado pela situação imediata que o engatilha, bem como também é determinado pelo horizonte social de uma dada época. Esse horizonte social determinada a criação ideológica, é o horizonte contemporâneo da obra literária, dos trabalhos científicos, do direito, etc.; pois todo signo ideológico trata-se de um produto e resultado da história humana, da luta de classes, dos embates entre diferentes grupos sociais, não só reflete, como também refrata todos os acontecimentos sociais da vida que estão associados a ele. Assim como a vida se encontra em constante movimento e mudança, o signo ideológico também é contextualizado por essas mudanças. Cada época da sociedade também institui seus objetos e acontecimentos sociais que se tornam signos ideológicos, determinados objetos naturais e acontecimentos sociais que adentram aos sistema sócio-ideológicos da superestrutura.

Assim, podemos dizer que tais reflexões nos dá condição de compreender a comunicação de massa e a mídia a partir de um ponto de vista dialógico, como um terreno conflituoso constituído tanto por vozes dos grupos dominantes quanto por sentidos resistentes. Neste ponto, é possível compreender as lutas pelo sentido que são travadas no interior da resistência negra, exercida desde os tempos da escravidão no Brasil, e que embora existam constantes tentativas de monologização dessas vozes pelos grupos dominantes, esses silenciamentos se constituem a partir do apagamento desses discursos dissidentes, sendo que a palavra dominante sobre o racismo e as desigualdades raciais que adentra a esfera da comunicação midiática só pode ser contextualizada e ganhar sentido a partir da relação que estabelecem com as lutas travadas na vida.

## **1.2 A grande mídia brasileira e a negação das desigualdades raciais**

Segundo Alakija (2012), o fluxo de informação no contexto do mundo globalizado a partir dos anos 1990 é um dos fatores responsáveis pela instauração de uma relação de poder entre o norte e o sul no que se refere à distribuição e difusão de notícias, sendo os meios de comunicação de massa e a indústria cultural ferramentas importantes para a criação de determinadas representações dos países subdesenvolvidos, atrasando o processo de construção de identidades das nações colonizadas e racializadas.

Com a revolução tecnológica iniciada nos anos 1990, a informação passa a ser difundida pelas redes, e a delimitação das fronteiras entre os estados nações passa a ser

significada de forma diferente, o que acarreta em modificações nas culturas agora globalizadas. Esses deslocamentos tem como antecedente histórico o universo da comunicação de massa das décadas de 70 e 80, em especial na dinâmica entre a produção e reprodução das informações, sendo que neste período, 80% da informação internacional que circulava no mundo era difundida por agências de notícias de países como França, Estados Unidos e Inglaterra, nações que detinham poder mundial nos níveis econômico e bélico (ALAKIJA, 2012).

De acordo com Hall (2002), após os anos 1990 também temos a ocorrência de um deslocamento da Europa como modelo de cultura, assim, a identidade cultural na pós-modernidade deve ser entendida como composta por um hibridismo, tendo um descentramento de sua unidade. Para explicar este descentramento, o autor toma como exemplo os sentidos que a identidade cultural toma em contextos da diáspora, entre os povos imigrantes que longe de seu país de origem passam a ressignificar e reconstruir sua identidade étnica.

No seguimento das constatações de Hall (2002), não podemos conceber a identidade negra na chave de um essencialismo, uma vez que é preciso considerar que os povos africanos escravizados sofrem com o processo de esvaziamento cultural, havendo o dismantelamento das diferentes etnias, fato pelo qual a cultura negra na diáspora se configura antes como um resgate e produção de novos sentidos para essa história, como empreendida pela cultura negra em manifestações como hip hop e a valorização de signos como o turbante, por exemplo. Além disso, com base nos estudos de Antonio Gramsci sobre a hegemonia, Hall (2002) concebe que as relações racializadas podem ser pensadas não apenas como procedentes do poder do Estado, em um movimento vertical, mas por outras instâncias como a família, a Igreja e as religiões, organizações comunitárias e organizacionais, a escola, o currículo escolar, entre outros espaços de produção e sustentação do racismo (HALL, 2002).

Além disso, no atual contexto de globalização das culturas e fetichização das minorias étnicas e seus costumes, pode-se pensar na verticalidade da identidade que é imposta e difundida pela ideologia do multiculturalismo. Nesse sentido, é importante pensar de que modo o Outro também é localizado e definido em termos étnicos e culturais, e que falar de raça e da questão racial comumente é pensado como falar do diferente, do Outro diferente do Eu, sendo o homem branco e europeu tido enquanto o ser humano universal, comum e normal, criando nessa relação a figura dos outros não-humanos, os negros, bárbaros, incivilizados e primitivos (SODRÉ, 1999).

Pensando a mídia brasileira como um potencial espaço de (re)produção da estrutura racista, temos em Muniz Sodré (1999) o fato de que a mesma se desenvolve no Brasil como um bem patrimonial, ligada às elites oligárquicas remanescentes das elites coloniais que aqui chegaram da metrópole, sendo controlada por uma classe média em sua maioria branca. Assim, a grande mídia brasileira e tradicional se desenvolve a partir de interesses privados e determinada pelos interesses dessa classe social.

No movimento de construção da identidade racial brasileira no início do século XX, a identidade nacional é consolidada pelo mito da mestiçagem, como rejeição aos signos associados à negritude, marcando o início do processo de marginalização do negro brasileiro. Portanto, a passagem do racismo de dominação para o de exclusão é fortemente marcado pelo mito da democracia racial, em que se concebe a população brasileira enquanto uma mistura de diferentes etnias e que portanto, não poderia ser racista, uma vez que todos somos descendentes dos povos africanos. A esse respeito, podemos destacar a difusão pelo governo, sobretudo na época da ditadura militar brasileira desse discurso, que corrobora com uma imagem de país sem problemas. Neste ponto, podemos retomar a ideia da monologização operada no discurso dominante, levando em conta as tentativas de apagamento das tensões raciais. Pensando neste apagamento podemos nos deparar com algumas construções discursivas, alguns “mitos”, que se servem de enunciados como “somos todos iguais”, que além de ser usado como uma deslegitimação de discussões sobre racismo, inferindo que não há necessidade de se abordar o assunto, ainda opera uma homogeneização da população brasileira, negando a existência da diversidade e os problemas enfrentados pelas minorias políticas, uma vez que cada grupo social diferente é significado e tratado de acordo com suas posições sociais, o que implica na marginalização destas populações.

No Brasil, comumente costuma-se considerar a grande mídia tradicional enquanto um quarto poder, haja visto sua impregnância no tratamento de pautas de alcance nacional, sobretudo devido ao fato dos meios de comunicação de massa como o rádio, a televisão e os jornais impressos se concentrarem nas mãos de uma pequena elite ideológica, defensora de valores neoliberais.

Neste aspecto, é sabido e admitido pelo próprio grupo empresarial, que as Organizações Globo<sup>12</sup> – atualmente um conglomerado multimídia formado por diferentes veículos e empresas de comunicação de massa como o Sistema Globo de Rádio, Editora

---

<sup>12</sup> Editorial em que o jornal “O Globo” admite o apoio dado ao golpe militar de 1964, denominando essa aliança como um erro, disponível em < <http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604> > Acesso em fevereiro de 2017.

Globo, Som Livre, Globo Filmes, a Rede Globo de Televisão, entre outras marcas de produção de conteúdo informativo e de entretenimento alocadas tanto na Internet, como nos canais de televisão fechados, com difusão para além do território nacional – apoiou o governo militar brasileiro, se beneficiando dos planos de difusão das redes televisivas de alcance nacional, operados pela ditadura, fazendo com que a Rede Globo de Televisão se tornasse a segunda maior rede comercial de televisão do mundo, com alcance em 98,56% do território nacional.

Além das Organizações Globo, pertencente à família Marinho, há ainda outras cinco famílias que detêm poder sobre a maioria dos meios e veículos de comunicação de massa no Brasil. Com a concentração do poderio midiático nas mãos de uma pequena elite ideológica, é crescente o movimento a favor da redemocratização e descentralização de concessões midiáticas no Brasil, uma vez que o Estado ainda detém o poder de aprovar concessões públicas de rádio e televisão. Não por coincidência, esse movimento é fortemente descreditado pelos grandes veículos da comunicação brasileira e por vezes é significado como uma tentativa de coerção e uma ameaça à liberdade de expressão.

Servindo aos interesses de uma elite branca e em sua maioria se aliando a valores de direita e neoliberais, bem como apoiando partidos e medidas políticas em consonância com seus interesses, a grande mídia brasileira, no que tange às desigualdades raciais, quando não da reprodução simbólica do racismo – em seus enquadramentos nos quais a população negra significa aparece em uma relação naturalizada com a “criminalidade” ou na reprodução de padrões estéticos brancos e eurocêntricos – se posiciona contrariamente à adoção de políticas que visem o combate às desigualdades raciais, como a proposta de cotas para o ensino superior, por exemplo.

Como aponta Muniz Sodré (1999), uma das formas que o racismo midiático assume é a negação da existência do racismo na sociedade. Neste sentido, podemos compreender esse apagamento da questão racial nos textos midiáticos que versam sobre a política de Ações Afirmativas:

Figura 1: Capa da revista Veja, edição de junho de 2007



Fonte: Acervo digital da revista Veja, disponível em <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/edition/32472?page=1&section=1> Acesso em março de 2017.

Na edição de junho de 2007, a revista Veja por meio do enunciado destacado “Raça não existe”, rejeita e critica o sistema de cotas com base no discurso científico que aboliu a noção de “raça”. Essa edição da revista é veiculada no contexto do início dos debates sobre Ações Afirmativas no Brasil, e se referia, como demonstra a matéria de capa, ao sistema de cotas raciais implementado pela Universidade de Brasília (Unb), em que no ingresso no ensino superior, dois irmãos gêmeos foram considerados de cores diferentes, um como negro e outro como branco. Esse caso, inclusive, é o que motiva a interposição da ADF, pelo Partido Democrata (DEM), que seria julgada em 2012 pelo STF, que decidiria pela constitucionalidade da políticas de Ações Afirmativas exercidas no Brasil.

Neste aspecto, podemos dizer que a homogeneização dos sujeitos por meio de uma ideia de igualdade, que não se mostra válida nas relações sociais cotidianas, adentra os discursos contrários às cotas raciais, que se valem dessa noção para silenciar as vozes que defendem ainda serem racializadas as relações entre negros e brancos no Brasil, operando uma monologização do debate.

Outro elemento discursivo presente nos discursos contrários às cotas raciais trata-se de colocar a pauta do racismo como um problema “importado” dos Estados Unidos,

compreendendo o país norte-americano como verdadeiramente racista, dada as proporções do racismo institucionalizado por meio das leis segregacionistas, como enunciado no excerto seguinte retirado do editorial publicado pelo jornal “Folha de São Paulo” sobre o julgamento do STF acerca da constitucionalidade das cotas:

(1) Tratamento desigual para reparar injustiças deveria contemplar apenas critérios sociais objetivos - não a cor da pele, **obsessão importada** (Folha de São Paulo, Editorial “Cotas raciais, um erro”, de 27 de Abril de 2012, grifos meus).<sup>13</sup>

A palavra “obsessão” também pode ser compreendida como uma valoração que é atribuída ao fator de cor da pele, destacando-se que não trata-se de um critério objetivo para a implementação do sistema de cotas, sendo a discussão deste fator como determinante para o acesso ao ensino superior vista como um exagero.

A valoração e distorções sobre o debate das desigualdades raciais no âmbito do debate de Ações Afirmativas também podem ser compreendidas por meio de signos como “lamúrias” e “queixas”, demonstrando a tentativa de deslegitimação e minimização das vozes do movimento negro:

(2) Uma vez garantidos os direitos iguais, o exemplo fala mais alto que **lamúrias e coação. Os direitos são iguais** (Folha de São Paulo, “O racismo como desculpa”, coluna de Joel Pinheiro da Fonseca de 21 de março de 2012, grifos meus)<sup>14</sup>.

Ainda no excerto acima (2), retirado do texto “O racismo como desculpa”, publicado na coluna de Joel Pinheiro da Fonseca na Folha de São Paulo de março de 2012, o autor coloca as discussões sobre racismo como uma “coação”, uma vez que parte do argumento que o movimento negro monopoliza a discussão desta pauta. É importante salientar que o autor não nega a existência do racismo ao longo do texto, porém defende que o preconceito racial não deve ser explicação para todas as desigualdades, como a escassa presença de alunos negros nas universidades. Outro enunciado presente no mesmo texto trata-se de “os direitos são iguais”, que se relaciona de certa maneira com o mote “somos todos iguais”, partindo da ideia de igualdade para rejeição da necessidade do sistema de cotas.

---

<sup>13</sup> Texto disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/39477-cotas-raciais-um-erro.shtml> > Acesso em fevereiro de 2017.

<sup>14</sup> Texto disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/32461-o-racismo-como-desculpa.shtml>. > Acesso em fevereiro de 2017.



A valoração dada às demandas da luta pelas cotas raciais, significadas enquanto “queixas” também está presente na seguinte notícia sobre o julgamento no STF, veiculada pelo portal da Revista Exame, que faz parte do conjunto de revistas produzidas pelo conglomerado de mídia Grupo Abril, que também é responsável pela publicação revista Veja:

(3) O Supremo Tribunal Federal aprovou por unanimidade a polêmica adoção de cotas raciais nas universidades, **uma decisão aplaudida por milhões de negros e mestiços que se queixam de não terem as mesmas oportunidades** daqueles que são considerados brancos, 124 anos depois do fim da escravidão (Portal “Exame.com”, “Cotas em universidades não alimentam racismo, decidem juízes”, notícia veiculada em 10 de agosto de 2012, grifos meus)<sup>15</sup>.

Ainda no excerto acima (3) e partir de seus enquadramentos à questão, a decisão pela constitucionalidade das cotas pelo STF é colocada como uma conquista interessada, pois é colocada como uma decisão aplaudida pelos negros e mestiços, e não como uma conquista que afeta toda a sociedade. Assim, a desigualdade racial ainda é vista como um problema dos negros, isto é, questão levantada por esse grupo social, e é ainda é destacado pelo portal o fato de que essa parcela da população “se queixa” mesmo depois de passados 124 anos do fim da escravidão.

O discurso contrário às cotas raciais e, por consequência, de negação do racismo, comumente retoma a desigualdade entre as classes sociais brasileiras como respaldo para a recusa de políticas de compensação que se baseiem somente em critérios raciais, defendendo a existência de sujeitos brancos pobres, que também sofrem com as dificuldades de acesso às universidades. No caso do enunciado abaixo (4), excerto retirado de um editorial do jornal “O Globo”, ainda temos a retomada dos dizeres sobre a dívida histórica, fazendo uma referência a um dos argumentos dos movimentos sociais negros. Além dessas relações, o autor ainda utiliza do discurso comumente difundido na nossa sociedade de que os escravos africanos escravizavam a eles próprios, o que também se relaciona com os dizeres de que os próprios negros criam o racismo:

(4) Infelizmente, vingou a tese da “dívida histórica”, quando, na realidade, **os negros mandados para o Brasil foram tornados escravos por outros negros durante guerras tribais na África**. Os derrotados eram presos e vendidos. Em alguns casos, eram vendidos no Brasil também para outros negros. **A grande dívida histórica brasileira é com o pobre, de qualquer cor** (O Globo, Editorial

---

<sup>15</sup> Texto disponível em < <http://exame.abril.com.br/brasil/a-adocao-das-cotas-em-universidades-e-vitoria-para-negros/> > Acesso em fevereiro de 2017.

“Cotas raciais: um apartheid contra o branco de baixa renda”, publicado em 14 de janeiro de 2013)<sup>16</sup>.

Em outro trecho do editorial (4), o mito da mestiçagem é retomado como ancoragem para a deslegitimação das cotas raciais, em defesa do problema socioeconômico como fator legítimo para a adoção de cotas, sendo que o fator racial criaria uma segregação no país:

(4) Agora, num país assentado **numa sociedade miscigenada, cria-se um apartheid** contra o branco de baixa renda (O Globo, Editorial “Cotas raciais: um apartheid contra o branco de baixa renda”, publicado em 14 de janeiro de 2013)<sup>17</sup>.

Analisando os discursos difundidos pelos veículos mencionados acima, podemos dizer que muito embora os textos apresentem posições contrárias à política de cotas raciais, em uma negação do racismo operada por meio de uma deslegitimação da importância do fator racial e pertencimento étnico dos sujeitos, esse terreno não é homogêneo, pois é constituído pelas vozes dissidentes, significando-se em relação aos valores da resistência negra, encontrando-se em constante relação com as vozes dissidentes, retomando seus argumentos e discursos.

O mito da democracia racial como um discurso que perpassa as posições contrárias às cotas raciais, e que também se baseia em um valor de igualdade, polemiza com as vozes que defendem a existência de diferenças entre negros e brancos, sendo o discurso da meritocracia também uma constante nestas posições na defesa de que negros e brancos tem as mesmas condições intelectuais de ingresso ao ensino superior, colocando na chave do esforço a resolução do problema, bem como na reforma dos ensinos fundamental e médio.

Portanto, podemos dizer que a mídia é contextualizada pelas lutas sociais que são travadas na vida. Assim, na relação entre a infra e a superestrutura, a produção midiática que toma a forma dos discursos jornalísticos analisados são enunciados engatilhados pelas situações extra-verbais com as quais estabelece relação, tendo seus sentidos completados por essa relação, se mostrando como um espaço complexo, constituído tanto pela ideologia oficial como pela ideologia do cotidiano (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009).

Nesta continuidade, no próximo capítulo, busquei construir uma compreensão acerca do gênero telenovela, no sentido de pensar a constituição do gênero em sua relação com a

---

<sup>16</sup> Texto disponível em < <http://noblat.oglobo.globo.com/editoriais/noticia/2013/01/cotas-raciais-um-apartheid-contra-branco-de-baixa-renda-editorial-482222.html> > Acesso em fevereiro de 2017.

<sup>17</sup> Idem nota 16.

vida e com os embates do espaço público, buscando interpretar em que medida a telenovela “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) trava relações com os debates sobre as desigualdades raciais no Brasil.

## Capítulo II – Vida e arte na telenovela

*“Como nas praças de mercado, no melodrama está tudo misturado, as estruturas sociais com as do sentimento, muito do que somos – machistas, fatalistas, supersticiosos – e do que sonhamos ser, o roubo da identidade, a nostalgia e a raiva”*

*(Jesús Martín-Barbero)*

Podemos considerar a telenovela como o carro chefe da produção da indústria cultural audiovisual brasileira, consolidando-se como maior produto de exportação, sendo evidente o seu reconhecimento popular, lucratividade e impacto na sociedade contemporânea.

A telenovela, como conhecemos hoje, se estabelece na América Latina entre as décadas de 60 e 70, porém para pensarmos em seu percurso, e consolidação de seu formato enquanto gênero, há de se considerar a história e o surgimento do melodrama teatral. Com origem no século XVIII no contexto da Revolução Francesa, o melodrama surge enquanto gênero teatral misto, instaurando uma estética e um certo modo de narrar que permeia determinadas narrativas e as artes dramáticas até os dias atuais.

### 2.1 Da estética: vida e arte na constituição da telenovela brasileira

Com sua gênese ainda no fim do século XVII, pode-se considerar o melodrama<sup>18</sup> como fruto dos espetáculos encenados ao ar livre nas feiras populares na França e Inglaterra, com os temas das narrativas vindos da literatura oral, sobretudo, dos contos de terror e mistério. Com a proibição desses teatros populares pelo governo ainda no fim do século XVII, com o objetivo de regular e impedir o alvoroço, tumultos e agitações nas ruas, passam a ser permitidas somente encenações que não fizessem uso de diálogos, nem falados ou cantados, em uma tentativa de resguardar a verdadeira arte do teatro, para que a mesma não fosse corrompida pelas classes populares (MARTÍN-BARBERO, 2009).

O teatro oficial, exclusivo para as classes altas e a aristocracia, e predominantemente baseado nos grandes clássicos literários, no qual a dramaticidade se sustentava na retórica

---

<sup>18</sup> A palavra é criada na Itália, no século XVII, no âmbito da ópera italiana e referia-se um estilo de drama cuja encenação era toda cantada (SILVA, 2013).

verbal, passa a se contrapor ao teatro das ruas, cujos espetáculos agora sem direito a diálogos se utilizavam da mímica, entre outras estratégias cênicas, demonstrando um certo tipo de cumplicidade com o público – uso de cartazes com falas escritas, letras de canções conhecidas para o espectador cantar, etc. – e originando uma dramaticidade e encenação particular (MARTÍN-BARBERO, 2009). É interessante notar, como chama atenção Martín-Barbero (2009), que as trupes do teatro popular, além de atores, também apresentavam em sua composição acrobatas, saltimbancos, adivinhadores, etc., demonstrando a relevância da linguagem não-verbal dentro do gênero.

No bojo da Revolução, um período de intensas transformações na França, em que o público do teatro oficial passa a ser composto pelas classes populares, a partir de um decreto em 1806 que passou a autorizar a encenação de alguns espetáculos populares (MARTÍN-BARBERO, 2009), o melodrama se estabelece como um sucesso nas salas de teatro e como um espaço privilegiado de difusão dos ideais da nova ordem social e da Revolução: “As temáticas do melodrama refletiam os ideais de ‘liberdade, igualdade e fraternidade’, assumindo desse modo, um papel quase institucional da Revolução” (SILVA, 2013, p. 1). Como espelho e reflexo da consciência coletiva e moralidade da Revolução, o melodrama permite que as emoções da massa popular sejam representadas e encenadas, suas paixões políticas e histórias vividas no período, os cárceres, injustiças, conspirações que acometem inocentes vítimas, heróis, e justiceiros, com traidores e agressores que sofrem seus castigos no desfecho (MARTÍN-BARBERO, 2009).

Tido como gênero teatral bastardo pela crítica e levando a tônica das mudanças sociais para o grande público:

O gênero se caracteriza em torno do bem e do mal, do oral, do excesso estético, dos juízos morais, dos jogos sentimentais, da intensificação das virtudes e vícios das personagens, sejam elas vilãs ou heróis. Ressalta determinadas características, uma vez que a finalidade desta estética é a comoção das audiências, através do verossímil, corroborando, desse modo, sua qualidade moral e sentimentalista. Sua especificidade é a utilização de música e ação melodramática, ou seja, os diálogos falados. Tais características, sobretudo a oralidade, tornam o melodrama facilmente compreensível, independentemente da referência cultural e literária do espectador, pertencente a quaisquer classes sociais, ou ainda, seja ele, culto, analfabeto ou semi-alfabetizado (SILVA, 2013, p. 2).

Desse modo, a estética melodramática se caracteriza pela mobilização de sentimentos e emoções, por uma ótica do exagero e do excesso, além da mensagem moralizante, propagando a moral burguesa e seus valores emergentes na época, ressaltando virtudes humanas por meio de personagens mais familiares e mais próximas da vida cotidiana do público – em contraposição com as personagens das tragédias gregas do teatro tradicional de outrora, por exemplo (PORTO E SILVA, 2005) – estabelecendo seu primeiro vínculo com a vida privada e doméstica, abordando conflitos familiares, caindo no gosto popular, se contrapondo às características da educação burguesa que visava a contenção de sentimentos e emoções, que deviam ser reservados ao espaço doméstico (MARTÍN-BARBERO, 2009). Neste aspecto, é importante denotar a relação que o melodrama estabelece com a religião, se consolidando como um substituto da compreensão religiosa sobre a vida, reconciliando virtudes civis, familiares, e fortalecendo instituições sociais, morais e religiosas (SILVA, 2013).

Outro fator a se destacar é o modo de narrar melodramático, se caracterizando pela predominância do gestual e utilização de diálogos falados, no qual o visual ganha mais importância na composição do drama, especialmente os tipos morais da sociedade que são traduzidos e transpostos na corporeidade das personagens, em seus traços físicos e gestuais sobrecarregados, se tornando um gênero de fácil compreensão por parte do público: “Os críticos *de teatro* permanecem escandalizados: as palavras importam menos que os jogos de mecânica e de ótica. Uma economia da linguagem verbal se põe a serviço de um espetáculo visual e sonoro onde primam a pantomima e a dança, e onde os efeitos sonoros são estudadamente fabricados” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 166, grifo do autor). Além disso, na busca por uma verossimilhança e com o intuito de provocar emoções na plateia, se estabelece uma dinâmica entre atores e público, cujas reações funcionam como sinais para eventuais improvisos. Porto e Silva (2005) destaca os efeitos especiais:

[...] se afasta da rigidez e parcimônia do teatro clássico, apoiado fundamentalmente nas potencialidades do texto, e se volta para a ação (situações) contínua repleta de reviravoltas, o talento dos atores e a encenação enriquecida pelos efeitos especiais (incêndios, tempestades, erupções vulcânicas e até inundações, etc.), tornados possíveis pelas invenções da época engenhosamente absorvidas pelos cenógrafos e maquinistas (PORTO E SILVA, 2005, p. 53).

Ainda sobre a estrutura narrativa e temática melodramática, podemos destacar fórmulas como a seguinte: amor, infelicidade, vingança, perseguições, intriga, triunfo da virtude, castigos, virtudes recompensadas, mal punido e restabelecimento da boa ordem social. Ainda neste seguimento, é importante ressaltar mais uma vez a estética do excesso, na qual o caráter das personagens do drama é sempre exagerado, entre virtudes e defeitos, expressos em um constante duelo entre o bem e o mal, e predominância temática com dois núcleos: restauração da justiça e busca pela realização amorosa (PORTO E SILVA, 2005).

Na esteira do melodrama teatral, o romance-folhetim alcança sucesso na França no início do século XIX, e pode ser considerado seu equivalente na literatura, uma vez que incorpora diversos elementos do melodrama como enredo, personagens, linguagem, ambientação, conflito entre o bem e o mal, etc.: “A narrativa envolve amores tornados impossíveis, intrigas, conspirações, mistérios, segredos, crianças trocadas, filhos perdidos, juramentos, venenos, passagens secretas, fugas espetaculares, noites tempestuosas cortadas por relâmpagos e trovões” (PORTO E SILVA, 2005, p. 49).

O folhetim era organizado por capítulos e veiculado nos jornais durante semanas (posteriormente em um sistema de fascículos, além do jornal), com ganchos, quebras de capítulos em caráter de suspense que buscavam prender a atenção do leitor. Em alguns casos apresentava a descrição das cenas por meio de rubricas, demonstrando a relação deste com o melodrama teatral. Neste aspecto, é interessante notar que alguns escritores do teatro transitam pelo gênero folhetim ampliando suas peças melodramáticas para o formato do gênero, bem como alguns romances-folhetim também era transpostos para o formato de espetáculo (PORTO E SILVA, 2005). Assim como no melodrama teatral, também podemos destacar no gênero romance-folhetim a dinâmica que se estabelece entre o público e o autor da história, entre sua produção e seu consumo, sendo sua produção influenciada pela resposta do leitor.

No Brasil, a emergência e desenvolvimento do folhetim se dá ao mesmo tempo de sua consolidação na França, e tem como referência a publicação de “Capitão Paulo” em 1838, de Alexandre Dumas, no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. É preciso pontuar que o folhetim não chega a ter um reconhecimento e um caráter popular no país, uma vez que a escrita e leitura na época era um hábito reservado às elites, sendo a maior parte da população analfabeta (SILVA, 2013).

Instalando-se no espaço entre o folhetim e a radionovela, temos nos Estados Unidos com sucesso a partir dos anos 30, o gênero das *soap-operas*<sup>19</sup>, que contribuiria posteriormente com a consolidação do melodrama radiofônico na América Latina. A *soap-opera* norte-americana é veiculada no período matinal, de almoço ou vespertino, com audiência predominantemente do sexo feminino, possuindo um núcleo narrativo principal e uma história norteadora que pode se desenvolver e evoluir infinitamente, podendo ficar mais de 20 anos no ar; fatores que a distanciam do gênero telenovela, que se assemelha mais ao folhetim, uma vez que sua história sempre caminha para um desfecho, para um final, além do fato de ser reservado ao horário nobre, sobretudo no Brasil (SILVA, 2013).

Muito embora existam determinadas diferenças entre os formatos, a *soap-opera* norte-americana contribui significativamente para o desenvolvimento e emergência da radionovela, primeiramente em Cuba, sendo o lugar de referência para essa ramificação do melodrama, e posteriormente em todo o continente americano:

Ao contrário do folhetim que chegou em um contexto pouco favorável, a radionovela chega no Brasil gozando do processo de desenvolvimento iniciado com a Revolução de 1930. Nos anos 40, o rádio já era considerado no Brasil um meio de acesso massivo, o que favoreceu à radionovela se tornar um produto da cultura popular, manteve-se assim até 1950 (SILVA, 2013, p. 8).

Sobre a consolidação do rádio como meio de comunicação de massa a partir da década de 30 e a relação entre Estado e comunicação, o rádio até então tecnologia reservada a elites, tem seu fortalecimento no governo Vargas como espaço de divulgação de planos governamentais, propagandas, comunicados oficiais e programas radiofônicos como “Hora do Brasil” (1935), sendo um grande propulsor dos ideais nacionalistas e forma de repressão e controle de informações.

Podemos considerar essa trajetória que descrevemos, do melodrama teatral até a radionovela, como principal percurso e com os pontos mais marcantes para o estabelecimento e caracterização do gênero telenovela como o conhecemos hoje, porém, gostaria de tomar aqui também o que sugere Porto e Silva (2005). De acordo com o autor, embora em alguns

---

<sup>19</sup> Expressão do inglês que pode ser traduzida como “ópera de sabão”, devido aos patrocinadores do gênero serem predominantemente da indústria de produtos de limpeza, sobretudo de sabão e sabonete, uma vez que seu público consumidor era composto em sua maioria por mulheres e pelas classes mais pobres, dado o horário de veiculação e o produto a ser anunciado. O vocábulo “ópera” pode ser relacionado ao fato de ser considerado um tipo de entretenimento barato e sem valor artístico, voltado para “donas de casa”, em comparação com espetáculos de ópera melodramáticos, uma associação presente na cultura popular norte-americana.



formatos a descendência seja mais evidente, como no caso do romance-folhetim e do melodrama teatral, pode-se considerar a telenovela como produto de diversos outros antecessores: “Na sua formação, portanto, estariam presentes entre outros: o melodrama teatral, o romance europeu do século XIX; o romance em folhetim, por jornal, também do século XIX; o romance em folhetim, por entregas (fascículo); a fita-em-série norte-americana; a radionovela; as histórias em quadrinhos e a fotonovela” (PORTO E SILVA, 2005, p. 46).

Desse modo, a estrutura melodramática, ou ainda, esse modo de narrar e encenar do melodrama permeia diversas outras produções culturais e artísticas, senão as peças teatrais, tendo sido apropriada e assimilada por outros sistemas técnicos posteriormente, como uma fórmula que se repete e se ritualiza, ao mesmo tempo em que é reelaborado:

A estrutura do melodrama até os dias de hoje evidencia sua permanência nos meios de comunicação de massa e mesmo depois de séculos tem sido aplicada a várias narrativas e diversas formas artísticas, a exemplo da literatura clássica, crônica, romances policiais e sentimentais, folhetim, teatro popular, tango, cinema, jornalismo e documentário, *talk shows*, telenovela e, perpassando desse modo inúmeras manifestações culturais (SILVA, 2013, p. 4).

Portanto, podemos pensar o melodrama na esteira e no sentido que lhe atribui Martín-Barbero (2009), enquanto uma matriz cultural, ou ainda como um certo *sensorium*, uma consciência coletiva perpassada pela memória e pelo imaginário coletivo, sobretudo se pensarmos em sua transposição para as produções na cultura de massa na América Latina.

Assim, o melodrama emerge como primeira imagem do popular, da massa, cujo o jogo das significações está constituído pelo drama do reconhecimento: “Do filho pelo pai ou da mãe pelo filho, o que move o enredo é sempre o desconhecimento de uma identidade e a luta contra injustiças, as aparências, contra tudo o que se oculta e se disfarça: uma luta por se fazer reconhecer” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 306).

Dessa maneira, o melodrama tem como infraestrutura primordial as relações familiares, cujo todo drama e origem do sofrimento se mostra na ocultação das fidelidades primordiais, tanto em elementos como filhos perdidos ou desaparecidos, como traições e injustiças, por exemplo. O desfecho da trama caminha do desconhecimento para um reconhecimento, ou ainda um conhecimento e decifração da identidade, mobilizando a sociabilidade primordial do parentesco, da família, nos constituindo como sujeitos

individuais, políticos e sociais, se relacionando com a sensação de reconhecimento do popular no massivo. Do cotidiano familiar e da sociabilidade nos movimentos dos bairros, da vizinhança e das relações locais de amizade, remetendo às culturas populares em seu modo de narrar, mobilizando vivências e experiências, e o imaginário coletivo, o melodrama latino-americano se consagra alimentando o reconhecimento do povo na cultura de massa, tendo a estética do exagero, uma simbologia de vitória contra a contenção, a economia das emoções e a repressão.

Já a televisão como meio de comunicação de massa com alcance nacional se estabelece no Brasil em meados da década de 60, compondo os planos do governo militar vigente para uma integração do território nacional e instalação de uma rede nacional, investindo em termos de infraestrutura com micro-ondas e satélites (LOPES, 2002), denotando a íntima relação entre a produção de bens culturais e o Estado, como distribuidor e regulador dessa produção, sobretudo no cenário político e social de repressão e censura após o golpe militar de 1964:

É a partir desse cenário político, econômico e cultural que a televisão foi e continua sendo decisiva na constituição do espaço público brasileiro. O acesso da grande maioria da população a outras formas culturais continua sendo muito limitado e resume-se, principalmente, à televisão, desse modo é inegável seu potencial mobilizador, educativo e cultural. A televisão convoca as pessoas de modo muito singular, como nenhum outro meio faz. Com largo alcance cultural ela se tornou o espaço estratégico de representação e de conexão entre os cidadãos, de seu pertencer a uma comunidade (SILVA, 2013, p. 7).

Dessa maneira, pode-se considerar a televisão, ainda nos dias atuais, como principal elo social brasileiro, acessada tanto pelas classes populares quanto pelas elites, principal espaço, vitrine, e parâmetro de representação e reconhecimento dos sujeitos na composição de suas identidades, em clivagens como classe social, gênero e sexualidade, raça e etnia, faixa etária, etc., uma ponte entre o público e o acesso a outras formas culturais para a grande maioria de sua audiência, funcionando como um referencial de mundo, consolidando rituais e fixando pautas, logo, possui um grande potencial educativo, e sobretudo, porque impulsiona um sentimento de pertencimento a um grupo ou comunidade.

Podemos dizer que tais aspectos se devem ao fato de que a televisão, de um modo geral, possui a capacidade de penetração intensa na sociedade por meio de sua contribuição

para um determinado “repertório comum” que se estabelece como a base de representações de uma nação idealizada ou comunidade nacional imaginada a qual este meio de comunicação consolida, reproduz e também atualiza, logo, longe de veicular significados consensuais, podemos dizer que a relação entre a televisão e sua audiência se faz sob uma luta constante pelos sentidos (LOPES, 2001; LOPES 2002).

A televisão brasileira tem a telenovela como seu principal produto, em um modelo de produção em massa, que desde o seu nascimento acolhe cânones ou elementos já estabilizados, bem como se diferencia em suas determinadas especificidades que o gênero ganha por aqui, sobretudo, no uso de uma tecnologia de ponta, e um desejo de cada vez mais ser interessante e chamar a atenção de sua audiência (SILVA, 2013).

A primeira telenovela brasileira, “Sua vida me pertence”, foi veiculada pela TV Tupi em 1951, primeira emissora de televisão do país e quarta na América do Sul, fundada por Assis Chateaubriand em 1950. As primeiras telenovelas brasileiras eram encenadas ao vivo no teatro, apresentando uma estrutura de dramaturgia radiofônica, com um elenco artístico e técnico que vinha do rádio e das antecessoras radionovelas. Com capítulos semanais<sup>20</sup> e enredos adaptados de radionovelas e originados das produções de países como Argentina, Cuba e México, apresentavam uma predominância da estética melodramática, com poucas personagens, entre principais e secundárias, e desenvolvimento superficial de suas características psicológicas (MARQUES, LOPES, LISBÔA FILHO, 2011).

Neste aspecto, é possível pensar os elementos básicos do melodrama como fios condutores da telenovela e alicerce para sua narrativa, vigorando como estrutura tanto no passado, na introdução do gênero no país, como nos dias atuais:

Passemos isso para a telenovela: o trecho amoroso do tronco central aos paralelos, personagens boas e más, grotescas e/ou cômicas, prosaicas ou não, as peripécias a se desdobrarem continuamente cheias de acasos, revelações e surpresas, a força e a exuberância da paixão, a felicidade comprometida pelo Mal que a destrói e a vence em sucessivos lances até que ela se afirme definitivamente no final feliz, na vitória do Bem contra as forças negativas, e teremos o descendente do espectador de Pixérécourt<sup>21</sup> e dos bons tempos do melodrama diante da tela de um televisor (PORTO E SILVA, 2005, p. 53).

---

<sup>20</sup> A telenovela diária é introduzida no Brasil pela TV Excelsior em 1963, tomando o modelo da telenovela argentina (MARQUES, LOPES, LISBÔA FILHO, 2011).

<sup>21</sup> René-Charles Guilbert de Pixérécourt (1773-1844), famoso autor francês de melodramas teatrais.

Apesar da complexidade de sua estrutura narrativa e produção, rede de tramas paralelas, personagens secundárias, exploração de cenários, ambientações, figurinos, efeitos especiais, a telenovela atualmente ainda resguarda elementos melodramáticos nevrálgicos e significações fundamentais, sobretudo, a história de amor e o romance como tronco da narrativa e o conflito entre o bem e o mal, além, é claro, da mensagem moralizante e a alternância entre momentos dramáticos e cômicos; além das apontadas por Porto e Silva (2005), tomo também os elementos denotados por Lopes (2002), ainda levando em conta os elementos do melodrama ainda vigorantes:

A trama das novelas são em geral movidas por oposições entre homens e mulheres; entre gerações; entre classes sociais; entre localidades rurais e urbanas, "arcaicas" e "modernas", representadas como tendências intrínsecas e simultâneas da contemporaneidade brasileira. Outros recursos dramáticos típicos como identidades falsas, trocas de filhos, pais desconhecidos, heranças repentinas, ascensão social via casamento estão presentes de maneira recorrente e convivem bem com referências a temáticas e repertórios nacionais e atuais na época em que vão ao ar (LOPES, 2002, p. 10).

Desse modo, pode-se dizer que a telenovela brasileira consegue conjugar em seu interior elementos melodramáticos já consagrados e de lugar-comum com temáticas nacionais do cotidiano dentro do seu tempo de veiculação na televisão, tendo o melodrama como matriz cultural principal. É por seu modo de estruturar e representar o cotidiano nacional e por seu constante diálogo vivo com os acontecimentos e tendências do presente, além de uma constante evolução de seu aparato tecnológico e audiovisual, impulsionada por um regime de verossimilhança e “naturalização” de suas histórias para atrair cada vez mais seu público, que a telenovela no país se consolida como produto genuinamente brasileiro (MOTTER, 2001), se destacando das demais produções no exterior, sobretudo na América Latina, o que permite que hoje seja encarada como elemento central e objeto de credibilidade nos debates sobre cultura brasileira e identidade nacional (LOPES, 2002).

Podemos dizer que esse movimento que parte cada vez mais de uma ficcionalidade para uma “cotidianização” (MARQUES, LOPES, LISBÔA FILHO, 2011), se inicia nos fins dos anos 60 e início dos 70, quando a telenovela se desenvencilha do caráter mais melodramático, uma vez que seguia até então o estilo latino-americano de “dramalhões” mais “fantasiosos” e distantes da realidade brasileira (personagens com nomes estrangeiros,

diálogos formais, ambientação em lugares longínquos do território brasileiro) (SILVA, 2013; LOPES, 2002), mudando suas temáticas para enredos mais realistas do cotidiano brasileiro: “Deste modo, inicia um processo de aculturação na telenovela brasileira, pois os temas abordados estão imersos na própria sociedade. Inicia-se a exposição da diversidade cultural compreendida pelo próprio país” (MARQUES, LOPES, LISBÔA FILHO, 2011, p. 7).

Torna-se marco desse novo paradigma de “abrasileiramento” do gênero a telenovela “Beto Rockfeller” (TV Tupi, 1968) que trazia em seu enredo uma ambientação no universo contemporâneo das grandes cidades brasileiras, espaços de representação da modernidade no país, linguagem coloquial e humor, introduzindo gírias e expressões cotidianas, certa ambiguidade no caráter das personagens, com um protagonista “anti-herói”, referências compartilhadas pelo público brasileiro, com representação de um público jovem recém-chegado às grandes metrópoles do país, remetendo a acontecimentos da vida e notícias da época; em um contexto de grande fluxo populacional do campo para as cidades, industrialização e desenvolvimento do mercado de consumo, sendo considerada a primeira telenovela a fazer *merchandising*, ainda que de maneira não-oficial:

Tendo crescido em consonância com outros processos estruturais de mudança ocorridos no período - a intensa migração do campo para as cidades (já em 1970, a população urbana superou a do campo), a industrialização e a proletarização do trabalho no campo, o desenvolvimento de um amplo mercado de consumo (se bem que vastamente concentrado nas classes médias e altas), a televisão, principalmente por meio das novelas, capta, expressa e alimenta as angústias e ambivalências que caracterizaram essas mudanças, constituindo-se em veículo privilegiado do imaginário nacional, capaz de propiciar a expressão de dramas privados em termos públicos e dramas públicos em termos privados (LOPES, 2002, p. 4).

Determinados padrões e receitas são adotadas a partir daí, sendo convencionado que cada produção deveria apresentar “novidades”, se calcando sempre em uma representação de contemporaneidade e em consonância com o tempo de sua veiculação, sendo demonstrado em termos da moda, uso das tecnologias, consumo de produtos e remetendo aos acontecimentos da vida.

Sem nunca perder de vista a sua base, sua raiz cultural melodramática<sup>22</sup>, e portanto, ainda ter como base a narrativa da família e da vida privada, paradoxalmente, a telenovela se fortalece como um potencial fórum de debates no espaço público, representando no âmbito doméstico desdobramentos de questões públicas e trazendo para a superfície do espaço público, problemáticas da vida privada. Se no período entre as décadas de 70 e 80, temos na telenovela brasileira a representação social da classe média de São Paulo e do Rio de Janeiro, a partir de 1990, em decorrência do processo de redemocratização do país, concorrência na programação e com outros veículos como a TV a cabo, o vídeo, novas tecnologias da internet, reivindicações de movimentos sociais, globalização, etc., se fazem necessários novos tipos de representação (LOPES, 2002).

Pensando no próprio ano de 2012, o período é reconhecido especialmente pela emergência dessas mudanças nas representações operadas na telenovela brasileira. Como exemplo desses deslocamentos, podemos tomar o sucesso de telenovelas como “Avenida Brasil” (Rede Globo, 2012) “Cheias de Charme” (Rede Globo, 2012), sendo que a primeira insere seu núcleo de personagens principais no subúrbio carioca e a segunda tem como protagonistas três empregadas domésticas. Representando as camadas populares, agora não mais em papéis secundários ou como personagens componentes de um núcleo cômico, as duas telenovelas se destacaram no que se considerou como representação das novas classes, trazendo seus padrões de consumo, linguagem e trajetória de ascensão social<sup>23</sup>.

Ainda para compreendermos o ano de 2012 e essas novas representações na telenovela, é preciso retomar os debates sobre a emergência de uma nova classe média brasileira. Embora se trate de um assunto em disputa e gerador de discordâncias entre especialistas, a expressão “nova classe média” se referia à parcela da população que ascendeu economicamente, a partir da redução de brasileiros considerados pobres em termos de renda, a partir de meados dos anos 2010, no âmbito do governo de centro-esquerda do presidente Luís Inácio Lula da Silva e do governo da presidente Dilma Rousseff a partir de suas políticas de

---

<sup>22</sup> De acordo com Lopes (2002), seria pertinente considerar a telenovela como conhecemos hoje, uma vez observado atentamente o seu percurso, como um gênero híbrido, no qual o melodrama se funde com determinados subgêneros como a comédia, o drama, o realismo fantástico, suspense, podendo ser atribuído o seu sucesso a esse princípio de hibridização, ao regime de verossimilhança e temas polêmicos. Sobre esta questão, vale retomar o estudo de Porto e Silva (2005), que menciona como o melodrama teatral na França e Inglaterra evolui para uma divisão em: melodrama doméstico, romântico e sobrenatural. Essas subdivisões do gênero ainda podem ser vistas no romance-folhetim: “Explora-se ainda a atração pelo fantástico, pelo nebuloso, pelo exótico, marcantes influências do romance gótico” (PORTO E SILVA, 2005, p. 49).

<sup>23</sup> Sobre o que se denominou como representação das “novas classes” na telenovela brasileira, especialmente no ano de 2012, chamo atenção aqui para a dissertação de mestrado “Aspectos da midiaticização do consumo e do sentido de classe social na telenovela: a representação da ‘nova classe C’”, (2014) de Rosana Mauro (ECA/USP), disponível em < [www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-28012015.../RosanaMauro.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-28012015.../RosanaMauro.pdf) > Acesso em março de 2017.

redistribuição de renda e de incentivo ao crédito, e do aumento do salário mínimo. Neste aspecto, essa parte da população é classificada por especialistas como nova classe média, por se distinguir da classe média mais tradicional em seus valores ideológicos. Neste sentido, muito se destacou sobre seus padrões de consumo, bem como o fato de ser a maioria da população a consumir a programação da televisão como entretenimento (52%), segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE)<sup>24</sup> em 2010<sup>25</sup>.

Nesse caminho, muito se falou sobre obras como “Cheias de Charme” (Rede Globo, 2012) e “Avenida Brasil” (Rede Globo, 2012), sobretudo no que se refere a uma nova representação da nova classe média em ascensão, representando esse grupo social em sua mobilidade, gostos e costumes, em contraposição com as narrativas televisivas centradas em núcleos com personagens pertencentes à classe média alta do Rio de Janeiro e São Paulo.

Neste seguimento, podemos pensar em uma constante dinamicidade e relação dialógica que se trava entre a realidade e a telenovela, relação na qual a vida dá sentidos à ficção e a ficção dá sentidos aos acontecimentos da vida. Desse modo, podemos dizer que a telenovela responde de alguma maneira a questões que estão se dando no tecido social em seu momento de veiculação. Essa projeção de questões e pautas destacadas da vida, no entanto, pode e deve ser encarada em caráter de seleção de temáticas: “A novela dá visibilidade a certos assuntos, comportamentos, produtos e não a outros; ela define uma certa pauta que regula as interseções entre a vida pública e a vida privada” (LOPES, 2002, p. 3). As temáticas pautadas pela telenovela, e a própria obra como um todo, usufruem de grande credibilidade e legitimidade no que diz respeito a um certo imaginário de nação brasileira, e são tidas como o próprio reflexo do cotidiano e da realidade nacional, e uma vez pautando questões que já podem estar circulando no espaço público e em outros meios de comunicação de massa, passa a ter seu valor de verdade perante a sociedade ainda mais potencializado:

Questões como a reforma agrária, o coronelismo (o poder das oligarquias locais), a especulação imobiliária, as companhias multinacionais, a corrupção política, o racismo, as minorias, entre outras, são alguns exemplos dessa vocação das novelas de incorporar temas do âmbito público em suas narrativas teoricamente voltadas para o universo privado. Mas temáticas

---

<sup>24</sup> Empresa de pesquisas de mercado, produz informações e dados estatísticos sobre a mídia, opinião pública, intenção de voto, consumo de produtos e serviços, marcas, comportamento, etc.

<sup>25</sup> Dado divulgado pela matéria veiculada na versão online do jornal “O Globo”, disponível em <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/a-tv-se-rende-nova-classe-media-4934814>> Acesso em janeiro de 2017.

como essas nas novelas são inseparáveis das temáticas do romance, da família, do amor, do casamento, da separação. É a lógica das relações pessoais, familiares que preside a narrativa dos problemas sociais (LOPES, 2002, p. 13).

Assim, a vida pode dar o tom à narrativa da telenovela, ao mesmo tempo que a obra pode estimular a emergência de questões e assuntos a serem discutidos na vida, sendo uma instância importante de influência em debates públicos sobre questões políticas e sociais, polêmicas nacionais, por exemplo:

Utilizando uma estrutura narrativa personalizada e pouco definida em termos ideológicos ou políticos para tratar de assuntos relativos ao espaço público, as novelas levantaram e talvez tenham mesmo ajudado a dar o tom dos debates públicos. Tornaram-se dois exemplos históricos a associação da novela Vale Tudo (1988) à eleição de Fernando Collor de Melo que calçou a sua imagem eleitoral como ‘o caçador de marajás’, isto é, de banimento da corrupção econômica e política do país, bem como a influência da minissérie Anos Rebeldes (1992) no processo de impeachment desse mesmo presidente, três anos depois (LOPES, 2002, p. 5).

Além do mais, podemos identificar especificamente um segmento de telenovelas, sobretudo a partir da década de 1990 que se destaca como período da produção de narrativas que buscam cada vez mais uma verossimilhança com a realidade brasileira; que são reconhecidas justamente por realizar o que se denomina por ação socioeducativa, como enunciado no próprio site da Rede Globo de Televisão, por exemplo<sup>26</sup>. Essas telenovelas costumam promover debates sobre diferentes problemas sociais e já são identificadas como tal a partir da imagem consolidada de seus autores, sendo que o perfil dos autores brasileiros de telenovelas já consagrados geralmente determina que tipo de narrativa será produzido; neste seguimento, o próprio nome do autor determina os sentidos envolvidos na produção da obra, em exemplos como os próprios anúncios na televisão (LOPES, 2002). Destacam-se neste tipo de telenovela os autores Manoel Carlos e Glória Perez, sendo a relação entre vida e arte levada até as últimas consequências como no caso de produções como “Páginas da Vida”

---

<sup>26</sup> A partir do portal Memória Globo, a Rede Globo realiza uma catalogação de todas suas telenovelas a partir do critério temporal e por ordem alfabética, trazendo seções de informações sobre as tramas como “produção”, “ficha técnica”, “galeria de personagens”, “ações socioeducativas”, etc.: Disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas.htm>> Acesso em janeiro de 2017.



(Manoel Carlos, Rede Globo, 2006), “Viver a vida” (Manoel Carlos, Rede Globo, 2009) e “Salve Jorge” (Glória Perez, Rede Globo, 2012), por exemplo, que traziam depoimentos reais de sujeitos que passaram pelas situações vivenciadas pelas personagens da telenovela.

Assim, algumas questões pautadas pelas telenovelas podem passar a compor a agenda de outros meios de comunicação de massa no país, estimulando reportagens, denúncias, debates sobre políticas públicas, leis, etc. Como alguns desses exemplos, podemos também considerar a telenovela “Salve Jorge” (Rede Globo, 2012) que, ao tratar do tráfico de pessoas, tal assunto passou a ser discutido nos principais telejornais da emissora, ou ainda “Laços de Família” (Rede Globo, 2000) que, ao abordar a leucemia, impulsiona um aumento significativo de doadores de medula óssea, sangue e órgãos, como registrado pelo Instituto Nacional do Câncer, semanas após o capítulo final da produção, entre outros casos. Podemos citar ainda questões como a clonagem humana, uso de substâncias químicas, alcoolismo, transtornos alimentares, prostituição, violência urbana, sequestro de recém-nascidos e crianças, inseminação artificial e uso de barrigas de aluguel para concepção, preconceitos e discriminações raciais, de gênero, sexualidade, etc., entre outras pautas sociais sendo debatidas a partir da relação entre vida e arte.

Ainda que as discussões empreendidas sobre questões sociais na telenovela se deem sob o pano de fundo das narrativas acerca da família, isso não diminui sua credibilidade, pelo contrário, por se estabelecer enquanto principal espaço de identificação e representação popular, o modo com que trata de certos assuntos se relaciona sempre com experiências vividas pelos sujeitos (LOPES, 2002). Nesse ponto, é interessante retomar o que pontua Hoggart (1972) sobre o tempo familiar, lembrando que a família se estabelece como unidade básica da televisão no contexto da América Latina: “[...] os acontecimentos só são percebidos quando afetam a vida do grupo familiar’. Uma guerra, assim, é percebida como a ‘a época em que meu tio morreu’, e a capital, como ‘o lugar onde mora minha cunhada”’ (HOGGART, 1972. p. 70).

Podemos dizer que tais traços da telenovela brasileira nos permitem considerá-la como uma obra aberta e dialógica, como gênero que se modifica segundo as reações de seu interlocutor, um traço que já pode ser vislumbrado desde o melodrama teatral, considerando essa cumplicidade com seu público. Neste aspecto, podemos lembrar que a telenovela, desde antes de sua produção, tem sempre em seu horizonte um *feedback* de sua audiência e interlocutor, por meio do acesso a monitoramentos de tendências, pesquisas de mercado e de

opinião, índices de audiência<sup>27</sup>, como por exemplo as pesquisas do IBOPE, tendo em vista sempre os desdobramentos mercadológicos, e o objetivo de ser um gênero cada vez mais interessante para o telespectador. As instâncias de produção, exibição e recepção da telenovela acontecem quase em caráter de simultaneidade: a obra ficcional é escrita, gravada e produzida, e assistida ao mesmo tempo (SILVA, 2013). O público se sente como participante da telenovela, rejeitando conteúdos, demandando mudanças, como pode ser observado quando tramas e histórias são mudadas a partir de reivindicações do telespectador, movimentos sociais e minorias políticas, sindicatos e grupos profissionais:

Grupos profissionais, minorias, setores da sociedade, instituições, etc., têm sua atenção requisitada para avaliarem como estão sendo construídos – enquanto caracterização do grupo ou de indivíduos que o representam – e como os assuntos atinentes ao seu universo estão sendo tratados. A uma representação considerada inadequada ou distorcida, a reação tem que ser pronta e rápida. Neste caso, eles respondem, tomam partido, cobram correções ou se põem contra, quando não se instauram grandes polêmicas (MOTTER, 2001, p. 77).

Para pensarmos nessa relação dialógica entre os produtos da indústria cultural e da comunicação de massa e as reivindicações de grupos minoritários, no âmbito da produção de narrativas para a televisão, temos o caso da telenovela “Pátria Minha” (Rede Globo, 1994) em que a ong Geledés se posiciona contra uma cena em que uma personagem negra sofre racismo e não reage, fazendo com que o autor da novela, bem como a emissora, emitisse uma nota nos capítulos posteriores e modificasse a reação da personagem ao preconceito que sofreu, não demonstrando uma certa subserviência, como lembrado por Araújo (2000).

Este aspecto demonstra como a telenovela ainda é um importante espaço de representação e identificação para os sujeitos, e se pensarmos hoje em dia em canais para essas reivindicações, podemos compreender as tecnologias da Internet e as redes sociais como potenciais espaços para essas demandas e de análise dessas representações. Neste sentido, podemos compreender a existência de uma verdadeira rede de comunicação, de circulação de sentidos que impulsionam discussões e algumas polêmicas nacionais, atingindo até quem não é consumidor direto de uma dada telenovela, como bem aponta Lopes (2001): “A novela é tão vista quanto falada e seus significados são o produto tanto da narrativa

---

<sup>27</sup> A Rede Globo, por exemplo, possui um departamento de pesquisa próprio, além de outros canais de comunicação de contato com o telespectador, que podem monitorar sua opinião, como o Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC/Rede Globo), redes sociais da emissora.

audiovisual produzida pela televisão, quanto da interminável narrativa oral produzida pelas pessoas” (LOPES, 2001, p. 30).

Dessa maneira, pode-se identificar uma complexa rede e trama pelas quais os sentidos presentes na telenovela se diluem e se espalham na vida: Conversa-se sobre as telenovelas, com a família, no bairro, no trabalho, nas redes sociais, etc. Os meios de comunicação como revistas especializadas ou não, colunas nos jornais, guias de capítulos, programas de televisão, rádio produzem textos sobre a telenovela, reportagens e entrevistas com seus atores, autores, sobre suas temáticas, programas de humor produzem sátiras, paródias sobre as suas histórias. Produtos são consumidos a partir da telenovela, como a trilha sonora, roupas, a moda lançada pelas personagens, objetos usados em cena, produtos com as propagandas feitas pelos atores, etc. Os autores entram em contato com o seu público, na rua, pelas redes sociais, etc. As gírias e linguagens das personagens se tornam nomes de estabelecimentos comerciais, crianças são registradas com nomes das personagens, se tornam sinônimos de condutas sociais, etc. Uma vez que pode ser objeto de mobilizações de movimentos sociais ou outros grupos, pela questão das representações, as próprias reivindicações e análises desses grupos circulam produzindo sentidos no espaço público.

Como sugere Motter (2001), as telenovelas não são muito bem definidas em termos ideológicos, no entanto, é sintomático seu tom em favor de um discurso progressista, que se aproxima de uma defesa da diversidade, como também pontua Lopes (2001). Portanto, segundo Lopes (2001), comumente a narrativa se encaminha para uma aceitação das diferenças ao retratar novos arranjos familiares, independência feminina, romance na terceira idade, preconceitos e discriminações, etc., essa característica talvez em razão de sempre se encaminhar para um final feliz.

Sobre a questão ideológica, antes de tudo é importante retomarmos a questão da mídia brasileira, em particular o caso da Rede Globo e de suas reconhecidas contradições ideológicas. Assim, podemos falar de uma separação entre vida e arte que podemos compreender a partir das significações presentes nas produções da emissora. O Grupo Globo, enquanto conglomerado composto por diferentes empresas e veículos comunicativos, sempre se aliou a uma posição ideológica calcada em valores de direita e neoliberais, sobretudo em suas coberturas jornalísticas e editoriais; criticando governos de esquerda e se contrapondo à iniciativas de redistribuição de renda e de políticas de mobilidade social, se aliando ideologicamente com os interesses dos partidos políticos reacionários. Neste aspecto, podemos pensar que o discurso jornalístico é socialmente construído e legitimado com um

valor de verdade e de real, como um reflexo imparcial direto dos acontecimentos da vida, mas que assim mesmo expressa em suas valorações a posição de classe de seus locutores.

No entanto, a própria emissora se consolida no Brasil com a produção de telenovelas a partir de narrativas e de obras literárias escritas por autores e roteiristas abertamente com posicionamentos de esquerda em favor da diversidade, para citar alguns exemplos, temos nomes como Jorge Amado e Dias Gomes. Podemos pensar essa “contradição” na esteira de uma separação operada entre vida e arte. Assim, a vida é tida enquanto um lugar descolado da arte, uma esfera dos assuntos sérios, enquanto a arte se torna um lugar para as divagações e imaginação, no caso da Rede Globo uma oposição entre seu jornalismo e suas telenovelas (BAKHTIN, 2011). Neste aspecto, a vida é significada como esfera para se falar sério, o espaço da verdade e do real, do compromisso da relação com o acontecimento, uma posição defendida no fazer jornalístico. Enquanto a estética, que pode ser descompromissada, isso é claro, colocada como tal; pode ser significada como espaço dos nossos sonhos, lugar em que nos libertamos, imaginamos mundos, histórias e personagens.

No entanto, a telenovela, bem como todos os tipos de comunicação verbal e intercâmbio social, só ganha sentido em sua relação com a vida. Esse gênero também possui suas valorações, é constituída pela apreciação do autor, diretor, é um ato responsável, está localizada no espaço e tempo, e na história. Ainda sobre esta relação, podemos considerar o jornalismo como um “braço” e ramificação dos sentidos da telenovela como também constituintes das relações entre a vida e arte, imprimindo um certo modo de ver o mundo, donde a emissora exprime seus posicionamentos sobre determinadas pautas, legitimando certas visões e não outras.

Sobretudo nos últimos anos, o fato de que diferença e a diversidade adentram a cultura da mídia, a partir de novas representações dos grupos sociais marginalizados, é perceptível, sobretudo nas telenovelas de 2012, o que inclui a produção de “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012), porém, essas mudanças devem ser encaradas de maneira mais complexa do que uma simples transposição das reivindicações da vida para a esfera da arte. Primeiramente, podemos considerar o fato de que a TV aberta tem tido sua audiência diminuída, ainda no início dos anos 2000, em especial a Rede Globo de Televisão, que passa a ter seu público cativo das telenovelas disputado a partir do investimento no segmento por emissoras como a Rede Record e o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). É importante considerar também a existência da concorrência com as novas tecnologias da Internet e com plataformas produtoras de conteúdos de entretenimento e de informação como o YouTube, Facebook, Twitter, e mais

recentemente a expansão e popularização da Netflix no Brasil. Essa concorrência já é iniciada em fins do anos 90 e começo dos anos 2000 a partir do consumo de canais da televisão a cabo, do vídeo cassete e de aparelhos de DVD, juntamente com a difusão de cópias ilegais de produções culturais como filmes, músicas, e difusão de informação pela Internet, ainda que o acesso à Web não seja algo universal no Brasil. Portanto, é importante lembrarmos que todas essas iniciativas, uma vez inseridas em um sistema capitalista, estão visando nada mais que o lucro, sendo que a Rede Globo de Televisão opera significativas mudanças em sua grade de programação a partir de uma identificação de seus públicos alvos de acordo com a faixa etária. A emissora, bem como o segmento de jornais impressos mais tradicionais da grande mídia brasileira, entre outros veículos comunicativos, realiza o movimento de migração de seus conteúdos para as plataformas digitais da Internet; assim, olhando para esse movimento nas telenovelas, é possível ver tramas que estabelecem um diálogo com o público que acessa as mídias sociais digitais, planejando conteúdo online como desdobramentos de suas narrativas e trazendo para dentro da telenovela as vozes e comentários feitos pelo espectador que se encontra na rede, em sites como GShow e mais recentemente a plataforma Globo Play.

Assim sendo, tendo em conta essa relação entre vida e arte que pode ser compreendida nas telenovelas, sobretudo, na constituição da telenovela brasileira, é possível encarar a obra “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) como um potencial espaço constituído pelas questões sociais proeminentes no ano de 2012.

## **2.2 A telenovela “Lado a Lado”, as relações com o passado, presente e futuro do Brasil**

A telenovela “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) foi produzida e transmitida pela Rede Globo de Televisão no período entre setembro de 2012 e março de 2013. Foi veiculada dentro da programação como novela das seis<sup>28</sup>, logo, exibida às 18h25 de segunda a sábado, e teve

---

<sup>28</sup> Com sua alavancada como líder de audiência no país, especialmente na produção de telenovelas, a Rede Globo, a partir da identificação de seus públicos-alvo, instituiu, a partir da década de 70, uma grade de programação fixa para as telenovelas; alguns horários já eram utilizados por outras emissoras, porém a emissora fixa a trinca e o *prime time* padrão e parâmetro, o horário nobre do jantar com a sequência “novela-jornal-novela”. Assim, são três os horários principais: Novela das seis (18h): histórias mais leves, românticas, principalmente tramas de época; Novela das sete (19h): enredos cômicos; Novela das oito (21h): enredos densos com propostas mais inovadoras e sofisticadas, se encaixam aqui as tramas que estão mais próximas de um regime de verossimilhança, a maioria pautando temas cotidianos e polêmicos, questões sociais, exercendo muitas vezes funções socioeducativas com maior força. Desde 2011, a Rede Globo também vem produzindo o que vem sendo considerada como “novela das onze”, exibida após as 22h; se assemelhando muito ao formato das minisséries, com poucos capítulos, de época ou atuais, porém com uma roupagem mais próxima à estética

como contexto para sua história a cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX (com a primeira fase ambientada no ano de 1903 e a segunda no ano de 1910). Escrita por Cláudia Lage e João Ximenes Braga, a trama tinha como pano de fundo o período de recente abolição da escravidão e os primeiros anos da república, pela Lei Áurea em 1888 e a Proclamação da República em 1889, retratando as transformações sociais e políticas na capital do Brasil na época, e alguns fatos históricos importantes da história do país.

É importante pontuar que o contexto descrito não funciona apenas como pano de fundo para a história, os acontecimentos retratados da história do Brasil influem diretamente na vida das personagens. Desse modo, a narrativa se centrava na história de duas amigas, ambas de classes sociais distintas: Isabel e Laura.

Isabel é empregada doméstica e filha de um ex-escravo. Trabalha desde os 14 anos na casa de uma rica senhora francesa da elite, Madame Besançon, com quem aprende a ler, escrever e a falar francês, sendo uma exceção no seu grupo social. Mora com o pai Afonso em um cortiço da cidade, escravo liberto e que desempenha o ofício de barbeiro, ajudando-o no sustento da casa. É romântica e honesta, e sonha com um futuro melhor e em se casar com seu grande amor, seu noivo Zé Maria. Zé Maria trabalha com Afonso na barbearia, e também é filho de escravos libertos e capoeirista, sofrendo com perseguições da polícia, uma vez que a capoeira no período é considerada crime pelo Código Penal. Com muita consciência de seus direitos e de sua história, Zé Maria possui o espírito revolucionário e incorruptível, falando com coragem contra as injustiças cometidas aos negros e pobres na história.

Já Laura é filha de ex-barões do café e ex-senhores de escravos, uma família que se vê em crise financeira em decorrência do fim do Império e da escravatura. É obrigada pela mãe, Constância, ex-baronesa ressentida e saudosa dos tempos da monarquia e da escravidão, a se casar sem amor com Edgar, filho do senador e rico industrial Bonifácio, como uma maneira de a família recuperar seu poder político e econômico no novo regime de governo. Pensando a frente de seu tempo, e sempre em conflito com a mãe, Laura busca a independência e não aceita o lugar dado à mulher na sociedade, sonhando em continuar seus estudos e trabalhar fora como professora.

---

cinematográfica e às séries americanas nos frames da câmera, temperatura das cores, narrativa, etc.; com maior liberdade para melhor explorar assuntos considerados mais polêmicos socialmente, e que logo podem ser melhor explorados, por causa do horário, com uma representação mais explícita, como prostituição, relacionamentos homoafetivos, cenas de nudez, etc. Recentemente no horário das onze, tivemos o que foi considerada como primeira cena de sexo entre um casal de homossexuais da telenovela brasileira, em “Liberdade, Liberdade”, por exemplo < <http://odia.ig.com.br/diversao/televisao/2016-07-13/primeira-cena-de-sexo-gay-em-uma-novela-bomba-na-audiencia-e-nas-redes.html> > Acesso em julho de 2016.

Isabel e Laura se conhecem no dia de seus casamentos, que seriam realizados na mesma igreja, se tornando amigas enquanto esperam por seus noivos. Isabel não consegue se casar com Zé Maria, uma vez que o mesmo não consegue chegar à igreja, pois é preso defendendo por meio da luta da capoeira o cortiço no qual moravam, que viria a ser derrubado e desapropriado, juntamente com outras habitações da população mais pobre, no processo de modernização e urbanização do Rio de Janeiro. Em contrapartida, Laura casa-se com Edgar a contragosto, por quem acaba se apaixonando com o passar do tempo durante a vida de casados, uma vez que o rapaz compartilha de seus ideias feministas. Edgar se formou em Direito, morando muitos anos em Portugal, trabalha com o pai, o senador Bonifácio na indústria da família, se colocando contra as injustiças sociais cometidas pelo governo para com a população mais pobre, compartilhando das mesmas ideias progressistas de Laura. Isabel pensa que Zé Maria a abandonou no altar e, desiludida, acaba se envolvendo com Albertinho, irmão de Laura, sedutor e que não quer compromissos, de quem acaba grávida. Ao descobrirem sobre sua gravidez, Isabel é expulsa de casa pelo pai, muito conservador, e mesmo resolvendo o mal-entendido com Zé Maria, também é abandonada pelo mesmo, uma vez que o último não aceita que tenha se envolvido com outro homem.

Assim, a telenovela tem como narrativa principal os conflitos e desencontros amorosos enfrentados pelos dois casais protagonistas (Isabel e Zé Maria; Laura e Edgar), ambos se posicionando de alguma forma a frente de seu tempo, retratando suas lutas pela independência feminina, contra o machismo, o racismo, exclusão social dos negros e mais pobres, e na defesa das manifestações culturais afro-brasileiras.

Como um primeiro gesto de compreensão e retomando o que refletimos até aqui sobre a matriz cultural da telenovela, podemos encontrar em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) alguns dos elementos básicos do melodrama: a história de amor como tronco da narrativa, no caso dos casais protagonistas, e um desfecho que se encaminha para a realização amorosa, resolução dos desencontros; as relações familiares como base para a história, os conflitos, além dos desdobramentos dos fatos históricos que se dão no âmbito e pela ótica dessas relações, tanto dentro das famílias ricas como das pobres. Além desses, podemos destacar ainda a oposição que se estabelece entre bem e mal, entre vilões e heróis, vícios e virtudes (a ex-baronesa racista e retrógrada, Constância; governantes e autoridades corruptas, como o senador Bonifácio; a vizinha de Isabel, Berenice, sentindo inveja da protagonista e tentando a todo custo separá-la de Zé Maria, por quem é apaixonada; Caniço, capoeirista mau caráter, que usa a capoeira para cometer crimes, cooperando para sua má fama e se tornando inimigo

de Zé Maria; Catarina, ex-interesse amoroso de Edgar, tentando separá-lo de Laura; Fernando, irmão invejoso, preconceituoso e mau caráter de Edgar), demonstrando um enredo cheio de perseguições, intrigas, armadilhas, reviravoltas e vinganças, bem como uma mensagem moralizante. Ainda sobre a estrutura melodramática, temos o drama do reconhecimento no caso do filho de Isabel. A ex-baronesa Constância no intuito de esconder da sociedade o neto negro, fruto do envolvimento de Isabel com Albertinho, arma um plano e forja a morte da criança com a ajuda de Berenice, doando o bebê. A criança é criada por Zenaide, irmã de Berenice e cresce sem saber quem são os verdadeiros pais, história descoberta por Isabel no desenrolar da novela. Podemos observar também uma alternância entre momentos sentimentais e de emoção (entre os casais, Isabel e seu pai), ação (cenas de luta da capoeira, revoltas populares), e comédia (o alívio cômico da novela fica por conta do núcleo de personagens do Teatro Alheira, uma companhia de teatro da cidade, servindo também para mostrar como as mulheres atrizes e artistas eram encaradas socialmente).

Outro conflito constante colocado em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) é a oposição geracional, entre personagens com ideias mais progressistas, a maioria jovens, e personagens mais retrógrados, adeptos dos velhos costumes, saudosistas da velha ordem e organização social de outrora (Monarquia, escravidão, submissão da mulher, etc.), se contrapondo aos entusiastas do novo século e das mudanças sociais. Daí que o “novo século” e “novos tempos” são sempre retomados em enunciados e expressões como: “é o novo século”; “já estamos no século XX”; “novo mundo”; “[...] filhos que iam saber que os avós foram escravos [...] mas que a gente ia criar um mundo melhor pra eles [...] um mundo onde ia falar de escravidão apenas como lição para que nunca mais se repetisse”; “os tempos estão mudando”.

Além dos elementos melodramáticos, “Lado a Lado”(Rede Globo, 2012) dá muito destaque aos fatos históricos mais importantes da época que retrata, que contam com a participação de suas personagens: instalação recente da República, demonstrando as novas relações entre povo e Estado no novo regime; as revoltas populares como a Revolta da Vacina e a Revolta da Chibata; o “Bota-Abaixo” na cidade do Rio de Janeiro do início do século XIX, processo de derrubada de cortiços, habitações de muitas famílias pobres (a maioria formada por ex-escravos, filhos de escravos, soldados, imigrantes) tidas como foco de doenças devido à falta de saneamento básico, como parte da urbanização e modernização, que contava ainda com a construção de avenidas, prédios com arquitetura europeia, chegada da energia elétrica nas ruas, expansão de linhas de bonde que visavam aproximar a cidade de



Paris, movimento que se chamou de Belle Époque (1871-1914); a Belle Époque ainda foi retratada nos costumes da elite, em termos de moda, estabelecimentos comerciais, consumo de produtos europeus, o tipo de dança e música legitimadas socialmente, os padrões de civilidade e sociabilidade, além das práticas higienistas que visavam a limpeza da cidade e o ideal de branqueamento com o enaltecimento da imigração europeia que se iniciava; a formação das primeiras favelas e periferias do Rio de Janeiro a partir da população negra e pobre expulsa dos cortiços do centro da cidade, como o Morro da Providência, no qual a família e amigos de Isabel vão morar após o “Bota-Abaixo”; proibição e criminalização da capoeira e os cultos ao candomblé, religião de matriz africana; estigmatização e surgimento do samba e do carnaval de rua, manifestações culturais associadas aos negros; a chegada do futebol no Brasil e o racismo, e a criação dos primeiros times de futebol carioca como o Botafogo e Fluminense; invenções como a fotografia, o cinematógrafo, primeiros automóveis circulando na cidade.

A Rede Globo de Televisão é reconhecida nacional e internacionalmente pela qualidade de suas novelas, detendo o maior aparato técnico e tecnológico para a criação de suas produções no que se refere ao uso de efeitos especiais e câmera cinematográficas, demonstrando uma riqueza de detalhes e rigor estético no que diz respeito a ambientações de suas ficções de época, o que pode ser observado em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012), na qual, por exemplo, em tomadas externas são usadas fotos reais do Rio de Janeiro no início do século XX.

Sobre esse tipo de ficção de época, podemos tomar Lopes (2014):

A reconstrução histórica do passado pela ficção televisiva tem sido feita basicamente de dois modos. De um modo direto, tematiza personagens ou fatos da história, dando origem às chamadas ficções históricas; e de um modo indireto, através de tramas que são ambientadas no passado, não originadas necessariamente por algum fato realmente acontecido, chamadas de ficções de época (LOPES, 2014, p. 12).

Desse modo, podemos considerar que ao mesmo tempo em que “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) constrói uma ficção de época, a obra também retoma fatos históricos específicos e verídicos, logo, os acontecimentos reais são vistos dentro do âmbito das vidas de personagens ficcionais.

É interessante notar que a novela, ao recuperar os fatos históricos e representar a história do país, ressignifica esses acontecimentos, mobilizando uma memória coletiva e retomando alguns mitos, sobretudo, sobre a construção e formação da cultura brasileira. Apesar de ressignificar alguns acontecimentos de nossa história, também reafirma algumas representações e uma certa identidade brasileira ou ainda um modo de ser do brasileiro, estabelecendo alguns paralelos com o tempo presente:

A ficção televisiva, em especial, é criadora de um repertório compartilhado e um lugar onde a memória pode ser exercitada, como um lugar onde representações e imaginários sobre o modo de vida de uma época são depositados, podendo depois ser reapropriados. Ela é, portanto, ao mesmo tempo, memória, arquivo e identidade, um locus complexo de construção e reconstrução identitárias, lugar onde assoma a capacidade da narrativa ficcional televisiva de conectar dimensões temporais de presente, passado e futuro, de (re)criar a memória coletiva dentro da nação (LOPES, 2014, p. 15).

Esse jogo entre passado e presente pode ser compreendido em algumas “projeções” que a obra faz do Brasil de hoje, mobilizando uma certa brasilidade e identidade nacional, bem como alguns costumes e vícios:

i) Corrupção

Fernando: Eu sou filho de um corrupto.

Umberto: E isso lá é vergonha nesse país? (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>29</sup>.

ii) Brasil como “país do futebol”

Fernando: [...] quem sabe no futuro o Brasil não se torne o país do football? (REDE GLOBO, Lado a Lado, 2012)<sup>30</sup>.

iii) Samba como patrimônio cultural brasileiro

Constância: [...] o tal do samba, imagine Celinha se essa batucada de africanos, de macumbeiros, algum dia vai ter qualquer importância para o Brasil? (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> Cena exibida em 09/10/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2180702/> > Acesso em março de 2017.

<sup>30</sup> Cena exibida em 20/09/2012 e disponível em < <http://globoplay.globo.com/v/2149376/> > Acesso em março de 2017.

#### iv) Ineficiência de serviços públicos

Bonifácio: [...] se eu não soubesse que esse país é desorganizado [...] (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>32</sup>.

A retomada desses signos que caracterizam simbolicamente a identidade brasileira aproxima a telenovela do tempo presente, em que esses discursos circulam e reverberam sentidos, muito embora possamos dizer que ao mesmo tempo que retoma esses dizeres, ressignifica os mesmos, isso porque os contextualiza como constituinte do pensamento da sociedade brasileira do início do século XX.

Ainda sobre a relação de “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) com o presente e sua potencialidade de mobilizar questões atuais, podemos destacar a cena em que a protagonista Laura, após se divorciar de Edgar, por descobrir que o mesmo teve uma filha em Portugal, e carregar o estigma social de “mulher divorciada”, sofre uma tentativa de abuso sexual do senador Laranjeiras. A cena recebeu críticas positivas do movimento feminista em 2013<sup>33</sup>, sobretudo acerca do posicionamento da personagem:

Laura: [...] eu não acredito, o marido dessa senhora que me atacou, me agrediu e eu tenho que sair acuada como se tivesse cometido um crime? [...] pois eu prefiro ficar sozinha do que viver assim [...] a minha dignidade não depende de ter um homem ao meu lado, não depende de entrar ou não em lugares como esse, não depende do julgamento nem da aprovação de vocês [...] (Rede Globo, Lado a Lado, 2013)<sup>34</sup>.

Outro fator que pode demonstrar a relação da novela com o presente é a trilha sonora contemporânea utilizada, com músicas atuais, um modelo atípico em tramas de época, incluindo sambas atuais e um rap nacional, remetendo ao movimento *hip hop* como resistência da periferia, executados principalmente na ambientação dos espaços periféricos,

---

<sup>31</sup> Cena exibida em 10/12/2012 e disponível em < <http://globoplay.globo.com/v/2132133/> > Acesso em março de 2017.

<sup>32</sup> Cena exibida em 06/10/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2175897/> > Acesso em março de 2017.

<sup>33</sup> Artigo sobre a cena no blog “Blogueiras feministas” < <http://blogueirasfeministas.com/2013/01/estupro-em-lado-a-lado-aula-de-feminismo-e-boa-dramaturgia/> > Acesso em agosto de 2016.

<sup>34</sup> Cena exibida em 12/01/2013 e disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2342313/> (Acesso em janeiro de 2017).

como o Morro da Providência e também elementos como diálogos coloquiais contemporâneos, sendo criticada inclusive sobre esta questão, especificamente em torno do uso da palavra “divórcio”, ou expressões utilizadas pela personagem Neusinha como “Adoro!”.

De fato, “Lado a Lado” se coloca como a história dos avanços do presente, dos direitos adquiridos nos dias atuais, discurso presente nos anúncios<sup>35</sup> da telenovela na televisão, que recupera imagens históricas tanto verídicas como fictícias de movimentos como o movimento “caras pintadas” de *impeachment* do presidente Fernando Collor, movimento hippie e de contracultura dos Estados Unidos, movimento de direitos civis dos negros nos Estados Unidos, a independência da mulher feminina e inserção das mulheres no mercado de trabalho, etc.:

---

<sup>35</sup> Anúncio feito na televisão disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=u0SkDwpHRkI> > Acesso em agosto de 2016.

**Figura 2: Anúncio televisivo de “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012)**



**Fonte: Montagem elaborada pela autora a partir das cenas do anúncio, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=u0SkDwpHRkI> Acesso em março de 2017**

Escolhida pelo Emmy Internacional como “Melhor novela de 2013”, “Lado a Lado” também foi premiada pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP) no mesmo ano, na sétima edição do Prêmio Camélia da Liberdade, vencendo na categoria “Veículo de Comunicação”, por retratar as condições da população negra após a abolição da escravidão, trazendo reflexões sobre o tempo presente e a situação atual do negro no Brasil. É importante ressaltar que a telenovela traz também um primeiro casal protagonista negro, Camila Pitanga e Lázaro Ramos (Isabel e Zé Maria). Outro fator que devemos destacar sobre

a novela e o protagonismo negro no gênero é o fato de que a obra foi a que mais apresentou personagens não-brancos (31%) em sua trama central nos últimos 20 anos<sup>36</sup>.

Neste seguimento, é importante pensar na representação dos negros na trama, assim como os problemas enfrentados por essa população, sobretudo no que se refere ao prejuízo histórico e ao racismo estrutural, pensando na época da história:

a) Orgulho e consciência negra;

Isabel: Muitos dizem que eu sou até clarinha demais [...] mas eu sou uma mulher negra (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>37</sup>.

b) Engajamento, negros como sujeitos ativos de sua história, protagonizando manifestações, revoltas populares na luta por direitos, como a participação de Zé Maria na Revolta da Chibata;

Zé Maria: Agora eu quero lembrar uma coisa pro senhor, a escravidão já acabou há 22 anos no Brasil, agora tem gente que não entendeu isso ainda, né? [...] Que disciplina é essa? Que só é aplicada aos marujos negros? [...] Que o meu corpo fique marcado pra eu mostrar pros filhos que eu ainda vou ter, assim como meu pai me mostrou as surras que ele levou na época em que era escravo [...] já são 400 anos de açoite no meu povo, capitão e o senhor pode ter certeza, isso vai acabar, os meus filhos não vão ser açoitados como o pai e o avô, não. Eles vão viver num mundo diferente desse que vocês criaram, desse mundo de intolerância, de violência e de um ódio sem explicação (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>38</sup>.

c) Sabem de sua história, de suas contribuições para o país e para a cultura brasileira;

Isabel: [...] diferente de vocês dois que ainda estão vivendo do lucro que tiveram com o sangue do meu povo, eu trabalho pra viver (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Dado retirado da pesquisa "A raça e o gênero nas novelas nos últimos 20 anos", realizada pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMMA): Disponível em <<http://gemma.iesp.uerj.br/infografico/infografico3/>> Acesso em março de 2017.

<sup>37</sup> Cena exibida em 12/09/2012 e disponível em <<http://globoplay.globo.com/v/2136060/>> Acesso em março de 2017.

<sup>38</sup> Cena exibida em 08/11/2012 e disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2232228/>> Acesso em março de 2017.

<sup>39</sup> Cena exibida em 24/09/2012 e disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2155216/>> Acesso em março de 2017.

d) Se posicionam contra o racismo que vivem;

Zé Maria: Elias, Olavo [...] eu sei o que foi que vocês passaram ontem, isso aí tem nome, sobrenome e data de nascimento: racismo, preconceito. Na época da escravidão, os meus avós, os seus bisavós foram trazidos para o Brasil à força. A gente lutou muito até conquistar a nossa liberdade, mas ainda falta muito até a gente conseguir respeito [...] Infelizmente vocês vão ouvir muita coisa assim na vida. Agora, nunca abaixem sua cabeça (Rede Globo, Lado a Lado, 2013)<sup>40</sup>.

e) Resistência no cultivo de suas manifestações culturais estigmatizadas;

Isabel: Eu vou pra Paris ensinar samba! Jeannete, você não tem [...] você não tem ideia do que significa. As pessoas daqui dizem que o samba é um sacolejo indecente de gente negra, imagina? A nossa música na Europa, um pouco do Brasil na Europa, do meu país, feito pelo suor do povo negro como meu pai ... a música do nosso povo, gente! (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>41</sup>.

Tia Jurema: Candomblé é a minha religião, não tem nada a ver com feitiçaria [...] o candomblé é a herança que a minha gente trouxe da África que não pode ser renegada e que ninguém tem direito de condenar (Rede Globo, Lado a Lado, 2013)<sup>42</sup>.

Tia Jurema [sobre a capoeira]: Você era muito nova, não lembra do tempo da escravidão direito, nosso povo tinha que arrumar um jeito de se defender e é por isso mesmo que é bonito, é um orgulho nosso [...] (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>43</sup>.

---

<sup>40</sup> Cena exibida em 11/01/2013 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2340739/> > Acesso em março de 2017.

<sup>41</sup> Cena exibida em 06/11/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2228284/> > Acesso em março de 2017.

<sup>42</sup> Cena exibida em 23/01/2013 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2363334/> > Acesso em março de 2017.

<sup>43</sup> Cena exibida em 25/09/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2157097/> > Acesso em março de 2017.

f) Discurso sobre a marginalização sistemática;

Afonso: Uma vida inteira dedicada ao trabalho [...] e de repente a gente é jogado no lixo como mendigo (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>44</sup>.

Afonso: [...] a gente achava que não tinha mais feitor e dono de escravo, mas eles tão tudo aí disfarçado de autoridade (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>45</sup>.

Zé Maria: Quando a polícia e o os jornais falam que a capoeira é coisa de bandido, é porque é coisa de preto, mas essa foi a única maneira que o nosso povo encontrou na época da escravidão pra poder se defender da violência dos capitães do mato [...] a escravidão já acabou, mas ainda falta muito pra gente conquistar respeito, uma vida digna (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>46</sup>.

Tia Jurema [sobre a capoeira]: Só proibiram porque querem nosso povo sempre por baixo (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>47</sup>.

Podemos considerar essas representações e discursos vindos de personagens negras como avanços e produto de deslocamentos, o que nos convém retomar o estudo de Araújo (2000), sobretudo, as reflexões sobre a representação dos negros nas telenovelas que tinham como contexto a luta abolicionista da escravidão.

De acordo com Araújo (2000), o surgimento de telenovelas com contexto no período abolicionista se dá na década de 70, no entanto, é a partir de “Escrava Isaura” (Rede Globo, 1977) que a luta abolicionista passa a ser representada em adaptações para a televisão de romances do século XIX. Araújo (2000) atribui tal emergência e sucesso de tramas sobre o período abolicionista, bem como adaptações de clássicos da literatura brasileira, como uma maneira de não tentativa da criação de rachaduras, lançando mão dessas narrativas, como sem relação com o presente cenário político de ditadura militar, de modo que este tipo de telenovela não pudesse ir contra os interesses do governo na época. Levando em conta a

---

<sup>44</sup> Cena exibida em 11/09/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2134077/> > Acesso em março de 2017.

<sup>45</sup> Cena exibida em 12/10/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2186783/> > Acesso em março de 2017.

<sup>46</sup> Cena exibida em 22/09/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2152767/> > Acesso em março de 2017.

<sup>47</sup> Cena exibida em 25/09/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2157097/> > Acesso em março de 2017.



relação entre a Rede Globo e o governo militar, muito embora a emissora defenda que também sofreu com as censuras da época, tal afirmação é bastante plausível.

Antes de “Escrava Isaura”, os escravos negros somente compunham o cenário das obras como figurantes, ou sendo sempre representados como servos dóceis ou como alívio cômico, seguindo a tradição de criação de personagens empregadas negras engraçadas, prática comum nas novelas da década de 70, com uma tímida presença de alguma personagem resistente com o regime escravocrata, ainda em se tratando de adaptações de grandes clássicos, muitas vezes essas dissidências vinham de alterações feitas pelo autor da novela.

Com o sucesso de “Escrava Isaura”, adaptação do livro de Bernardo Guimarães, autor abertamente abolicionista, as novelas que retratavam esse período passaram a condenar explicitamente o regime escravocrata, sendo seu lugar comum na programação o horário das seis, ficando com o passar do tempo, cada vez mais frequente a inserção de personagens negras com importância para o enredo das histórias.

Vale lembrar que a escrava Isaura foi a escrava de maior sucesso na televisão, sendo até hoje umas das novelas brasileiras mais vendidas e exportadas para o mundo. A personagem era branca desde o romance, sendo que a telenovela só destacou ainda mais suas características:

O adaptador ressaltou em Isaura as características já presentes no romance: ela era fina, segundo os padrões brancos, amante da música clássica, tocava piano, aprendera línguas estrangeiras, cozinhava pratos franceses, dissertava sobre eles e ensinava os escravos a se comportar com fineza na casa-grande. Era também uma cristã fervorosa, diferente do seu anjo da guarda, Januária, praticante de uma religião negra – a única referência à cultura negra brasileira e às suas formas de resistência que a novela apresenta, mesmo assim muito rapidamente. Até mesmo o discurso da personagem, na defesa do fim da escravidão, era feito com o mesmo tom humanitário e levemente distanciado, usado por qualquer abolicionista euro-descendente no século XIX, mesmo depois da vingança do vilão, que a tirou do conforto da casa-grande e a enviou para o trabalho duro no canavial (ARAÚJO, 2000, p. 204).

Em “Escrava Isaura”, as personagens negras figuravam como “anjos da guarda” e confidentes da protagonista, ou como antagonistas. A novela apresentava dois núcleos de personagens brancas, no entanto, nenhum de negras. Os escravos negros demonstravam servidão e docilidade, sendo Rosa, a vilã, escrava ressentida e que tinha inveja dos privilégios da protagonista, a única personagem negra com algum orgulho racial. Ainda na trama, a

libertação dos escravos no fim da novela é representada como um ato de bondade das personagens brancas (ARAÚJO, 2000).

A partir de 1978, as telenovelas passam a representar os negros com um papel mais ativo na luta por sua libertação, apresentando a luta abolicionista como eixo central da narrativa, como em “Sinhazinha Flô” (Rede Globo, 1978), porém ainda representando os grandes líderes abolicionistas como brancos e a amizade inter-racial como fim da discriminação, com uma confraternização entre ex-escravos e senhores abolicionistas em seu desfecho.

Em “Sinhá Moça” (Rede Globo, 1986), já temos a tentativa de uma perspectiva equilibrada, em que negros e brancos estão engajados na luta contra a escravidão, representando algumas fugas, rebeliões e resistência dos escravos. No desfecho da novela, os escravos são libertos com a Lei Áurea, porém é mostrado o contraste entre os recém-libertos e os imigrantes italianos, destacando a alegria e esperança dos primeiros, e os segundos rumando para as cidades sem perspectiva.

A novela “Pacto de Sangue” (Rede Globo, 1989) marca as comemorações de cem anos de abolição da escravidão e apresenta o maior elenco negro das novelas da década de 70 e 80, com dois núcleos centrais na narrativa formados por personagens negras. Na trama, temos a presença de um quilombo chefiado pela babalorixá Mãe Quitinha, bem como o orgulho racial e a fidelidade às raízes e descendência africanas são ressaltados, muito embora a narrativa de amor ainda tenha como protagonistas um casal branco.

Não necessariamente relacionados ao contexto da escravidão e da luta abolicionista, é necessário destacar alguns elementos que se tornam marcos para a representatividade negra nas telenovelas. Podemos destacar: a primeira família negra na Rede Globo<sup>48</sup> em “A próxima vítima” (Rede Globo, 1995), a primeira protagonista negra de uma telenovela brasileira em “Xica da Silva” (Rede Manchete, 1996), posteriormente as primeiras protagonistas negras da Rede Globo em “Da cor do pecado” (Rede Globo, 2004) – ainda que reforçando alguns signos pejorativos associados à negritude no Brasil –, “Viver a vida” (Rede Globo, 2009), “Cama de Gato” (Rede Globo, 2009), bem como a presença de personagens negras com grande importância no desenvolvimento das histórias como em “Cobras e Lagartos” (Rede Globo, 2006), “Geração Brasil” (Rede Globo, 2014), “Cheias de Charme” (Rede Globo, 2014) ; e minisséries como “Subúrbia” (Rede Globo, 2012), “Cidade dos Homens” (Rede Globo, 2002-2005), “Mister Brau” (2015-).

---

<sup>48</sup> A primeira família negra em telenovelas é representada por “Vidas em Conflito” (TV Excelsior, 1969).

De maneira geral, a pesquisa realizada em Araújo (2000), com as primeiras telenovelas brasileiras nos anos 60 até o final dos anos 90, nos demonstra que muito embora haja tido avanços quanto à representatividade negra nas telenovelas, ainda houve a persistência de alguns estereótipos, sendo que essas produções ainda não fazem jus à composição étnica do Brasil, operando em uma negação dessa diversidade.

Em relação aos problemas do racismo e das desigualdades raciais na sociedade brasileira nas telenovelas, de acordo com Araújo (2000), até os anos 90 temos o isolamento do racismo como uma característica das personagens más, como um ato individual, e como um problema social a ser enfrentado somente pela população afro-descendente. Neste aspecto, destacam-se tramas que representam a ambiguidade do racismo cordial e sutil, como “Anjo Mau” (Rede Globo, 1997) e “Por Amor” (Rede Globo, 1997), sendo que essa mudança pode ser considerada como um desdobramento do avanço ocorrido nas novelas abolicionistas da década de 90.

Levando em conta este histórico no tratamento ao racismo nas telenovelas descrito por Araújo (2000), podemos compreender o diálogo entre as personagens Laura e Edgar em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012):

Laura: Não, eu não quero esquecer [...] eu não quero esquecer, Edgar! Os meus pais participaram disso, os meus avós, os seus [...] a mão que segurava o chicote ou que mandava bater era dos nossos antepassados, do nosso sangue, a gente tem tudo a ver com isso.

Edgar: Temos, temos sim (Rede Globo, Lado a Lado, 2012)<sup>49</sup>.

Deste modo, levando em conta enunciado pela personagem Laura, o racismo e as desigualdades raciais em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) são enquadrados e significados como um problema tanto do grupo social branco, como do grupo social dos negros, sendo ressaltados o papel e lugar da geração atual na relação com o passado escravocrata, sobretudo, os descendentes dos antigos senhores de escravos; isso pode ser compreendido pelos trechos como “a gente tem tudo a ver com isso”, por meio do pronome inclusivo “a gente”, trata-se de um dizer que não deixa de estar em relação com os sentidos reverberados também no tempo presente, no ano de 2012.

---

<sup>49</sup> Cena exibida em 28/11/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2262379/> > Acesso em janeiro de 2017.

Ainda sobre o enfoque que as telenovelas dão ao racismo e à desigualdade racial brasileira, dois casos são dignos de nota, uma vez que se relacionam com a contradição de valores presente no signo ideológico (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2009). A primeira cena abaixo (Figura 3) foi transmitida na telenovela “Duas Caras” (Rede Globo, 2007) e traz a personagem negra Gislaine (Juliana Alves) lendo o livro “Não somos racistas” (2009) do cientista social e jornalista Ali Kamel, diretor do jornalismo de Rede Globo, e de posicionamentos contrários a política de cotas raciais.

**Figura 3: Cena da telenovela “Duas Caras” (Rede Globo, 2007)**



**Fonte: Disponível em < <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/wp-content/uploads/2014/11/image256.jpg> > Acesso em março de 2017**

A obra “Não somos racistas” (Kamel, 2009), publicada em sua primeira edição em 2006, não é considerada um trabalho científico, muito embora, o autor se valha de autores e trabalhos sobre as relações raciais brasileiras, muitos dos quais com estudos que corroboram a sua posição, sendo negada a existência do racismo no Brasil, com base no enaltecimento do processo de miscigenação; valorando a demanda pelas cotas como uma reprodutora de opressões e segmentação: “De repente, nós que éramos orgulhosos da nossa miscigenação, do nosso gradiente tão variado de cores, fomos reduzidos a uma nação de brancos e negros. Pior: uma nação de brancos e negros onde os brancos oprimem os negros. Outro susto: aquele país não era o meu” (KAMEL, 2009, p. 18).

Diante disso e considerando que a telenovela “Duas Caras” (Rede Globo, 2007) é transmitida no início do período do debate sobre a legitimidade de adoção das cotas raciais -

sendo que, já naquele ano algumas instituições estaduais de ensino superior já haviam implementado um sistema de ingresso baseado em critérios raciais, como também sociais – podemos compreender a personagem negra Gislaíne como um signo que carrega as posições ideológicas da emissora sobre as políticas de ações afirmativas, até como uma tentativa de maior legitimação de seu discurso, ao tentar ser representativo da parcela negra que se posiciona contrária à política.

Posteriormente e transmitida no dia da consciência negra, a saber em 20 de novembro de 2009, temos a cena em que Helena, personagem negra vivida por Taís Araújo na novela “Viver a Vida” (Rede Globo, 2009), recebe um tapa da personagem Tereza, enquanto se coloca de joelhos diante dela (Figura 4). É importante lembrar que dentre a galeria de “Helenas”, como protagonistas clássicas das novelas do autor Manoel Carlos, representadas como mulheres independentes e pertencentes à classe média alta carioca, Taís Araújo se destaca como a primeira personagem negra do segmento, estreando no horário nobre, reservado as obras de Manoel Carlos.

**Figura 4: Cena da telenovela “Viver a vida” (Rede Globo, 2009)**



Fonte: Disponível em

[http://www.correio24horas.com.br/fileadmin/user\\_upload/tt\\_news/pics/%7B143A62FE-886B-44D5-8C7C-F5D5018F0121%7D\\_foto.jpg](http://www.correio24horas.com.br/fileadmin/user_upload/tt_news/pics/%7B143A62FE-886B-44D5-8C7C-F5D5018F0121%7D_foto.jpg) > Acesso em março de 2017

Tomando os dois casos, que foram objeto de críticas tecidas pelo movimento social negro brasileiro, podemos compreender a relação de contradição no interior do signo

ideológico, bem como o fato apontado por Araújo (2000) da persistência de algumas estigmatizações na representação do negro nas telenovelas, sendo que somente a presença de personagens negras no papel de protagonistas, como no caso de Helena, não significa que possam ser refletidos valores de cunho racista, nesse caso uma submissão do negro ao branco, demonstrada na composição da cena em “Viver a Vida” (Rede Globo, 2009). Assim, podemos dizer que tais deslocamentos, isto é, personagens negras em tramas televisivas, como protagonistas no caso da atriz Taís Araújo muitas vezes não representa grandes avanços no que tange a uma representatividade negra, isso porque a resistência pode significar e reverberar velhos sentidos, simbolizando hierarquias, bem como estereótipos.

Assim, considerando o percurso do gênero telenovela, bem como os trajetos e percurso histórico de seus enquadramentos sobre a questão racial e as desigualdades raciais brasileiras, podemos dizer que o gênero, desde sua gênese, ao mesmo tempo em que apresenta uma certa “permeabilidade à atualidade” (MARTÍN-BARBERO, 2009), refrata e distorce a dimensão extra-verbal com a qual se encontra em relação. Isso porque é preciso ter em conta que as questões da vida não são transpostas simplesmente para a arte em uma relação de causalidade, muito pelo contrário, em se tratando de uma obra de época, a relação entre a vida e a telenovela “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) é distorcida pelo simulacro da matriz melodramática, ao mesmo tempo em que a ética é ideologizada tornando-se signo, se emprenhando de valores.

Assim, lançando mão das reflexões bakhtinianas sobre a relação entre ética e estética, inicialmente as considerações de Bakhtin [Volochínov] (2009), podemos dizer que pensar a relação entre infraestrutura e ideologia, arte e vida, por extensão, por uma relação direta se mostra extremamente limitado. Isso porque temos que considerar as diferenças qualitativas entre uma instância e outra, bem como a complexa rede de relações que produzem sentidos, bem como as distorções dos acontecimentos da vida discursivizando-se na passagem da infraestrutura para a superestrutura. Isto posto, podemos dizer que o modo como “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) diz, ou seja, a relação que trava com o tempo presente, com ano de 2012, mesmo em sua condição de uma obra de época, e os seus avanços no tocante a representar as personagens negras em uma certa complexidade de características humanas (com vícios e virtudes), lhe é conferido por esse longo percurso histórico de transformações no âmbito do gênero e da sua relação com a vida.

## Capítulo III – As ações afirmativas no Brasil

*“Toda vez que a gente avança, eles nos pedem calma  
Cotas é só o começo, eles nos devem até a alma”  
 (“Se você ainda não notou”, música de Lázaro Erê e Rone Dum Dum).*

Dando seguimento, neste capítulo trabalharei com a noção de resposta, tomando os discursos sobre racismo e desigualdade racial presentes na telenovela “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) a partir da questão: “a que respondem estes enunciados?”, compreendendo-os em relação aos discursos produzidos no âmbito do debate sobre Ações Afirmativas no ano de 2012, no intuito de estabelecer seus potenciais fios ideológicos e de sentido com a vida. Isto posto, considerarei a telenovela como um tipo de comunicação e enunciado, sendo assim, a mesma não pode ser desvinculada da vida, necessitando desta esfera para fazer sentido, uma vez que remete sempre a uma dada realidade extraverbal que lhe engatilha, refletindo assim também os valores ideológicos de uma dada classe e sendo determinada pelo horizonte social de uma dada época (VOLOCHÍNOV, 2013).

Para compreendermos essa complexa relação entre vida e arte, Bakhtin [Volochnikov] (2009) nos propõe um caminho: o estudo do material verbal, ou seja, o estudo da palavra, levando em consideração seu caráter dialógico. Assim, de acordo com o autor, a palavra, estando presente em todos os tipos de interação verbal humana e servindo de suporte material a todas as relações sociais em todos os domínios, é constituída de ideologia e representa todas as mudanças sociais que ocorrem, podendo servir até àquelas transformações que ainda não foram expressas em criações ideológicas complexas e acabadas.

### 3.1 A luta contra o racismo e as Ações Afirmativas no Brasil

Podemos compreender como Ações Afirmativas medidas focais, de caráter compensatório, que possuem como principal objetivo corrigir desigualdades e permitir o acesso de grupos sociais e minorias historicamente discriminadas à educação, trabalho, saúde, bens materiais, bem como sua inserção em redes de proteção social e/ou reconhecimento e

valorização social e cultural. Assim, o termo “ação afirmativa”<sup>50</sup> pode circular socialmente apresentando uma variedade de sentidos e sob várias formas, podendo assumir diferentes recortes e clivagens sociais, abarcando questões raciais e étnicas, de gênero, mobilidade, etc.:

Entre as medidas que podemos classificar como ações afirmativas, podemos mencionar: incremento da contratação e promoção de membros de grupos discriminados no emprego e na educação por via de metas, cotas, bônus ou fundos de estímulo; bolsas de estudo; empréstimos e preferência em contratos públicos; determinação de metas ou cotas mínimas de participação na mídia, na política e outros âmbitos; reparações financeiras; distribuição de terras e habitação; medidas de proteção a estilos de vida ameaçados; e políticas de valorização identitárias (GEMAA<sup>51</sup>).

Desta maneira, tais medidas podem envolver uma promoção de igualdade material ou de acesso a direitos básicos de cidadania, podendo partir da iniciativa de empresas privadas ou do poder público, centralizadas ou descentralizadas, voluntárias ou a partir de uma determinação judicial.

A ideia de ação afirmativa, bem como a origem do termo, nos remonta aos Estados Unidos na década de 60, no contexto do movimento por direitos civis, no âmbito das reivindicações democráticas pelo movimento negro norte-americano, que lutava pela expansão da igualdade e das oportunidades. Naquele contexto, o movimento negro norte-americano exige do governo o fim das leis segregacionistas do sistema Jim Crow, que separavam negros e brancos, e a garantia de direitos fundamentais como o voto. Esse movimento se concentra principalmente no período entre 1954 e 1980, com diversas manifestações populares, campanhas e protestos, tendo como principais figuras Martin Luther King, a Associação Nacional Para o Progresso de Pessoas de Cor (em inglês NAACP), o movimento Black Power e o partido político Panteras Negras. No entanto, países da Europa Ocidental, Malásia, Índia, Austrália, Canadá, Nigéria, Argentina, Cuba, entre outros, também possuem experiências com este tipo de política, em cada contexto a partir de uma clivagem diferente, baseada nas necessidades de cada território e sociedade.

---

<sup>50</sup> Segundo Munanga (2001), podemos nos deparar com diferentes nomenclaturas, como “equal opportunity policies”, “ação positiva”, “discriminação positiva” ou “políticas compensatórias”.

<sup>51</sup> Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa – GEMAA. (2011) “Ações afirmativas”. Disponível em < [http://gema.iesp.uerj.br/index.php?option=com\\_k2&view=item&layout=item&id=1&Itemid=217](http://gema.iesp.uerj.br/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=1&Itemid=217) > Acesso em março de 2017.



Assim, a noção de Ação Afirmativa é bem ampla, se referindo a âmbitos como mercado de trabalho, sistema educacional, contratação e promoção de funcionários, representação midiática, sendo que seu formato mais difundido e adotado, o sistema de cotas, estabelece que um determinado percentual deve ser ocupado em dado espaço por um segmento populacional específico. Tomando as ações afirmativas no contexto brasileiro, com a redemocratização do Brasil, a partir do fim formal do regime militar e a reorganização dos movimentos sociais, as minorias políticas passam a exigir do poder público a adoção de medidas específicas para combater desigualdade, sejam de gênero, raciais ou étnicas (MOEHLECKE, 2002).

Segundo Moehlecke (2002), o primeiro registro do que podemos considerar como proposta de ação afirmativa data de 1968 e parte de um grupo de Técnicos do Ministério e do Tribunal Superior do Trabalho que se manifestam a favor da criação de uma lei que obrigasse as empresas privadas a manter uma percentagem mínima de “empregados de cor”; no entanto, tal lei não chega a ser elaborada.

A próxima iniciativa viria nos anos 80, quando o então deputado federal Abdias Nascimento formula um projeto de lei, propondo uma ação compensatória, porém, tal projeto não é aprovado pelo Congresso Nacional:

Entre as ações figuram: reserva de 20% de vagas para mulheres negras e 20% para homens negros na seleção de candidatos ao serviço público; bolsas de estudos; incentivos às empresas do setor privado para a eliminação da prática da discriminação racial; incorporação da imagem positiva da família afro-brasileira ao sistema de ensino e à literatura didática e paradidática, bem como introdução da história das civilizações africanas e do africano no Brasil (MOEHLECKE, 2002, p. 204).

Acerca da questão racial, os anos 80 são fortemente marcados pela mobilização do movimento social negro em denunciar o mito da democracia racial, pressionando o Estado para que este assuma a existência de desigualdades entre negros e brancos. Nesse sentido, em 1984, o governo decreta a Serra da Barriga, território do antigo Quilombo dos Palmares, como patrimônio histórico; e em 1988, em ocasião de mobilizações e manifestações do Centenário da Abolição, cria a Fundação Cultural Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura, com o objetivo de servir de apoio à ascensão social da população negra. Neste mesmo ano, temos a promulgação da Nova Constituição, na qual o texto do documento traz alguns deliberações

com o princípio de ações afirmativas, como a proteção do mercado de trabalho da mulher e a reserva percentual de cargos e empregos públicos para deficientes físicos.

Em 1995, temos o que seria uma primeira política de cotas a ser adotada por todo território nacional, por meio da legislação eleitoral: fica estabelecida uma cota mínima de 30% de mulheres para candidaturas de todos os partidos políticos. Uma ideia que advém de experiências em 1991 no Partido dos Trabalhadores (PT) e na Central Única dos Trabalhadores (CUT) em 1993, consequência das reivindicações do movimento feminista.

No âmbito do movimento negro, a marcha Zumbi contra o Racismo pela Cidadania e a Vida, realizada em 1995, representa um marco, no que se refere a uma maior aproximação entre o governo e o movimento social. O documento entregue ao governo pelo movimento negro, denominado “Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial”, continha propostas de políticas públicas para a população negra.

A partir do recebimento de tal documento, em 20 de novembro de 1995, o então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, institui, por meio de decreto, o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) para desenvolver e pensar políticas de promoção e valorização da população negra. O grupo realiza dois seminários e tira 46 propostas de ações afirmativas em âmbitos como educação, saúde, trabalho, comunicação, sendo algumas implementadas, porém com recursos limitados e abrangência e impactos restritos.

Como defende Santos (2007), a criação desse Grupo de Trabalho é de suma importância, pois possibilita a discussão sobre a desigualdade racial no Brasil, promovendo a discussão e inclusão da questão racial na agenda política nacional. Em 1996, é realizado o Seminário Internacional “Multiculturalismo e racismo: o papel da Ação Afirmativa nos estados democráticos contemporâneos”, que conta com a participação do então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, organizado pela Secretaria de Direitos da Cidadania do Ministério da Justiça, e com o objetivo de debater o racismo no Brasil e a formulação de políticas públicas de combate à discriminação e à desigualdade racial, como as ações afirmativas (SANTOS, 2007).

Durante o governo FHC, podemos destacar algumas políticas que foram elaboradas pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), no ano de 2002, como a criação do Programa Bolsa-Prêmio de Vocação para Diplomacia, que institui bolsas-auxílio para preparação de candidatos negros para o concurso de admissão à carreira de diplomacia. Temos também o Programa Diversidade na Universidade, criado no mesmo governo, e que visava conceder bolsas de estudos a estudantes de baixa renda e/ou afrodescendentes matriculados em cursos

pré-vestibulares populares, muito embora, tenha sido efetivado somente no governo do presidente Lula.

Alguns tratados internacionais também foram utilizados pelos movimentos sociais como forma de pressão ao governo, como é o caso da Convenção n.111, da Organização Internacional do Trabalho, que se refere à discriminação nos âmbitos do trabalho e da profissão, ratificada pelo decreto n. 62.150 em 1968, em que o Brasil se compromete em formular políticas de promoção de igualdade de oportunidades e tratamento no mercado de trabalho. Diante deste descumprimento, em 1992, a CUT, juntamente com o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade (CEERT), envia uma denúncia à Organização Internacional do Trabalho (OIT), denunciando o poder público brasileiro. Em decorrência desse fato, em 1995, é criado o Grupo de Trabalho para Eliminação da Discriminação no Emprego e Ocupação, vinculado ao Ministério do Trabalho, com o objetivo de pensar ações de combate à discriminação no emprego e na ocupação.

Em 1996, é lançado o Programa Nacional de Direitos Humanos pela recém-criada Secretaria de Direitos Humanos, que estabelece como um dos seus objetivos desenvolver políticas de acesso dos negros a cursos profissionalizantes e à universidade, e pensar políticas compensatórias que promovam social e economicamente a população negra.

No mesmo ano, temos a realização do seminário “Ações afirmativas: estratégias antidiscriminatórias?”, promovido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), e também o seminário “Multiculturalismo e racismo: o papel da ação afirmativa nos estados democráticos contemporâneos”, organizado pelo Ministério da Justiça.

De acordo com Moehleck (2002), no âmbito do Poder Legislativo, algumas propostas de lei que continham ações afirmativas são apresentadas: em 1993, uma proposta de Emenda Constitucional pelo deputado federal Florestan Fernandes (PT/SP); em 1995, projetos de lei pela senadora Benedita da Silva (PT/RJ); e, no mesmo ano, é encaminhado o projeto de Lei n. 1.239 pelo deputado federal Paulo Paim (PT/RS); já em 1998, o deputado federal Luiz Alberto (PT/BA) propõe os projetos de lei n. 4.567 e 4.568; e, em 1999, temos o projeto de lei n. 298, do senador Antero Paes de Barros (PSDB/MT).

Até o final dos anos 1990, nenhum projeto de lei tinha sido aprovado ou implementado. Somente a partir de 2001, é que são aprovadas políticas de Ações Afirmativas por decisão do poder público, como no Ministério do Desenvolvimento Agrário, no qual foi criada uma portaria que determinava uma cota de 20% para negros na estrutura institucional

do Ministério e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Segundo Moehleck (2002), outros ministérios também adotaram ações afirmativas nesse período:

Ministério da Justiça, em 2001, portaria de contratação, até o fim de 2002, de 20% de negros, 20% de mulheres e 5% de portadores de deficiências físicas para os cargos de assessoramento do Ministério. O mesmo princípio será aplicado às empresas de prestação de serviços para o órgão federal. O Ministério de Relações Exteriores decidiu que, a partir de 2002, serão concedidas vinte bolsas de estudo federais a afrodescendentes que se preparam para o concurso de admissão ao Instituto Rio Branco, encarregado da formação do corpo diplomático brasileiro. Medidas semelhantes também são encontradas em outras instâncias (MOEHLECKE, 2002, p. 208).

A inclusão da questão racial brasileira na agenda política nacional se consolida após a “III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata” realizada em 2001, de 30 de agosto a 7 de setembro, na cidade de Durban, na África do Sul, sendo que a partir daí a pauta passa a figurar nas propostas dos candidatos à presidência da república (SANTOS, 2007).

Para o ingresso no Ensino Superior, a primeira lei com esse perfil é aprovada no Rio de Janeiro, como lei estadual, a partir de 2003, e reservava 50% de vagas dos cursos de graduação das universidades do estado para os alunos de escola pública, e aliada com outra medida estadual determinava que 40% de tais vagas deveriam ser destinados para alunos negros e pardos. A aprovação de tais leis estaduais abre procedência para as instituições como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro em 2001 implementarem ações afirmativas para estudantes negros, por meio do sistema de cotas.

A Universidade de Brasília (Unb) é a primeira instituição federal de Ensino Superior a adotar o sistema de cotas para estudantes negros e indígenas, uma ação aprovada em 2003 e com início em 2004; a partir daí, há um crescimento significativo das políticas de ações afirmativas para grupos raciais e sociais, por meio da autonomia de iniciativas dos conselhos universitários, como resultado da articulação de professores e alunos ligados ao movimento negro presentes nas universidades.

Em 21 de março de 2003, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva cria a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR); assim, o governo brasileiro, sobretudo na figura do presidente Lula, reconhece oficialmente a existência de desigualdades

e discriminações raciais no Brasil, rompendo com o discurso oficial de que o país é uma democracia racial (SANTOS, 2007). O presidente Lula ainda propõe junto ao Congresso Nacional o projeto de lei n. 3.627, que instituíria um sistema Especial de Reserva de Vagas para estudantes de escolas públicas (negros e indígenas) nas instituições públicas federais de educação superior, porém, a proposta não teve sucesso em sua aprovação no Congresso.

Além das políticas públicas citadas acima com base na articulação de critérios raciais e sociais, é possível pensarmos ainda no impacto e efeitos advindos de políticas econômicas como o Bolsa Família, o Programa Universidade Para Todos (Prouni), a criação e expansão de universidades por meio de medidas como o Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), ocasionando em certa medida uma mobilidade econômica da população mais pobre, logo, da grande parcela da população negra do Brasil.

Tomando a luta por cotas raciais empreendida pela militância negra, podemos dizer, de acordo com Santos (2014), que os movimentos sociais negros brasileiros, já na primeira metade da década de 1940, se colocavam na luta por medidas compensatórias, tendo a educação como pauta central, antes mesmo da ideia de ação afirmativa surgir no contexto dos Estados Unidos. Nesse contexto, no âmbito dessas reivindicações, temos a produção de documentos como o “Manifesto às Forças Políticas da nação brasileira” e o “Manifesto à Nação Brasileira”: o primeiro, lançado pela “Convenção Política do Negro” (1945), realizada no Rio de Janeiro; e o segundo, na “Convenção Nacional do Negro Brasileiro”, realizada em São Paulo (1945) e no Rio de Janeiro (1946), um desdobramento da Convenção Política do Negro, organizada por militantes do Teatro Experimental do Negro e da União Negra Brasileira.

Propondo que a questão racial brasileira deveria constar nos programas políticos dos partidos, bem como a defesa de políticas afirmativas compensatórias para a participação de negros no processo eleitoral por meio de um sistema de cotas, em 1950, o Teatro Experimental do Negro organiza o 1º Congresso do Negro Brasileiro, requerendo como uma das propostas um sistema de cotas e de reserva de vagas para candidatos negros nos partidos brasileiros.

Assim, podemos conceber o movimento social negro brasileiro como um conjunto heterogêneo de entidades, tendo em suas demandas alguns pontos de intersecção como a luta pela igualdade racial, que tem como um dos caminhos a conquista pela educação formal e de políticas educacionais aliadas com a diversidade étnico-racial. Desta forma, após a abolição da escravidão e no âmbito dos primeiros movimentos sociais negros organizados do início do

século XX, a reivindicação por educação formal se torna uma das pautas principais da população negra.

Isso sem contar as manifestações pela melhoria de vida e contra o racismo, como a Revolta da Chibata, que pode ser considerada com uma das primeiras manifestações públicas de um movimento social negro organizado e emergente, uma vez liderada por marinheiros negros da Armada Brasileira.

Ainda no período recente de pós-abolição, temos a emergência das associações negras, como clubes sociais e de futebol, bailes, concentradas em sua maioria nos grandes centros do país, como Rio de Janeiro e São Paulo, criadas com o objetivo de integração dos afro-brasileiros e de promover a cultura afro-brasileira, bem como espaços de lazer e recreação alternativos, devido ao preconceito sofrido em outros espaços do tipo. A partir dessas organizações e associações, temos o fortalecimento da imprensa negra, decorrente, principalmente, dos jornais informativos dessas entidades, divulgando suas atividades e, a partir de 1920, tratando de pautas políticas como a questão racial, com enfoque na situação do negro na sociedade brasileira, destacando a necessidade da educação formal e incentivando a alfabetização como meio de superação das dificuldades.

Sobre a demanda por educação formal, tem destaque a Frente Negra Brasileira, surgida em 1931 e chegando a ter 60 mil membros associados em 1936, quando se torna um partido político, se configurando como uma das mais significativas instituições de luta dos negros, com notórias conquistas como a admissão de negros na Guarda Civil. A Frente tinha a educação como um valor e oferecia cursos de alfabetização e vocacionais para adultos, criando até um colégio elementar com curso primário - num primeiro momento com funcionamento extra-oficial e depois, a partir de 1934, sendo reconhecido formalmente pelo Estado de São Paulo que nomeou professores para a escola – aceitando não só alunos afrodescendentes, como também descendentes de japoneses e alunos brancos pobres.

### **3.2 Das transformações na vida às transformações na arte**

Partindo deste contexto socioeconômico, isto é, levando em conta o histórico das mudanças sociais ocasionadas na base material, podemos tomar agora com maior cuidado o material verbal, os discursos presentes em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) sobre o racismo e as desigualdades raciais no Brasil, compreendendo em que medida os mesmos se relacionam com os dizeres na vida a respeito desses mesmos problemas.

Deste modo, podemos conceber que as mudanças ocorridas no seio da infraestrutura determinam a produção de discursos sobre as desigualdades raciais no interior da superestrutura.

As mudanças na esfera das leis e do discurso do poder público nos permitem compreender a existência de uma relação dialógica entre a ideologia oficial e a ideologia do cotidiano. No âmbito da ideologia do cotidiano, os discursos produzidos pelo movimento negro e seus militantes começam a adentrar a esfera da ideologia oficial e, na luta pelas significações, passam a ressignificar a história negra no Brasil, exigindo medidas para o combate das desigualdades raciais.

A presença e emergência de um governo de posicionamento político de centro-esquerda, que se coloca como mais próximo e voltado às reivindicações dos movimentos sociais, corrobora para que alguns avanços ocorram como a promulgação do Estatuto da Desigualdade Racial e a criação da Secretaria Especial de Promoção de Políticas pela Igualdade Racial (SEPPIR), bem como políticas como o Prouni e a sanção e promulgação da Lei 10.639/2003<sup>52</sup>, que influem na inclusão e promoção da população negra e pobre.

O que estou entendendo como debate de Ações Afirmativas de 2012 trata-se especificamente da ação movida em setembro de 2009, pelo Partido Democratas (DEM), que ajuizou no Supremo Tribunal Federal (STF) a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADF) n. 186, questionando judicialmente a política de Ações Afirmativas para estudantes negros que foi implementada pela Universidade de Brasília, por meio de um sistema de cotas. É válido lembrar que o DEM foi formado por membros do antigo Partido da Frente Liberal (PFL) e que possuía ideologias consideradas de direita, sendo fundado em 1985, após o fim formal da ditadura militar no Brasil. Assim, o PFL que era uma dissidência ao antigo Partido Democrático Social (PDS) que apoiou a ditadura militar, sucessor da Aliança Renovadora Nacional (ARENA), muda seu nome para Partido Democratas em 2007. O Julgamento da ADF ocorreu nos dias 25 e 26 de abril de 2012, e a ADF, movida pelo DEM, é considerada improcedente pelos juízes do STF (com votação unânime dos dez juízes).

No tocante à materialidade linguística e à produção dos discursos, e partindo do contexto social da aprovação das políticas de Ações Afirmativas no Brasil em 2012, catapultando significativas mudanças nas relações sociais da infraestrutura, nesta seção

---

<sup>52</sup> A Lei nº 10.639/2003 versa sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira e indígena, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e privados do Brasil.

busquei construir uma compreensão dos discursos sobre racismo e desigualdade racial em “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) em relação com os dizeres sobre racismo no âmbito da discussão sobre a constitucionalidade e legitimidade da adoção das cotas raciais para a população negra brasileira.

Podemos dizer que o terreno discursivo partilhado entre a telenovela e o debate trata da retomada da história da escravidão no Brasil e de seus desdobramentos na atualidade, sendo esse tempo atual tanto o ano de 2012, como o ano de 1910, ambientado pela trama. Nesse sentido, a escravidão no Brasil é rememorada no que concerne ao fato da antiga ordem social ainda ser vigorante na atual, sobretudo na hierarquização entre brancos e negros, como enunciado pela personagem Afonso, pai de Isabel e ex-escravo liberto pela assinatura da Lei Áurea:

(1) Afonso: [...] a gente achava que não tinha mais **feitor e dono de escravo**, mas eles tão tudo aí disfarçado de autoridade (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>53</sup>.

A oposição entre grupos sociais é marcada pela personagem a partir de signos como “feitor” e “dono de escravo”, posições sociais do período escravocrata brasileiro e, que segundo Afonso, ainda são persistentes tais hierarquizações, uma vez que as autoridades, como policiais, governantes, ainda exercem o poder coação sob a população negra e marginalizada. A recuperação de tais signos do passado escravocrata também é realizada pelo jornalista e cientista social Matheus Pichonelli no texto “Reações às cotas subestimam o racismo”, publicado na versão digital da revista Carta Capital, em abril de 2012, como podemos depreender a partir do seguinte trecho: (2) “Pois a **Casa Grande** segue inacessível. E, para reconhecer a **Casa Grande**, basta um passeio pelos lugares frequentados apenas por uma elite histórica” (Portal da revista Carta Capital, coluna de Matheus Pichonelli de 27 de abril de 2012, grifos meus)<sup>54</sup>.

O signo “Casa Grande” uma vez retomado do contexto escravocrata, também é ressignificado uma vez que é contextualizado no ano de 2012 pelo jornalista, e a “Casa Grande” passa a ser valorada enquanto os diversos espaços negados e inacessíveis ao grupo social negro e ocupado por uma elite, como um resquício histórico da separação entre espaços como a senzala e casa grande dos senhores de escravos.

---

<sup>53</sup> Cena exibida em 12/10/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2186783/> > Acesso em março de 2017.

<sup>54</sup> Texto disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/politica/reacoes-as-cotas-subestimam-o-racismo> > Acesso em fevereiro de 2017.



Os enunciados apresentados pela telenovela também se relacionam com os discursos do debate, no que se refere ao fato de a abolição da escravidão ser valorada como fato ainda muito recente tanto no contexto do ano de 2012, como na conjuntura histórica do ano de 1910, em que é retratada “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012). Essa relação pode ser compreendida no texto de Lucas Bacelette, em publicação no portal Geledés, sobre as cotas raciais:

(3) E isso por uma questão muito complexa de **desvantagem histórico-social, que tem suas origens lá na escravidão (ainda muito recente no nosso país)** (Portal Geledés, artigo “Por que ser a favor das cotas raciais no Brasil” de 05 de junho de 2013, grifos meus)<sup>55</sup>.

O advérbio “lá” no excerto acima (3), como expressão dêitica retoma o passado, contextualizando a desvantagem histórico-social do povo negro. Portanto, a abolição da escravidão enunciada e significada como um acontecimento recente ainda embasa a relação entre vida e arte a partir de enunciados que versam sobre a necessidade de mudanças sociais para o alcance da igualdade entre negros e brancos; como podemos compreender a partir dos dizeres das personagem Zé Maria, nas quais é possível identificar o padrão enunciativo “ainda falta muito”:

(4) Zé Maria: A gente lutou muito até conquistar a nossa liberdade, **mas ainda falta muito** até a gente conseguir respeito [...] (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>56</sup>.

(5) Zé Maria: [...] **a escravidão já acabou, mas ainda falta muito** pra gente conquistar respeito, uma vida digna (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>57</sup>.

O padrão enunciativo apresenta como componente o verbo “falta”, no tempo presente, e seguido do advérbio “muito”, podemos compreender que Zé Maria se refere à necessidade de mudanças sociais e à conquista de direitos como respeito e o fim do preconceito; isto é, a conquista da liberdade aqui não significa o fim do racismo. Esse sentido também pode ser

---

<sup>55</sup> Texto disponível em < <http://www.geledes.org.br/por-que-ser-a-favor-das-cotas-raciais-no-brasil-por-lucas-bacelette/#gs.TfWYHmc>.> Acesso em fevereiro de 2017. É importante pontual que o texto (3) “Por que ser a favor das cotas raciais no Brasil”, publicado no portal Geledés ultrapassa em três meses o escopo temporal para o recenseamento dos dados dessa pesquisa, no entanto, julguei o material como representativo do tipo de discurso que corroboraria com a nossa compreensão.

<sup>56</sup> Cena exibida em 11/01/2013 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2340739/> > Acesso em março de 2017.

<sup>57</sup> Cena exibida em 22/09/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2152767/> > Acesso em março de 2017.

depreendido novamente pela expressão “muito tempo” que aparece na fala da personagem Isabel, ao se referir aos desdobramentos da escravidão no Brasil:

(6) Isabel: E eu quero muito crescer [...] **o Brasil ainda vai demorar muito tempo pra apagar as manchas da escravidão**, eu sei que aqui eu não tenho muita chance (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>58</sup>.

Ainda sobre o dizer de Isabel (6), temos o signo “manchas da escravidão” que valoram negativamente o futuro do Brasil, a ser marcado pela falta de oportunidade para os afrodescendentes como a personagem.

Pensando nas cenas da telenovela dentro do contexto do gênero como um todo, podemos compreender o uso de um tom didático, sendo que dentro da matriz cultural do melodrama a oralidade se coloca como um componente muito importante. Assim, a história é narrada, ainda que por meio das personagens, sendo que as contextualizações históricas e a enunciação dos problemas enfrentados pela população negra assume um tom de didatismo, por meio de asseverações por parte dos sujeitos que se posicionam contra o racismo. Um dos exemplos dessa contextualização histórica pode ser apreendida a partir de falas como da personagem Edgar, que destaca o papel do governo para com a mudança da realidade, sobretudo na obrigação de promover a educação formal da população negra:

(7) Edgar: A Laura tem razão, **foram jogados da senzala pra ruas**, o governo não deixou outra alternativa pra essas pessoas senão a miséria”.

Bonifácio: São analfabetos, Edgar. Não possuem qualificação pra nenhum emprego digno, compreende? O que que o governo poderia fazer?

Isabel e Edgar [ao mesmo tempo]: **Qualificá-los** (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>59</sup>.

O papel do Estado para com o combate às desigualdades também é destacado nos textos sobre o debate de Ações Afirmativas, como nos excertos abaixo, retirados do texto do portal da Carta Capital (2) e no do Portal Geledés (3):

---

<sup>58</sup> Cena exibida em 05/11/2012 e disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2226273/>> Acesso em março de 2017.

<sup>59</sup> Cena exibida em 15/09/2012 e disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2141611/>> Acesso em março de 2017.

(2) **Mas é dever do Estado** criar regras para garantir acesso a lugares públicos, como a universidade (Portal da revista Carta Capital, coluna de Matheus Pichonelli de 27 de abril de 2012)<sup>60</sup>.

(3) Em suma: negro não era gente. Além disso, a "Lei Áurea" **apenas retirou o negro da condição de "objeto" e o pôs na sociedade totalmente "cru", sem estudo e nem preparo**, portanto não havia condições de eles competirem com os imigrantes europeus e depois japoneses que desembarcavam aos milhares nos portos brasileiros (Portal Geledés, artigo “Por que ser a favor das cotas raciais no Brasil” de 05 de junho de 2013, grifos meus)<sup>61</sup>.

Ambos os trechos destacados acima, ressaltam a negligência do poder público para com os negros libertos, denotando a falta de formação para a sua inserção no mercado de trabalho. Portanto, seria do Estado o dever de garantir o acesso dessa população a determinados espaços, sendo a educação, em ambos os trechos, um elemento importante para essa inclusão. Esse papel da educação também se faz presente no diálogo e nas posições políticas defendidas pelas personagens Laura e Edgar em seu diálogo com o senador Bonifácio.

Podemos também compreender o trecho “foram jogados da senzala para as ruas” como uma paráfrase do trecho “a Lei Áurea apenas retirou o negro da condição de objeto e o pôs na sociedade totalmente cru”, denotando a passagem do racismo de dominação para o racismo de marginalização e exclusão.

O estabelecimento de paralelos entre o recente passado escravocrata e o tempo presente também é enunciado por meio das reflexões sobre o lugar que os negros ocupam na sociedade, sobretudo a partir do processo de estigmatização:

(8) Laura: É incrível, **a escravidão acabou há vinte e dois anos e as pessoas ainda olham pros negros da mesma forma**, como se nunca fossem bem vindos em lugar em nenhum.

Edgar: **Só pra servir.**

Laura: Como se estivessem **sempre sob suspeita.**

---

<sup>60</sup>Texto disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/politica/reacoes-as-cotas-subestimam-o-racismo> > Acesso em fevereiro de 2017.

<sup>61</sup> Texto disponível em < <http://www.geledes.org.br/por-que-ser-a-favor-das-cotas-raciais-no-brasil-por-lucas-bacelette/#gs.TfWYHmc>.> Acesso em fevereiro de 2017.

Edgar: Como se fossem **uma eterna ameaça** (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>62</sup>.

O preconceito sofrido pelo grupo social negro é descrito pelas personagens Laura e Edgar como resquícios do regime da escravidão, perdurando o olhar de estigmatização que determinam sua posição de subalternidade na sociedade. Assim, segundo a fala da personagem os negros ainda não conseguem acessar certos espaços, senão em encargos e ocupações subalternas, como o trabalho de limpeza, por exemplo, bem como ainda são associados à criminalidade.

Essa relação também pode ser compreendida nos textos midiáticos que retomam esses preconceitos, ao tratarem da necessidade das cotas raciais, uma vez que os negros ainda são maioria em posições subalternas, referentes ao trabalho braçal, e ainda são vistos como potenciais criminosos:

(2) No País da miscigenação, é parte da paisagem ver herdeiros da escravidão **servindo ou pedindo para engraxar os sapatos**. Quando acontece o contrário, são logo **considerados “suspeitos”** (Portal da revista Carta Capital, coluna de Matheus Pichonelli de 27 de abril de 2012)<sup>63</sup>.

(3) [...] num processo de estigmatização social fortíssimo (ande numa rua deserta à noite e dê de cara com um branco ou com um negro; não, sua reação não é a mesma, nem a minha) (Portal Geledés, artigo “Por que ser a favor das cotas raciais no Brasil” de 05 de junho de 2013, grifos meus)<sup>64</sup>.

Nos trechos acima é possível nos depararmos ainda com o signo “país da miscigenação”, por meio do qual ecoam as vozes que defendem a miscigenação como um elemento para a negação do racismo e das desigualdades. A expressão “herdeiros da escravidão” presente no excerto (2) atribui sentidos aos sujeitos afrodescendentes, uma vez que as dificuldades enfrentadas por esse grupo social é historicamente constituída. A situação descrita pelo excerto (3) também nos é simbolicamente e socialmente reconhecida, uma vez que remonta a situações cotidianas de racismo sofridas por jovens negros.

---

<sup>62</sup> Cena exibida em 28/11/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2262379/> > Acesso em janeiro de 2017.

<sup>63</sup> Texto disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/politica/reacoes-as-cotas-subestimam-o-racismo> > Acesso em fevereiro de 2017.

<sup>64</sup> Texto disponível em < <http://www.geledes.org.br/por-que-ser-a-favor-das-cotas-raciais-no-brasil-por-lucas-bacelette/#gs.TfWYHmc> > Acesso em fevereiro de 2017.

É importante destacar que a afirmação da existência do racismo e de desigualdades raciais na sociedade brasileira, é feita a partir do uso da própria palavra “racismo”, não sendo atenuada por signos como “preconceito”, muito embora por vezes esse último tenha emergência nas falas das personagens, porém, pode-se perceber um encadeamento do sentido em paráfrase (“racismo, preconceito”). As falas abaixo das personagens Edgar e Zé Maria nos permite compreender este avanço na telenovela:

(9) Edgar: Engole esse **racismo** nojento, pai! (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>65</sup>.

(10) Zé Maria: Elias, Olavo [...] eu sei o que foi que vocês passaram ontem, isso aí tem nome, sobrenome e data de nascimento: **racismo, preconceito**” (Rede Globo, Lado a Lado, 2013, grifos meus)<sup>66</sup>.

Outro elemento que corrobora com as produções do sentido e que ganha destaque no conjunto das relações dialógicas entre o debate de ações afirmativas em 2012 e a telenovela trata dos signos como “marcas da escravidão” e “cicatrices”, se referindo aos problemas latentes herdados da tradição escravocrata brasileira de quase quatro séculos de dominação e violência:

(11) Tia Jurema: A revolta dos marinheiros foi um passo muito importante pra gente se livrar das **marcas da escravidão**, Zé [...] (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>67</sup>.

(12) Laura: Mas eles que sofreram a violência. Edgar, a Isabel me falou que contava as **cicatrices** nas costas do pai quando era pequena [...] a Madre não pensa nisso, não, não só a Madre, ninguém?

Edgar: Só não esquece, Laura, **quem tem a cicatriz no corpo**, como o seu Afonso, o Zé Maria ... (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>68</sup>.

Aqui é válido refletir sobre a potencial relação polissêmica, que ambas as expressões tomam tanto sentidos próprios, como sentidos figurados, se referindo tanto à cicatrizes deixadas nos corpos dos ex-escravos pela violência escravagista, como pelo estigma social e

---

<sup>65</sup> Cena exibida em 22/10/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2202613/> > Acesso em março de 2017.

<sup>66</sup> Cena exibida em 11/01/2013 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2340739/> > Acesso em março de 2017.

<sup>67</sup> Cena exibida em 19/11/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2250192/> > Acesso em março de 2017.

<sup>68</sup> Cena exibida em 28/11/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2262379/> > Acesso em janeiro de 2017.

simbólico que carrega a negritude. O signo “cicatriz” também produz ecos na fala do juiz Luiz Fux, em ocasião do julgamento do STF em 2012:

(13) A opressão racial da sociedade escravista brasileira deixou cicatrizes que se refletem na diferenciação de afrodescendentes. A injustiça do sistema é absolutamente intolerável (...) Viva a nação afrodescendente!”, argumentou o juiz Luiz Fux” (Portal “Exame.com”, “Cotas em universidades não alimentam racismo, decidem juízes”, notícia veiculada em 10 de agosto de 2012, grifos meus )<sup>69</sup>.

Outro elemento discursivo significativo e recorrente trata das referências ao tempo futuro, uma retomada presente tanto na telenovela e como no debate de Ações Afirmativas, sendo neste último, o tempo futuro se faz presente nas afirmações de que as cotas raciais devem ser encaradas como medidas provisórias, não sendo necessárias no futuro:

(14) Tia Jurema: **um dia** isso vai fazer toda diferença, o orgulho que você e seus companheiros deram pro Elias e pra toda essa garotada feito ele, de que não precisa abaixar a cabeça porque é negro, precisa lutar [...] faz mais diferença do que o que o governo tem feito até agora [...] vai fazer diferença pro filho do Elias, pro neto dele [...] (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>70</sup>”

(15) Zé Maria: já são 400 anos de açoite no meu povo, capitão e o senhor pode ter certeza, **isso vai acabar** [...] (Rede Globo, Lado a Lado, 2012, grifos meus)<sup>71</sup>”

Neste aspecto, podemos pensar esse tempo futuro como signo que comporta sentidos que podem estar relacionados tanto ao ano de 2012, na perspectiva da narrativa ambientada em 1910, quanto em uma prospectiva de um futuro ainda mais distante de 2012.

Tendo em conta este cotejo que realizei entre os enunciados de Lado a Lado e o debates sobre Ações Afirmativas em 2012, podemos dizer que a obra televisiva opera uma intersecção entre diferentes ordens sociais, travando um contato entre dois tempos e duas épocas. Neste sentido, ao estabelecer a relação entre esses dois contextos, recupera, ao mesmo

---

<sup>69</sup> Texto disponível em < <http://exame.abril.com.br/brasil/a-adocao-das-cotas-em-universidades-e-vitoria-para-negros/> > Acesso em fevereiro de 2017.

<sup>70</sup> Cena exibida em 19/11/2012 e disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2250192/>> Acesso em março de 2017.

<sup>71</sup> Cena exibida em 08/11/2012 e disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2232228/> > Acesso em março de 2017.

tempo que ressignifica signos como o racismo e a desigualdade racial, uma vez que opera o contato entre passado e presente, sendo o passado ressignificado pelas lutas do presente, e neste contexto, e o presente contextualizado pelo passado escravocrata.

A releitura e avaliação dessa história se faz com base nos valores hoje socialmente vigentes, no contexto de uma sociedade em que a questão racial toma as esferas do poder pública, catapultando leis e políticas que promoveram e ainda promovem mudanças nas relações sociais, sendo que o signo ideológico carrega esses deslocamentos.

A metodologia e o gesto do cotejo entre os enunciados nos permitem compreendê-los em relação, partindo do pressuposto que a telenovela é contextualizada pelo ano de 2012, e seu sentido se completa quando também se é posta em relação a essa dimensão além de seus limites. O cotejo assim, nos permite ir além, estabelecer os paralelos entre as produções verbais, e entender o modo como telenovela diz, buscando estabelecer essas pontes, completar seus sentidos.

Neste sentido, podemos dizer que a telenovela em seu discurso se aproxima da complexidade da questão racial brasileira, ao significar a conquista da liberdade, a libertação dos escravos e fim da escravidão, não como uma solução ao problema do racismo, mas apenas como um começo da luta negra por respeito. Aqui, podemos compreender que a libertação não significou um fim do racismo e das desigualdades.

## 5. Considerações Finais

Retomando brevemente as questões de pesquisa que nortearam a compreensão que busquei construir, posso dizer que as mesmas se concentraram na investigação das potenciais relações entre a telenovela “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) e o debate sobre ações afirmativas no ano de 2012, partindo da hipótese de que em ambas as esferas temos a produção de discursos sobre o racismo e as desigualdades raciais presentes na sociedade brasileira. Desta forma, posso dizer que o debate sobre ações afirmativas se mostrou antes como um “gancho” para o recenseamento de discursos sobre o racismo na mídia brasileira.

Neste seguimento e com o objetivo de construção de um olhar dialógico de pesquisa para buscar identificar essa possível relação entre vida e arte, e tomando a metodologia bakhtiniana do cotejo de textos, lancei mãos de alguns pensares bakhtinianos como pontos de partida para o trabalho, tendo sido centrais as noções como o caráter dialógico do enunciado e a plurivalência do signo ideológico (BAKHTIN, 2009; VOLOCHÍNOV, 2013). Neste sentido, as reflexões realizadas me permitiram pensar a relação entre a vida e a arte de modo complexo, levando em conta as instâncias intermediárias e os reflexos e distorções dos valores ideológicos de classe envolvidos em sua relação com a vida.

O diálogo realizado entre os pensamentos bakhtinianos e alguns teóricos da comunicação de massa dentro da perspectiva dos Estudos Culturais permite pensar a comunicação de massa e as produções da indústria cultural como arenas de luta entre sentidos e posições ideológicas dos grupos sociais de uma sociedade. Assim, posso dizer que no que concerne ao debate sobre racismo, a posição da grande mídia tradicional controlada por uma pequena elite branca é de rejeição e negação da existência do racismo e das desigualdades, recalcada da construção de uma identidade cultural e racial brasileira constituída pelo discurso do mito da democracia racial (HALL, 2002; SODRÉ, 1999), bem como está voltada para interesses de classe neoliberais da classe média. No entanto, essa tentativa de monologização das vozes sobre o preconceito enquanto tomada de posição de um grupo social já compreende o apagamento e silenciamento das vozes negras que denunciam o racismo velado, refratando esses discursos ao minimizar esses problemas denunciados.

Partindo para o estudo da telenovela enquanto gênero, e especificamente buscando identificar as relações que “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) estabelece com o tempo presente de 2012, em se tratando de uma trama de época, compreendi a matriz cultural do melodrama como principal estrutura sob a qual se consolida o modelo da telenovela brasileira



(MARTÍN-BARBERO, 2009), muito embora as obras televisivas brasileiras sigam fórmulas propriamente estabelecidas pela relação que travam com o cotidiano nacional. Deste modo, posso considerar o gênero e sua estrutura como terreno profícuo para as inovações presentes na telenovela.

Sobre essas inovações, a consideração do percurso histórico da representação do ativismo negro, bem como a relação de personagens com o racismo e as desigualdades raciais na telenovela, contextualização realizada a partir da pesquisa de Araújo (2000), nos permitiu aproximar a telenovela “Lado a Lado” (Rede Globo, 2012) de sua potencial relação com as mudanças históricas no que concerne a questão racial brasileira.

Portanto, se mostrou de suma importância considerar esse longo percurso histórico de transformação do gênero no tratamento da diversidade racial brasileira, bem como as questões de mercado envolvidas na busca por audiência e obtenção de lucro, haja visto que a Rede de Globo de Televisão é uma empresa inserida em um contexto capitalista de grande difusão de ideais neoliberais.

Nesta continuidade, é preciso compreender a telenovela dentro de uma situação extra-verbal bem mais ampla, na esteira das mudanças sociais ocorridas na sociedade brasileira até o ano de 2012, nas quais emergem no contexto de luta pelos sentidos, as reivindicações por novas narrativas e representatividades por parte de grupos minoritários.

Deste modo, as discussões sobre o racismo e as desigualdades raciais, que toma conta da agenda política do Brasil no contexto do debate sobre as cotas raciais de 2012, se faz a partir das lutas históricas do movimento negro desde o pós-abolição, que vem tentando exigir do Estado o compromisso com o combate à discriminação.

Tais reflexões sobre a relação entre a vida e arte, entre a infraestrutura e a superestrutura, nos dão condição para refletir sobre a constituição da ideologia oficial, como significada a partir dos valores de um grupo dominante, mas que não pode ser separada da vida e das trocas verbais do cotidiano, que produzem a partir de um longo período histórico de lutas as rachaduras nos significados hegemônicos.

Neste aspecto, é interessante notar que a palavra e o signo uma vez localizados no entremeio entre a vida e arte se emprenha de distintos valores pertencentes aos diferentes grupos sociais de nossa sociedade; isso pode ser compreendido na relações entre negros e brancos, nos embates ideológicos das lutas pelos sentidos atribuídos a negritude e à história do negro brasileiro.

Neste seguimento, proponho pensarmos a relação entre a vida e arte, com base na presente pesquisa realizada, como em uma relação de espiral, em um movimento tanto de aproximação como também de afastamento. Portanto, a telenovela se aproxima do debate de cotas se pensarmos no tratamento que dá à questão racial brasileira, sobretudo, na afirmação da existência do racismo que a mesma opera e suas pontes com o tempo presente; do mesmo modo, pode se afastar se levarmos em conta a dimensão extra-verbal mais ampla do ano de 2012, a partir de elementos como a questão socioeconômica da representação das novas classes e as questões de mercado envolvidas nas produções de telenovela pela emissora Rede Globo, e até mesmo o fato de que as pautas sociais são transpostas em Lado a Lado a partir de um simulacro de uma novela de época, evidenciando que a passagem entre vida e arte não é direta. Assim, nesse movimento espiralado, a arte reflete e refrata a vida, consensua com as estruturas sociais ao mesmo tempo em que as transgride.

Entre as hegemônias do silenciamento das vozes negras operado pela grande mídia, o que inclui as Organizações Globo, e os consensos produzidos nas esferas dos mitos sobre a identidade racial brasileira, a telenovela “Lado a Lado” estabelece uma relação singular e única com as questões em pautas no contexto sociopolítico de sua produção, se relacionando com uma visão da sociedade brasileira contemporânea tanto ao ano de 1910 quanto ao ano de 2012, no sentido do entrecruzamento entre novas e velhas ordens sociais.

Abrindo possibilidades para trabalhos futuros, uma vez que a presente dissertação não pretendeu esgotar as possibilidades do enquadramento dos dados de pesquisa, acredito que a reflexão realizada demonstrou um caminho profícuo para um futuro aprofundamento no estudo dos signos ideológicos, e nas passagens das ideologias do cotidiano para a esfera da ideologia oficial; sobretudo, no atual contexto das crescentes mudanças sociais catapultadas pelo empoderamento de grupos minoritários, no interior das novas regularizações dos veículos comunicativos da Internet, bem como a cooptação das pautas dos movimentos sociais pelo sistema capitalista.

## Referências bibliográficas

- ADORNO, T. W. HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Antônio de Almeida (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1947.
- AMORIM, M. O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- ARAÚJO, J. Z. A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.
- BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. São Paulo: Editora Martins Fontes, 6ª ed., 2011.
- \_\_\_\_\_. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. São Paulo: Hucitec, 7ª ed., 2014.
- CEVASCO, M. E. Para que estudos de cultura? In: Estudos Culturais: uma abordagem prática. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.
- FERIN, I. A televisão das mulheres: ensaios sobre a recepção. In: A televisão das mulheres: ensaios sobre recepção. Portugal: Books on Demand, 2006.
- GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. Palavras e Contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012, p. 19-39.
- HALL, S. A redescoberta da ideologia: o retorno do recalcado nos estudos midiáticos. In: RIBEIRO, A. P. G., SACRAMENTO, I. Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Race, a Floating Signifier”. Media Education Foundation. Transcrição de palestra. 1997a. Disponível em <<http://www.mediaed.org/cgibin/commerce.cgi?preadd=action&key=407>> Acesso em março de 2017.

\_\_\_\_\_. “The Spectacle of the ‘Other’”. In: \_\_\_\_\_ (org.) Representation: Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage/Open University, 1997b.

HOGGART, R. As utilizações da cultura: Aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Coleção Questões, Editorial Presença. Lisboa, Portugal. 1973.

KAMEL, A. Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

KELLNER, D. A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, tradução de Ivone Castilho Benedetti, 2001.

PORTO E SILVA, F. L. Melodrama, folhetim e telenovela: anotações para um estudo comparativo. In: FACOM, nº 15, 2º semestre de 2005, p. 46-54.

MARQUES, D. P., LOPES, I. G., LISBÔA FILHO, F. F. Percursos e características da telenovela brasileira. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Audiovisual, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011/1/artigos/Percursos%20e%20caracteristicas%20da%20telenovela%20brasileira.pdf>> Acesso em março de 2017.

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009, 6ª ed.

MATTERLART, A. MATTERLART, M. A história das teorias da comunicação. Edições Loyola. São Paulo, 1999. 16ª ed.

MAURO, R. Aspectos da midiaticização do consumo e do sentido de classe social na telenovela: a representação da “nova classe C”. Dissertação de mestrado. Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-28012015.../RosanaMauro.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-28012015.../RosanaMauro.pdf)> Acesso em março de 2017.

MOEHLECKE, S. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. In: Cadernos de Pesquisa, n. 117, novembro/2002, p. 197-217.

MOTTER, M. L. A telenovela: documento histórico e lugar de memória. In: Revista USP, São Paulo, nº 48, 2001, p. 74-87.

MUNANGA, K. Políticas de ação afirmativa em benefício da População negra no Brasil: um ponto de vista em defesa de cotas. In: *Sociedade e Cultura*, v. 4, n. 2, jul./dez. 2001, p. 31-43.

NEWCOMB, H. Sobre aspectos dialógicos da comunicação de massa. In: RIBEIRO, A. P. G., SACRAMENTO, I. Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 359-387.

LOPES, M. I. V. Narrativas televisivas e identidade nacional: o caso da telenovela brasileira. Trabalho apresentado no NP14 – Núcleo de Pesquisa Ficção Seriada, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador, 2002. Disponível em <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002\\_Anais/2002\\_NP14LOPES.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP14LOPES.pdf)> Acesso em março de 2017.

\_\_\_\_\_. Telenovela Brasileira: Uma narrativa sobre a nação. In: *Comunicação & Educação*. São Paulo, (26): 17 a 34, jan./abr. 2003.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade na telenovela brasileira. Trabalho apresentado no XXIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2014. Disponível em <[http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT12\\_ESTUDOS\\_DE\\_TELEVISAO/template\\_xxiicompos\\_2278-1\\_2246.pdf](http://compos.org.br/encontro2014/anais/Docs/GT12_ESTUDOS_DE_TELEVISAO/template_xxiicompos_2278-1_2246.pdf)> Acesso em março de 2017.

PONZIO, A. A revolução bakhtiniana: O pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Editora Contexto. São Paulo, 2016. 2ª ed.

SANTOS, S. A. Movimentos Negros, educação e ações afirmativas. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1973/1/Tese%20Sales%20versao%20final%203.pdf>> Acesso em março de 2017.

\_\_\_\_\_. Ações Afirmativas nos Governos FHC e Lula: um Balanço. In: Tomo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Universidade Federal de Sergipe. n. 24 jan./jun, 2014.

SILVA, L. Melodrama e telenovela: dimensões histórica de um gênero/formato. Minas Gerais: Encontro Nacional de História da Mídia UFOP, Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, 2013. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da->

midia-audiovisual-e-visual/melodrama-e-telenovela-dimensoes-historica-de-um-genero-formato > Acesso em março de 2017.

SODRÉ, M. Claros e Escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1999.

STAM, R. Bakhtin e a crítica Midiática. In: RIBEIRO, A. P. G., SACRAMENTO, I. Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, pg. 331-357.

TEMER, A. C. R. P. As bases sociológicas nos estudos das teorias da comunicação. Comunicação: Veredas. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação. São Paulo: Ed. Unimar, 2005. V.4, n.4, 2005, p. 271-295.

VOLOCHÍNOV [BAKHTIN, M.]. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 13ª ed., 2009.

VOLOCHÍNOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V.N. A construção da enunciação e outros ensaios. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013, p. 71-100.

## **Outras fontes consultadas**

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em < <http://memoriaglobo.globo.com/> > Acesso em março de 2017.

GLOBO PLAY. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/> > Acesso em março de 2017.

GSHOW. Disponível em < <http://gshow.globo.com/> > Acesso em março de 2017.

A NEGAÇÃO DO BRASIL. Direção: Joel Zito Araújo, 1h e 32 min, 2000. Disponível em < <https://vimeo.com/190642004> > Acesso em março de 2017.

LADO A LADO. Rede Globo de Televisão. Autores: João Ximenes Braga e Claudia Lage. Direção: Dennis Carvalho e Vinícius Coimbra. 154 capítulos, 50 minutos, 2012.

GRUPO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES DA AÇÃO AFIRMATIVA (GEMAA). Disponível em < <http://gema.iesp.uerj.br/> > Acesso em março de 2017.